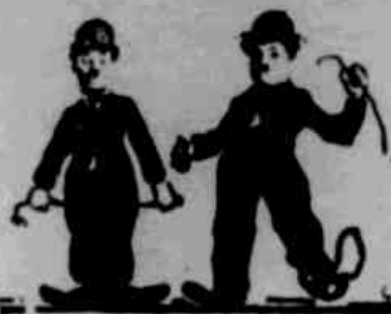
Para tod

Anno IV
Nº 198

MARCA REGISTRADA

Parc Royal
A Maior e a Melhor Casa do Brasil

Se a Exposição Nacional vae marcar uma grande etapa da vida do trabalho da Nação brasileira, na agricultura, no commercio e na industria, os numeros especiaes da *Illustração Brasileira*, de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro, commemorativos do Centenario, darão uma idéa exacta da nossa potencia intellectual e artistica.

Questionario

Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164, Ouvidor — Rio de Janeiro.

Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitas aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicamos; isso evitar-lhes-á muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o prazo das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.

A. M. F. (Barra de S. João) — Escreva para a fabrica que lhe chegará ás mãos com certeza: 485 Fifth Ave. N. Y. C.

BELEZINHA (Sorocaba — E' casada pela segunda vez. Brevemente satisfaremos o seu desejo.

ITUANA (Itú)— Não sabemos, mas deve ser protestante. Tambem ha cada pergunta!

PEPPINA (São Paulo) — Já deixou faz mais de anno o cinema.

ZE' PELIN (Porto Alegre)—1º, Fica promettido; 2º, Não sabemos, mesmo porque não cuidamos de séries; 3º, São feitos antes da fusão. 4º, Escreva umas cinco linhas em papel sem pauta, assignar seu nome, enviar um pseudonymo para a resposta (se o desejar) e aguardar a publicação que é sempre feita em ordem chronologica. Olhe que ha mais de mil á espera da vez.

LABECO ADMIRER (Porto Alegre) — 1º, 1600 Broadway N. Y. C. 2º, Esta actualmente em Londres; 3º.

GABRIEL DE CARVALHO (Rio)—Brevemente, amigo. Identico ao 1º, é solteirinha.

TURMALINA ROSA (Rio) — Tambem pensamos do mesmo geito. Quem julga porém é outro, o n. 3.

BELGRANO II (S. José dos Campos — 1º, E' muito difficil entrar para ella; 2º, Idem; 3º, Ha lá gente como terra a querer a mesma cousa.

L. RISPOLI (S. Paulo) — Só respondemos por aqui. Ahi vão: 1º, 2º, 5º, 6º, 7º e 8º, 485 Fifht Ave. N. Y. C.; 3º, 8th Ave. 48th Str. N. Y. C.; 4º, 476, Fifth Ave., N. Y. C.; 9º, 10th Av. 55to 56 Str. N. Y. C. 10º Universal City, Calif.

ADELAIDE (Araras) — 1476, Broadway, N. Y. C. Só respondemos por aqui, nunca por carta.

SANTOS (S. Paulo) — Enviará, de certo, se com a carta remetter 25 cents. em coupons reponse para cobrir o custo da photo e porte.

LABIATA (S. Luiz) — E' loura como a ironia; no film usa cabelleira curta, escura. Com Griffith.

LA'LINHA (S. Paulo) — 1º, E' da Paramount, actualmente; 2º, Deixou a Paramount, passando-se para a Robertson Cole; 3º, Nada sabemos a respeito; 4º, Já estão passando.

GLADYS WALTON

SEU BEM (Rio) — Meu nada! 485 Fifth Ave. N. Y. C.

O'BELISCO (Guaratinguetá) — 1º, Póde ser. O que affirmamos foi o que ouvimos, tão sómente. 2º, 485, Fifth Ave. N. Y. C. 3º, Universal City, Calif.

SATAN NELLA (Rio) — Dirija-se directamente á agencia; não servimos de intermediarios.

PERIGOSO ATHLETA (Belem) — Nem de nome conhecemos.

XIRIBIBI (Patos) — Que quer? Presumpção . agua benta, cada um toma o que quer. Não sabemos nada de definitivo.

SAMUEL TRISTINHO (Rio) — 485 Fifth Ave, é o endereço da fabrica.

PORTUGUEZ (Rio) — Foi escripto justamente por um representante da marca citada no artigo. Já vê...

ESCANDALISADA (Rio) — Por tão pouco. Então terá muitas outras occasiões de se escandalisar. Já escrevemos sobre o assumpto, em tempo.

BE'BE' DO DANIEL (Rio) — Não sabemos.

JA' COMEÇA (Rio) — Póde enviar. Se forem bons, como diz, publicaremos.

QUEM FOI QUE VIU? (São Paulo) — Eu não fui. 485 Fifth Ave. N. Y. C.

MISS AURORA VERDE (Caçapava) — Deixe disso moça! Olhe que de certo se arrependerá. Lá ha milhares de moças que têm o mesmo desejo e nem uma por mil consegue. Modere o enthusiasmo, case-se, seja feliz e tenha muitos filhos que disso é que nós precisamos. O mais é tolice.

ARRUDA BRAVA (Nictheroy) — E que temos nós com isso, não nos dirá? Escreva, escreva, que póde ser que um dia receba a resposta desejada. Em os dois ou tres ultimos numeros publicaremos os endereços todos.

CARLOTINHA (Taubaté) — E' solteiro, moça.

ROBERTO (Itararé) — Não é lá muito certo. Em todo caso, pode tentar.

Z. B. D. U. — (Friburgo) — Com a Paramount. Não sabemos. Solteira.

DIRECÇÕES DE ARTISTAS

Justine Johnstone e Walter Wanger, Tivoli Theater, London, Inglaterra.

Earle Williams, Alice Calhoun, Jean Paige, William Duncan, Larry Semon, Edith Johnson,

Pelos principaes cinemas da Avenida passaram esta semana bons films. O Parisiense, o Odeon, o Pathé e o Avenida brilharam.

Só no Central, no Rialto e no Palais passaram films inferiores. No Palais notadamente. Mas, já ninguem extranha a programmação do cinema que sem nenhum criterio louvavel quer á força, impôr a um publico entendido, determinadas marcas que não se podem applaudir. Ha films allemães que não se podem comparar de bons que são no genero. Porém são poucos. Dois ou tres. Appararecerам, fizeram fama. Até hoje esperamos pelos outros que os deviam succeder...

Assim é excusado insistir. A platéa do Rio não pode se interessar pelo que passa no "écran" do Palais emquanto por lá se exhibir o grosso da producção allemã que é sem nenhuma duvida o que ha mais exactamente exhaustivo, massador, insupportavel. Mya May, Notte Leumann podem desapparecer. E' tempo para o publico e muito principalmente para os exhibidores do Palais que já têm um de seus salões fechado. Deixemos o Palais... O Odeon fez passar uma nova producção franceza da Pathé Consortium, "A ordenança" creação de Mlle. Kovanko. A marca franceza se impoz com os "Tres Mosqueteiros". Trabalho a que fizemos certas referencias infelizmente cortadas malevolamente em jornal de Paris, mas que não deixou de fazer a popularidade de seus directores. Assim os films dessa procedencia dispertam certa curiosidade. "A ordenança" que acabamos de ver, agradou. Embora o motivo seja o tão já exploradissimo adulterio, elle foi tratado com certo encanto e cuidado, deixando-nos bem compensados pela seducção de Mlle. Kovanko, encantadora actriz. Os outros interpretes do film pouco mostraram. A empreza mudou o cartaz deixando muita gente sem ver Kovanko, e fez uma "réprise" com Jackie Coogan em "O meu menino". Só uma razão achamos para a mudança do cartaz do Odeon. A empreza Serrador quiz mostrar que em mesmas condições (Jackie Coogan está tambem no Rialto em "O garoto) o publico preferia o seu cinema.

No Pathé a Fox apresentou um estupendo trabalho em "O desconhecido". O film tendo todas as qualidades para interessar na interpretação de Eva Novak e Maurice Flyn, é surprehendente em sua parte dramatica que empolga pela maneira explorada nos romances do Far-West. Da Paramount não podemos especificar. Os seus films que appareceram no Avenida foram bons. Não havia, porém, em nenhum delles surprezas.

OPERADOR N.3

COTAÇÃO DOS FIMS — SEMANA DE 18 a 24 DE SETEMBRO DE 1922

MARCA	CINEMA	TITULO DO FILM	PRINCIPAES INTERPRETES	DATA	CLAS.
Pathé Consortium . .	Odeon . . .	A ordenança (L'ordonnance)	Mlle. Kovanko	1921	... 6 ...
Cosmopolitan-Paramount. .	Avenida . . .	Lagrimas e sorrisos (Back Pay) . .	Seena Owen	1922	... 6 ...
Paramount. .	Avenida . . .	Era uma vez um principe (A Prince there Was)	Thomas Meighan e Mildred Harris .	1921	... 6 ...
(*).	Rialto . . .	Tempos modernos (*)	Laurentine Huhnberg e Ferry Sykla .	?	... 4 ...
(*).	Central . . .	A florista de Nice	Suzanne Grandais	?	... 5 ...
Robertson-Cole	Parisiense . .	Amor de toureador (The Brand Lopez)	Sessue Hayakawa	1920	... 6 ...
Gallo-Film. .	Palais. . . .	A voz do oceano (La voix de l'ocean)	(*)	???	... 4 ...
First-National.	Odeon . . .	O meu menino (My Boy)	Jackie Coogan		Rep.
First-National.	Rialto. . . .	O garoto (The Kid)..	Jackie Coogan		Rep.
Fox	Pathé	O desconhecido (The Last Trail) . .	Eva Novak e Maurice Flyn	1921	... 6 ...
Fox	Central . . .	O prepotente (The Plunderer)	William Farnum	1918	Rep.
Realart . . .	Parisiense . .	Odio ou amor (Little Italy)	Alice Brady	1921	... 6 ...

(*) Não consta do programma.

Vitagraph Studios, Talmadge Avenue, Hollywood, California.

Corinne Griffith, e Diana Allen, para Vitagraph Company, East Fifteenth Street and Locust Avenue, Brooklyn, Nova York.

John Barrymore e Percy Marmont, Lambs Club, Nova York City.

Ben Wilson e Neva Gerber, para Ben Wilson Productions, Berwilla Studios, Hollywood, California.

Hope Hampton, 1540 Broadway, Nova York.

Rodolpho Valentino, Thomas Meighan, Leatrice Jay, Harrison Ford, Julia Faye, Gloria Swanson, William Boyd, Bert Lytell, Raymond Hatton, Mary Miles Minter, Lila Lee, Milton Sills, James Kirkwood, David Powell, Lois Wilson, Jack Holt, May MacAvoy, Agnes Ayres, Wanda Hawley, Dorothy Dalton, Bébé Daniels, Conrad Nagel, Betty Compson, Wallace Reid, e Jack Holt, Lasky Studios, Vine Street, Hollywood, California.

Norma e Constance Talmadge, Eugéne O'Brien, Edwards Burns, Elaine Hammerstein, Owen Moore, Niles Welsh, Jackie Coogan, e Dorothy Phillips, United Studios, Hollywood, California.

Madge Kennedy, Vincent Coleman e Monte Blue, Tilford Studios, West Forty-fourth Street, Nova York City.

Will Rogers, Talmadge Studios, 318 East Forty-eighth Street, Nova York City.

Shirley Mason, Tom Mix, Bessie Love, George Hackathorn, Gordon Griffith, Estelle Taylor, Charles ("Buck") Jones William Russell, Doris Pawn, Helen Ferguson, Barbara Bedford e John Gilbert, Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California.

Harriett Hammond, Kathryn McGuire, Ben Turpin e Mabel Normand, Mack Sennett Studios, Edendale, California.

Mary Pickford, Jack Pickford, Douglas Fairbanks, Llloyd Hughes, Enid Bennett, Wallace Berry, e Gloria Hope, Pickford-Fairbanks Studios, Hollywood, California.

Harold Llloyd, Ruth Roland, Mildred Davis, Marie Mosquini, e Harry "Snub" Pollard, Hal Roach Studios, Culver City, California.

Claire Windsor, Colleen Moore, Malcolm MacGregor, Gaston Glass, Gareth Hughes, Richard Dix, Helene Chadwick, Mae Busch, House Peters, Myrtle Lind e Antonio Moreno, Goldwyn Studios, Culver City, California.

Richard Barthelmess, para Inspiration Pictures, 565 Fifth Avenue, Nova York City.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS		PREÇO DA VENDA AVULSA	
Um anno.	25$000	No Rio.	1$000
Seis mezes.	16$000	Nos Estados.	

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão aceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—RIO. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818.

Poudre graseoso Mendel
POUDRE GRASEOSO
DE
MENDEL
A acção constante de um bom elemento de belleza do rosto como o
PO' DE ARROZ MENDEL
cujos excellentes resultados tem sido amplamente comprovados na pratica, consegue obrar verdadeiras maravilhas sobre a estructura da cutis, pois qualquer tez por vulgar ou mediana que seja, logra transformar-se paulatinamente até adquirir os caracteristicos de uma pelle de sêda, fresca, suave e delicada, donde os encantos do rosto forçosamente luzem com o maior esplendor esthetico.
Importante: O PO' DE ARROZ MENDEL, possue uma notavel qualidade adherente que resiste á acção do ar. O seu uso não requer o emprego de crêmes ou pomadas. Usa-se nas côres branca, rosa, para as claras de pouca côr, "chair" (carne) para as louras e "Rachel" (crême) para as morenas. Vende-se em todas as perfumarias. Agencia do PO' DE ARROZ MENDEL, rua Sete de Setembro n. 107, 1º andar. Tel. C. 2741. Rio de Janeiro.
Deposito em São Paulo: rua Barão de Itapetininga n. 50.
MENDEL & COMP.

Graphologia

VIOLETA (Florianopolis) — Logo se vê que é uma grande sonhadora e que não está satisfeita com a sua sorte... Deve ser talvez um estado passageiro, pois ha indicios de grande confiança no futuro, deduzida não só da sua obstinação para a luta como ainda da grandeza d'alma, que lhe permitte receber corajosamente os golpes da adversidade, e persistir cada vez com mais fé nos seus propositos. Na parte material do seu ser destaca-se muito a luxuria. Seu coração é frio, talvez porque ainda não encontrasse o "éco" ha muito esperado.

SILHUETA (Petropolis) — Grande tendencia para o mysticismo, acompanhada de muita hypocrisia. Coração fechado a quaesquer emoções que não sejam as do seu credo. E nada mais se póde concluir.

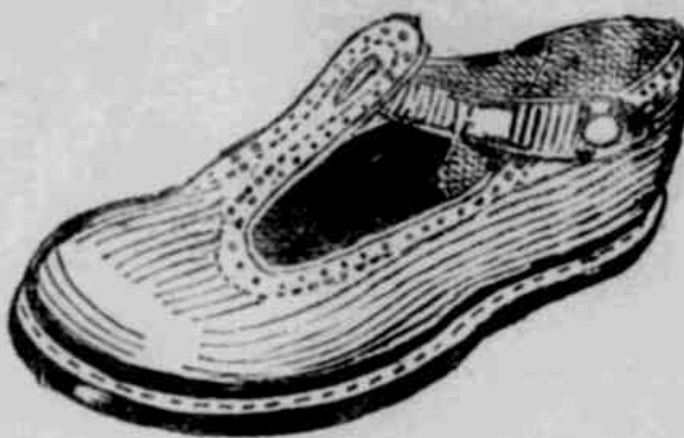
PEPITA (Rio) — Tem uma natureza calma e um espirito leve e risonho, só preoccupado com cousas futeis. Deve ser relativamente feliz. Mas por outro lado percebe-se que os interesses materiaes occupam boa parte da sua organisação e a levam a cuidar do futuro. Haverá, provavelmente o conflicto, vencendo esta ultima feição da sua personalidade, até mesmo para satisfazer melhor a força permanente dos seus instinctos sensuaes. O casamento apparece-lhe então sob a dupla fórma de um negocio e de uma necessidade. Aliás, não lhe faltam boas qualidades para uma esposa conveniente e amorosa.

LIVER (São Paulo) — Da sua letra póde-se inferir um caracter escouso, desconfiado e propenso á melancolia. Sua vontade é periclitante, cortada de accessos imprevistos, logo seguidos de mil hesitações. O espirito acompanha ou domina o "terço": é algido, sorrateiro e com tendencias para o mal. Tem uma grande paixão por qualquer arte, mas sente-se impotente para a seguir: sua intellectualidade é fragil e muito sensivel á influencia da preguiça. No coração domina a mesma incerteza e a mesma desconfiança.

ANCORA (Rio) — O seu caracter é singularmente recto e sizudo, animado por um espirito forte e methodico. E tendo este ultimo caracteristico, implicitamente se deduz que não tem grande vibração. Tambem não é idealista; pelo contrario, preoccupa-se muito com a idéa do dinheiro, ao qual vota entranhado amor. Sua vontade é firme, embora tenha diversas arremettidas — ora francas, ora muito dissimuladas. Ha tambem notavel amor proprio que, aliás, se não exteriorisa, por delicadeza e perspicacia. Tem sentimento artistico e bondade cordial.

RUBINSTEIN (São Paulo) — Anda sempre ás tontas, graças a uma notavel falta de ponderação e a uma anciedade espiritual de quasi completo desequilibrio. Deve ser talvez um tarado. Mistura o sagrado com o profano, isto é, o mais alcandorado idealismo com a mais baixa materialidade. Naquelle, acodem-lhe muito as idéas romanescas. Mas é impotente para levar por deante qualquer tentativa de realisação. Escusado é dizer que subordinada a esses dictames, a sua vontade é um verdadeiro catavento... Salva-o muito a bondade caritativa que lhe enaltece o coração.

ROSA RUBRA (Bangú) — Os seus traços graphicos denunciam um espirito pouco ponderado, incerto, vagueante entre um fraco idealismo e uma sêde notavel de gosos materiaes. Ha dissimulação deste desejo, mas, sem duvida, é elle que predomina em sua natureza. Presume-se de cerebro muito illuminado e, realmente, possue bastante intelligencia, embora lhe falte cultura. Apparenta modos francos; no fundo, porém, está patente o seu egoismo, confirmado por ausencia de bondade cordial.

CARLOS LUZ (?) — O aspecto geral da sua graphia mostra um individuo de fortes instinctos sensuaes, prompto a sacrificiar a elles quaesquer escrupulos. E' grande, porém, a sua perspicacia, de modo que sabe apparentar a maxima compostura. Sua vontade é tranquilla, mas muito firme e poderosa, mormente na satisfação de seus instinctos. O espirito é fraco, oscillante, inclinado a cousas futeis. Tem coração bondoso, mas sómente para certas e determinadas pessoas.

ALLEGRO (Rio — Não podemos fazer estudo em escriptos a lapis.

RIO GRANDENSE (Rio)—E' de uma presumpçosa a sua graphia. Sua vaidade, porém, reveste-se de attractivos que a tornam acceitavel. Provavelmente, é uma belleza. O seu espirito é gentil, muito vibrante e amavel, sem perder a linha senhoril. Tem o querer forte e franco e não admitte contradições. E' egoista de coração e pouco propenso á virtude caritativa.

JARA (Victoria) — Natureza complicada, cheia de caprichos infantis e de impertinencias. Parece ter a bossa da opposição. Anda sempre em disputas por questões de nonada. E é assim com quem não reage. Com os fortes modifica inteiramente o seu proceder: torna-se timida e não hesita em se humilhar. Tem, sobretudo, uma grande ambição de figurar bem em questões intellectuaes. Presume-se litterata e nesse sentido mostra grande audacia. E', porém, muito bondosa de coração.

CLARICE (Queluz) — Não admira: é tudo quanto ha de mais insinuante, graças a um espirito amavel e jocoso. Tem a vontade complacente. E' de genio inalteravel ás contrariedades da vida. Seu coração é o thesouro dos pobres.

PAULO (Rio) — Faltando a assignatura no pedaço de cartão, falta um elemento essencial para o estudo consciencioso de um individuo materialista, cheio de instinctos luxuriosos e de espirito um tanto colerico, embora expansivo e alguma cousa idealista.

ARNOLDA (Rio) — Prodigalidade de imaginação, em contraste com uma algidez espiritual. Isso quer dizer egoismo moral. Quer só para si os gozos do seu pensamento. Predomina uma ambição surda não só de posses materiaes como ainda de supremacia entre as suas iguaes. Exaggera tudo quanto diz e quanto faz, e gosa extraordinariamente com essa fantasia. Sua vontade é muito discreta e o seu coração muito propenso á philantropia.

JOÃO PAULICÉA (São Paulo) — O seu temperamento é forte e nervoso. Tem o caracteristico materialista muito accentuado, mórmente para o lado dos instinctos. Mas não duvida abandonar de quando em quando a realidade prosaica, para se entregar a fantasias sonhadoras. E cae então em exaggero, do qual resultam não pequenas desillusões. Felizmente, é dotado de grandeza d'alma e reage promptamente, pondo-se de novo a sonhar... E' ambicioso, mas até nisso se revela a falta de senso pratico: é uma ambição sem limites. Sobra-lhe, porém, o "talento" dissimulatorio até mesmo para os impetos colericos que ás vezes o assaltam.

MALPINA (Rio) — Grande perspicacia de espirito ao serviço de uma intelligencia de escól. Com essas armas podia ser uma pretenciosa. Podia, mas não é. E talvez seja isso mais uma força da sua esperteza... Aprecia immensamente o dinheiro e não o deseja só para si, pois está longe de ser egoista. Além disso é excessivamente bondosa e liberal. Apenas tem a vaidade do seu physico, a qual se revela por uma garridice notavel alliada a muito gosto esthetico.

CASA COLOMBO
Grandes Armazens
Nas praias chics as roupas da CASA COLOMBO são notaveis pela elegancia e conforto de suas linhas
Tudo Para Banhos de Mar
CASA COLOMBO

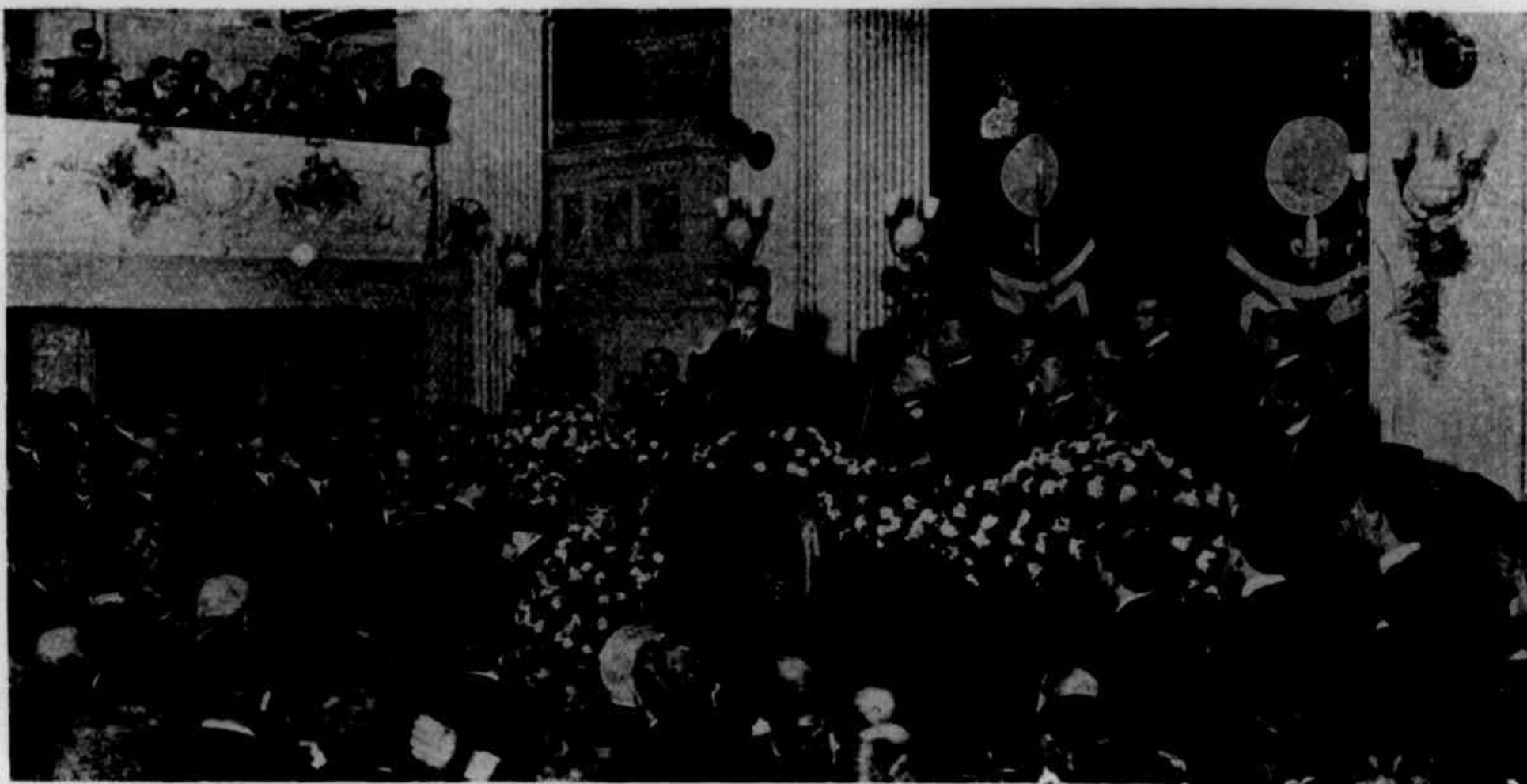
Para todos...

ANNO IV NUM. 198

RIO DE JANEIRO, 30 DE SETEMBRO DE 1922

A voz maravilhosa da raça

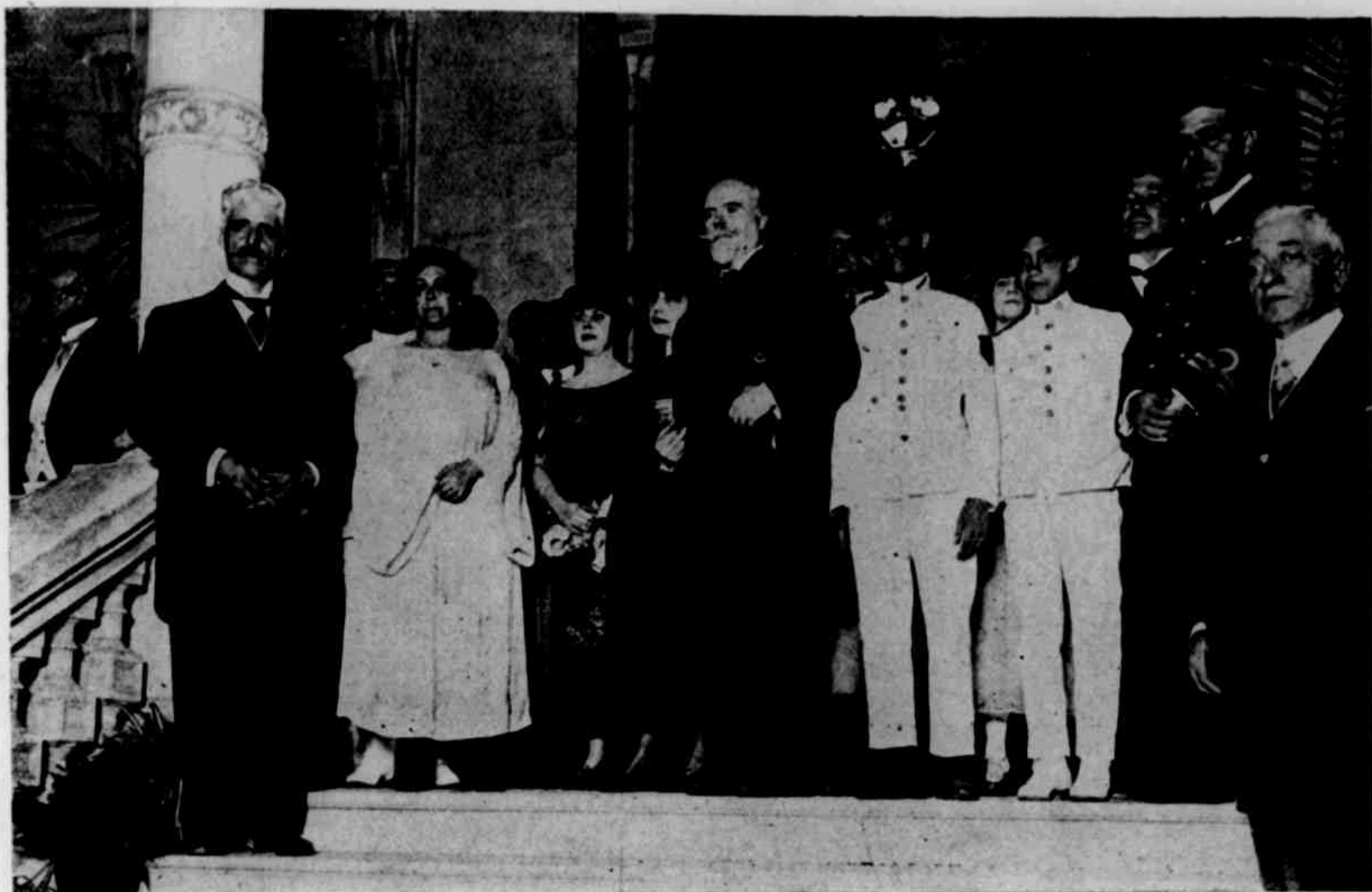
A Independencia do Brasil vem muito de longe, vem dos tempos antigos, vem quasi do dia da descoberta. Em primeiro logar, porque os homens aqui, em contacto com a natureza, como estiveram desde logo, se crearam uma vida propria, que foi pouco a pouco, dando fóros de nação á colonia que então era o Brasil. Em segundo logar, porque encontrámos quasi uma predestinação eloquente nas linhas e até nas entrelinhas da carta de Pedro Vaz de Caminha. Quando Pedro Vaz de Caminha escreveu ao seu Rei, para Portugal, noticiando a descoberta da terra do Brasil, empregou estes termos : " e Deus que aqui nos trouxe, alguma razão tinha para isto. " Era a predestinação ! A razão não seria fazer daqui uma colonia que enriquecesse Portugal. Nunca isto esteve, aliás no intuito dos Portuguezes. A razão era desvendar aqui um mundo, que, mais tarde, havia de ser aquillo que hoje é o Brasil. Foi nesse dia, no mesmo dia solemne, em que a Cruz de Christo se cravou aqui em terras de Portugal, do Christo que para os senhores tem representado uma especie de companheiro de armas ; do Christo que para os senhores é como que um Patrono do progresso, da civilisação, da independencia ; do Christo que é para os senhores um symbolo augusto da intelligencia, que os senhores têm sempre demonstrado em toda a sua vida publica, porque souberam crear aqui uma religião que, sendo a religião dos Portuguezes, decorreu sempre com serena e tranquilla ordem nos espiritos e nas consciencias ; religião que não teve os exaggeros mortiferos que deu a Inquisição em Portugal ; religião que se conservou como pura expressão espiritual sem se enredar demasiadamente nas complicadas engrenagens das theologias disputadoras. Os senhores, finalmente têm sabido crear, com o seu estatuto politico, na essencia democratica, um instituto religioso, em absoluto acceitavel por todas as consciencias, ainda as mais rebeldes. E' por isso que os senhores estão afortunadamente andando na sua vida politica, e ainda agora, ao que consta, vão dar um ultimo fecho a este primeiro cyclo de sua historia, collocando no Corcovado a imagem de Christo. Fazem bem ! Elle é um symbolo para vós, para nós, para todos que amam sinceramente a Humanidade. Eu proprio devo dizer com toda a franqueza que tive pena, ao entrar na Bahia de Guanabara, de não o ter visto lá, porque queria saudal-o, na minha qualidade de Portuguez, como tendo sido o primeiro e melhor donatario desta terra e o verdadeiro descobridor della, porque, se Pedro Alvares Cabral, com sua esquadra veio aqui em nome do amor da Patria, veio tambem em nome do amor de Deus.

Do discurso de Sua Excellencia o Sr. Dr. Antonio José de Almeida, Presidente da Republica de Portugal, improvisado deante do Congresso Brasileiro, reunido para recebel-o, no dia 20 de Setembro.

S. EX. O SR. PRESIDENTE ANTONIO JOSE' DE ALMEIDA PRONUNCIANDO O LUMINOSO DISCURSO DO DIA 20 PERANTE O CONGRESSO BRASILEIRO.

SAHINDO DO EDIFICIO ONDE FUNCCIONA A CAMARA DOS DEPUTADOS O SR. PRESIDENTE ANTONIO JOSE' DE ALMEIDA, NA COMPANHIA DO SR. PRESIDENTE EPITAC IO PESSOA, ESTEVE NO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. SAUDOU SUA EXCELLENCIA O SR. MINISTRO ANDRE' CAVALCANTI. A RESPOSTA DO GRANDE ORADOR DE PORTUGAL FOI UMA ARREBATADORA ORAÇÃO DE FE' E ENTHUSIASMO.

DEPOIS DA VISITA AO CONGRESSO, OS SRS. DRS. ANTONIO JOSE' DE ALMEIDA E EPITACIO PESSOA ENTRE OS SRS. SENADOR ANTONIO AZEREDO, VICE-PRESIDENTE DO SENADO E ARNOLFO AZEVEDO. PRESIDENTE DA CAMARA, SENADORES, DEPUTADOS, O SR. EMBAIXADOR DUARTE LEITE. MEMBROS DA COMITIVA DO CHEFE DO GOVERNO PORTUGUEZ.

NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, DEPOIS DA RECEPÇAO SOLEMNE DA NOITE DE 20 DE SETEMBRO, ASSIGNALADO PELOS DISCURSOS PROFERIDOS, ALTOS DE SENTIMENTO E PENSAMENTO, PELOS SRS. EDUARDO DIAS E CARLOS MALHEIROS DIAS O NOBRE ESCRIPTOR, CUJAS PALAVRAS SÃO IDEAS. ELLES FALARAM PELOS PORTUGUEZES QUE ESTÃO NO BRASIL. O ORADOR FORMIDAVEL, QUE E' O SR. DR. ANTONIO JOSE' DE ALMEIDA, RESPONDEU; E FOI A PROPRIA VOZ DA PATRIA DISTANTE. O SR. PESIDENTE EPITACIO FALOU POR FIM; E A MOCIDADE DO BRASIL ABENÇOOU, PELA SUA BOCCA, A RAÇA QUE E' A NOSSA RAÇA E O BERÇO ONDE ELLA NASCEU, ENTRE A BELLEZA E A BONDADE.

ASPECTO DO PARQUE DA EMBAIXADA DE PORTUGAL, DURANTE A BELLA TARDE OFFERECIDA AO SR. PRESIDENTE ALMEIDA, E ORGANISADA PELA DISTINCÇÃO E PELA ELEGANCIA DA EXMA. SENHORA DUARTE LEITE.

NA EMBAIXADA DE PORTUGAL. O CHA' DANSANTE EM HONRA DO SR. PRESIDENTE ALMEIDA, NA TARDE DE 21, AO QUAL COMPARECEU A EXMA. SENHORA EPITACIO PESSOA, QUE ESTA' NA PHOTOGRAPHIA AO LADO DO GRANDE PORTUGUEZ, AGÓRA TAMBEM CIDADÃO CARIOCA.

INSTANTANEO NOS JARDINS DA EMBAIXADA, A' RUA SÃO CLEMENTE.

NOS JARDINS DA EMBAIXADA, DURANTE O CHA', AO CAHIR DA NOITE.

SENHORAS E SENHORINHAS QUE TOMARAM PARTE NAS DANSAS. ENTRE ELLAS, VÊ-SE O SENHOR COMMANDANTE SACADURA CABRAL.

UM ASPECTO DO BELLO SALÃO DE ENTRADA DO "ATELIER" DE TEIXEIRA LOPES, EM VILLA NOVA DE GAYA

ARTE DE PORTUGAL

NESTE INSTANTE EM QUE VOLVEMOS OS OLHOS ENCANTADOS PARA O BERÇO DA RAÇA, UMA FIGURA APPARECE, LUMINOSA, NO SEU RETIRO: TEIXEIRA LOPES, O ARTISTA PERFEITO, QUE DEIXA EM PEDRA DA SUA VIDA, E EM BRONZE SIGNAES ETERNOS PARA A GLORIA DA PATRIA ETERNA.

O GRANDE ESCULPTOR NUM CANTO DA CASA POR ELLE TORNADA EM PRECIOSO MUSEU.

TEIXEIRA LOPES

NA PHOTOGRAPHIA DE CIMA VE-SE A MARAVILHOSA ESTATUA EM MADEIRA, DE "SANTO ISIDORO"; A "VIUVA", E O GESSO DA "RAINHA SANTA", EXTRAORDINARIA JOIA DE ARTE. NA PASSAGEM PARA O OUTRO SALÃO, AO FUNDO, ESTÃO OS BUSTOS UNIDOS DOS PAES DO GLORIOSO ARTISTA.

"EPIGRAMMAS IRONICOS E SENTIMENTAES", DE RONALD DE CARVALHO

S. Paulo, 4 de Setembro de 1922.

Meu Ronald: — Alegria! Nesta magica sensação se resume o exaltado prazer que me causam os "Epigrammas Ironicos e Sentimentaes". Alegria de ter visto, emfim, surgir no Brasil um poeta livre, liberto do nosso lyrismo, da nossa "natureza", das nossas vassalagens, de todo o terror, — e ao mesmo tempo creador do seu proprio rythmo, que se torna universal! Alegria de admirar um artista que se emancipa da "Arte"... e que por isso realisa a suprema esthetica! Alegria de testemunhar a victoria da Cultura sobre a Materia para attingir a Unidade com o Todo infinito! Eu reclamei do nosso incosciente nacional este artista Cosmico, esse homem que subjugasse o terror metaphysico. E eis os Epigrammas! Alleluia! Esta é a significação primordial dos teus poemas e da tua esthetica. As outras expressões são: a maestria da Intelligencia e as ondulações da Sensibilidade. Uma e outra levam a um estado supremo de Melancolia voluptuosa, que é o excedente da comprehensão e da sensação. E a suprema resignação ao Cosmos, e nella se espelha a consciencia transcedente do "ephemero". Por este toque superior do artista, que domina e pensa a Materia Universal, tu te relacionas com os grandes desabusados, que são os Chinezes, os Hindús e nominalmente Omar Khayyam. Mas que differença entre a tua Esthetica e a delles! Os Amaveis Chinezes aboliram o senso tragico do Universo e divertem-se com os jogos da Natureza e da Vida, e sorriem... e sorriem prolongando o enigma do Universo... Os Hindús se perdem no mysticismo que transcende ás cousas e desvenda o retorno implacavel das fórmas. Omar Khayyam é um "camarada" cynico que desafia o Eterno, praticando embora a melancolia do dualismo, de que se desforra na alegria physica de viver. Entretanto tu sentes o Cosmos e te resignas fremente e sereno á idéa do perpetuo anniquilamento do teu ser, de todos os seres, e fazes do Universo o teu espectaculo. Não sei se esta curva do optimismo não se vae encontrar com a do pessimismo e formar o circulo magico em que se move o teu espirito. Pessimismo ou optimismo, não ha nesta Maravilhosa Esthetica nem o desespero de Leopardi, a desillusão de Anthero do Quental, a amargura de Machado de Assis. O que ha, além do magnetismo do pensamento, são uma graça, um encanto, uma agilidade de fórma que tudo se torna imagem musical!

Haverá maior Alegria? Agradeço-te teres me dedicado este livro transcendente, em companhia do nosso extatico Villa-Lobos.

Teu, do coração,

GRAÇA ARANHA

NO PRADO DO JOCKEY-CLUB

S. EX. O SR. DR. ANTONIO JOSE' DE ALMEIDA, NA ACADEMIA DE MEDICINA

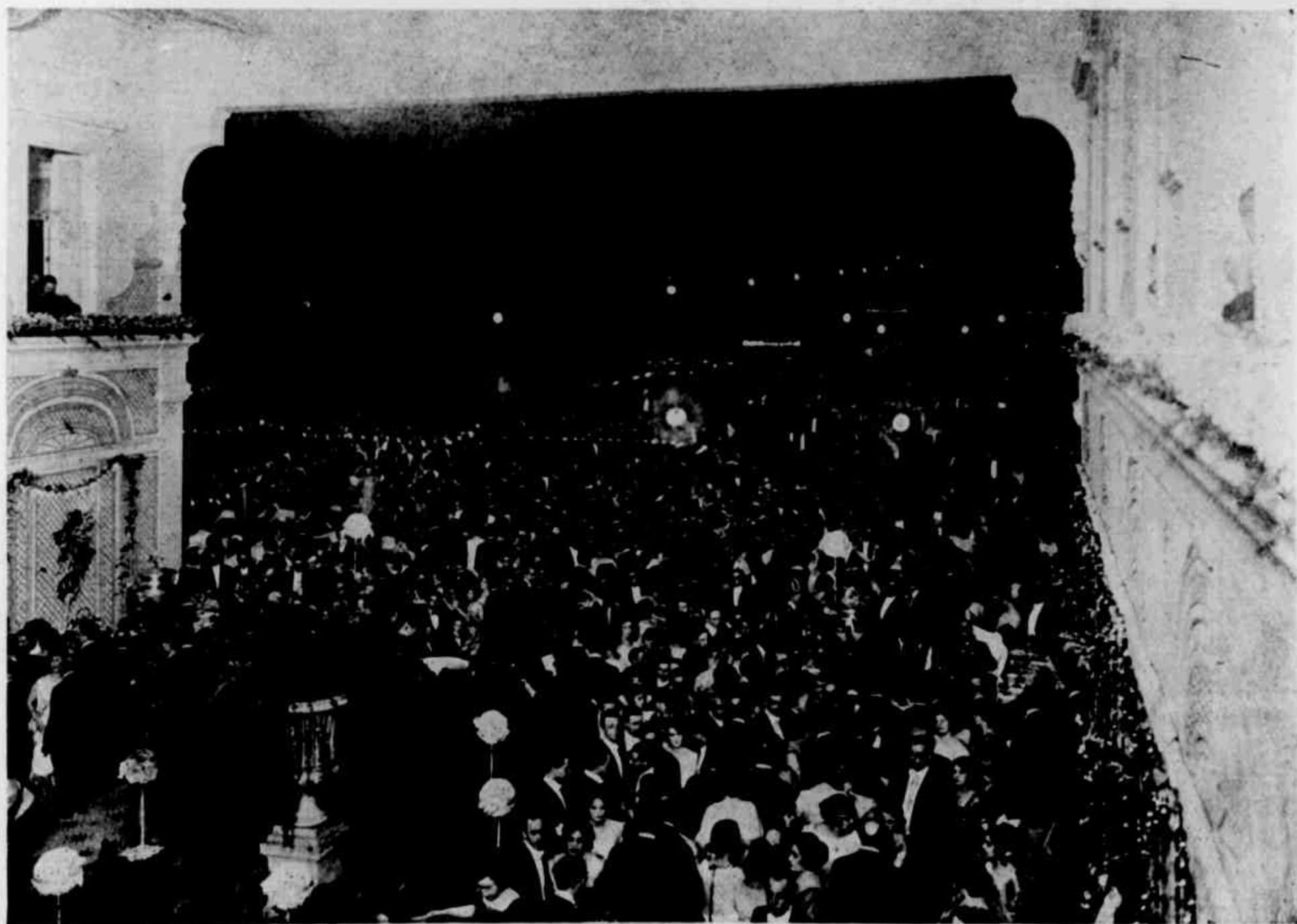
VISITA AO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

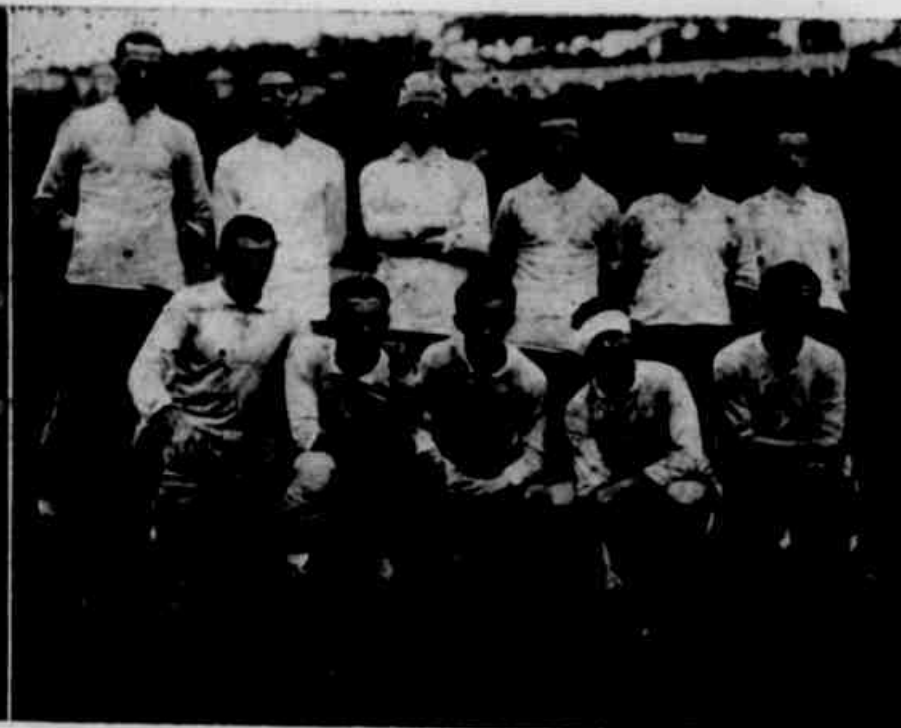
A EMBAIXADA ESPECIAL DO URUGUAY DESPEDINDO-SE DE SUA EXCELLENCIA

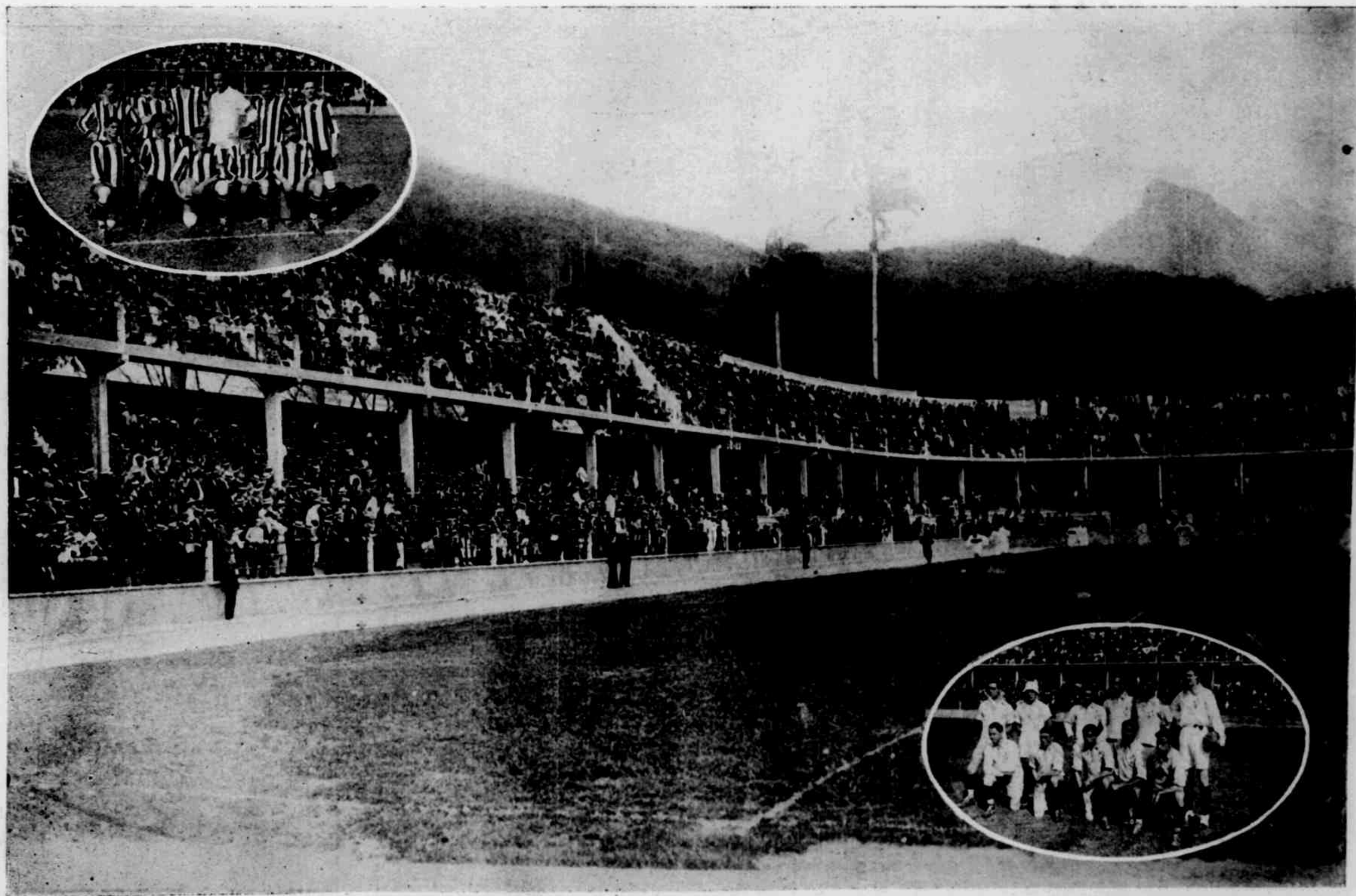
S. EX. O SR. DR. ANTONIO JOSE' DE ALMEIDA RECEBE A VISITA DO SUPREMO TRIBUNAL MILITAR

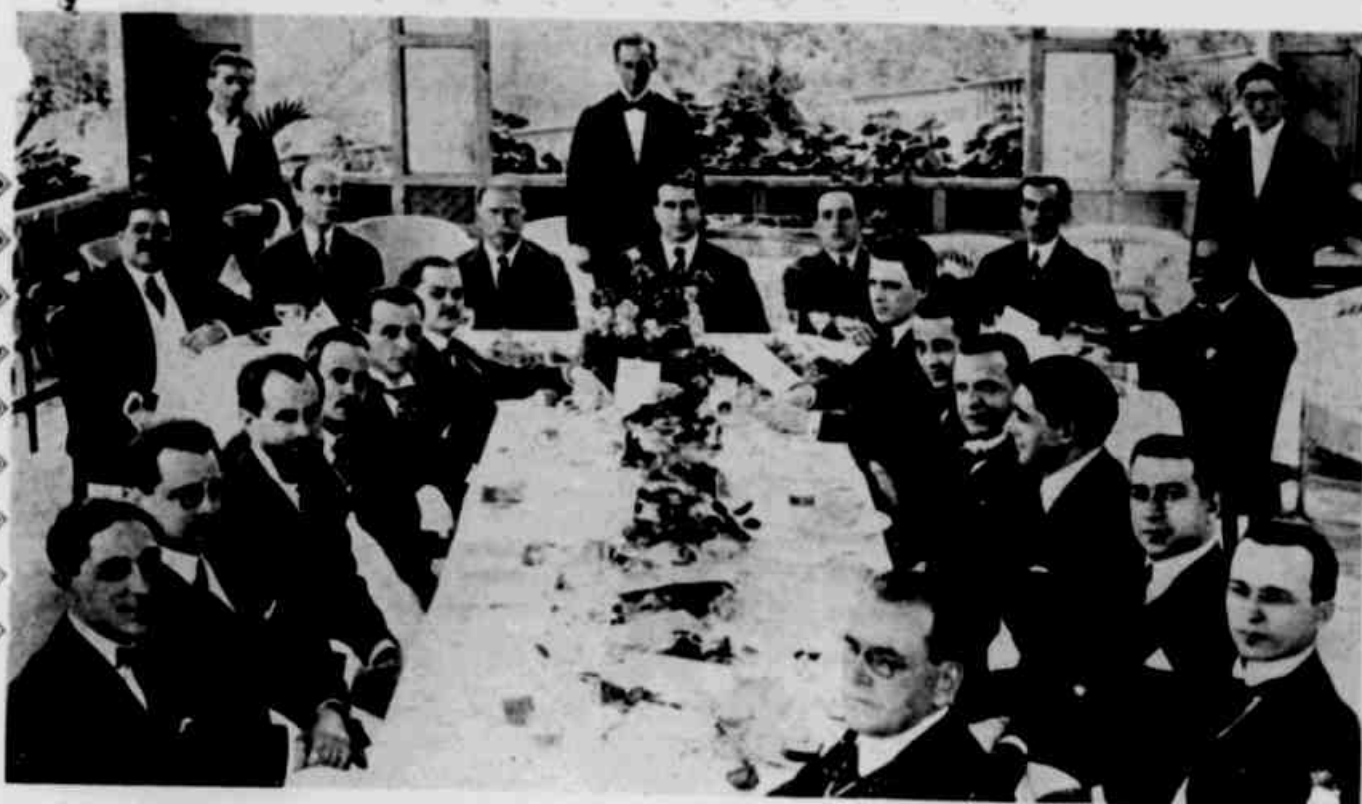
COMMEMORANDO O PRIMEIRO SECULO DA INDEPENDENCIA BRASILEIRA, A COLONIA PORTUGUEZA DO RIO DE JANEIRO OFFERECEU-NOS UM PANTHEON, QUE VAE SER ERGUIDO NA PRAIA DO RUSSELL. O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL FOI FEITO SEGUNDA-FEIRA, PELOS PRESIDENTES DAS DUAS PATRIAS IRMÃS, LOGO DEPOIS DA ASSIGNATURA DE UM PERGAMINHO, EM QUE HAVIA A ACTA DA SOLEMNIDADE. ALÉM DESSES, ASSIGNARAM O PERGAMINHO OS MINISTROS DE ESTADO BRASILEIROS, O SR. CARLOS SAMPAIO, GOVERNADOR DA CIDADE; O SR. ARNOLPHO AZEVEDO, PRESIDENTE DA CAMARA DOS DEPUTADOS; OS MEMBROS DA COMMISSÃO PORTUGUEZA DE HOMENAGEM AO BRASIL.

O GRANDE JORNALISTA ENTRE OS SEUS COLLEGAS DA IMPRENSA CARIOCA

A POPULAÇÃO CARIOCA, REPRESENTADA POR TODAS AS SUAS CLASSES SOCIAES, REUNIU-SE, DOMINGO, NO RECINTO DA EXPOSIÇÃO PARA OUVIR O PRESIDENTE DA REPUBLICA PORTUGUEZA, E FEZ, DEPOIS, AO EXTRAORDINARIO ORADOR A MAIOR OVAÇÃO QUE ATE' HOJE EXORTOU A NOSSA CIDADE.

O BAILE DO PALACIO GUANABARA, SEGUNDA-FEIRA, VISTO DE RELANCE

A LUTA ESTA' NUMA PHASE CALMA... HA RISOS NAS ARCHIBANCADAS...

CHILENOS E URUGUAYOS, QUE SE ENCONTRARAM, SABBADO, NO "STADIUM"

EMQUANTO A "TORCIDA" TORCE, OS CHRONISTAS, PELO TELEPHONE, VÃO INFORMANDO OS JORNAES DAS PERIPECIAS DO JOGO...

NO "STADIUM" DO FLUMINENSE, DOMINGO. ASPECTO DA ASSISTENCIA E OS DOIS SELECCIONADOS DO PARAGUAY E DO BRASIL, QUE EMPATARAM POR 1 A 1

NO RESTAURANT DA EXPOSIÇÃO, A MAÇONARIA BRASILEIRA OFFERECEU, SABBADO, 23, UM BANQUETE AOS MAÇONS EXTRANGEIROS ACTUALMENTE NO RIO. A' MESA SENTARAM-SE 120 PESSOAS, DAS QUAES 32 DE OUTROS PAIZES.

ALMOÇO OFFERECIDO AO PROFESSOR A. BRANDÃO FILHO, POR UM GRUPO DE ASSISTENTES, EM COMMEMORAÇÃO AO PRIMEIRO ANNIVERSARIO DA SUA POSSE NO SERVIÇO CIRURGICO DO HOSPITAL DA MISERICORDIA.

PELOS HEROES HUMILDES

O Sr. Antonio Azeredo enviou á mesa do Senado, depois de justifical-o com expressivas palavras, este projecto, assignado por todos os senadores presentes á sessão do dia 22 de Setembro :

" O Congresso Nacional decreta :

Art. 1º. Aos tripulantes das embarcações entradas no porto do Rio de Janeiro, e daquellas que estejam viajando nesta data e aqui aportarem para o fim de representarem os pescadores da costa do Brasil, na commemoração da independencia Nacional, será pago o premio de duzentos contos de réis, divididos por tripulante de cada embarcação, conforme a distancia e as difficuldades de percurso, a juizo de uma commissão nomeada pelo governo.

Art. 2º. Para a execução desta lei, é o presidente da Republica autorizado a abrir o respectivo credito.

Art. 3º. Revogam-se as disposições em contrario. "

SEGUNDA-FEIRA, NO PALACE HOTEL REUNIRAM-SE NUM JANTAR, PROMOVIDO PELA ALLIANÇA ACADEMICA, AMIGOS E ADMIRADORES DO POETA PORTUGUEZ JOÃO DE BARROS, QUE MAIS UMA VEZ TROUXE AO BRASIL A SUA VISITA TÃO QUERIDA.

CINEMA PARA TODOS...

REDACTOR-CHEFE OPERADOR || Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1922 || COLLABORADORES VARIOS

A NOSSA CAPA

BEBE DANIELS de cuja personalidade assás temos falado para que aqui repitamos dados bem conhecidos, é hoje uma das mais queridas estrellas do elenco da Paramount.

No proximo numero : RICHARD DIX.

De S. Paulo nos chegam noticias de que os proprietarios da grande casa de projecções, que é o Cine Theatro Republica, inauguraram já os espectaculos especiaes em dias determinados da semana, ao preço de cinco mil réis por pessoa, offerecendo aos espectadores, além das diversões habituaes, uma sala de espera, em que rapazes e moças, emquanto aguardam a hora da entrada se entretêm, ao som de excellente orchestra, dando ás gambias. "Fox-trots", "rag-times", tangos e outras dansas da época ajudam a passar divertidamente o tempo, emquanto não chega a hora do inicio da exhibição do film.

Para obter essa nova sala, foi mister adquirir uma casa ao lado da antiga, adaptando-a a esse fim.

Outras notas nos falam do adeantamento das obras de um novo e symptuoso cinema em construcção na Paulicéa, capaz de comportar, como o primeiro, alguns milheiros de espectadores.

A gente sabe dessas coisas e fica a imaginar com inveja quanto os capitalistas de S. Paulo são mais ousados e progressistas, porque não dizer, mais intelligentes do que os do Rio de Janeiro, desejando que um dia lancem tambem olhares misericordiosos para esta cidade, para aqui trazendo um poucochinho dessa disposição d'animo. Porque a verdade é que aquelle que ousasse applicar seus recursos pecuniarios á construcção de uma grande casa de espectaculos cinematographicos, explorando-a com a intelligencia com que se faz a exploração em S. Paulo, daria ao capital empregado compensação tamanha que de certo satisfaria as maiores ambições de lucro.

A entrada de novos elementos, amparados por um forte consorcio financeiro no campo da exploração cinematographica entre nós, serviria para varrer o pó dessas velharias em que vegetam os cogumellos pinfildescos ou darloticos.

E' isso de que carece o commercio cinematographico no Rio de Janeiro. A nossa cidade, que sob outros aspectos tão espantosamente tem progredido, está em materia de salas de projecção, no centro da cidade, se exceptuarmos os dois salões da rua da Carioca, como ha vinte annos atraz, ao tempo em que o Staffa inaugurava o mesmissimo Parisiense dos nossos dias.

Diz-se que Deus está a olhar sempre para o Brasil. Mas devemos confessar que esse olhar ainda não parou em cima dos nossos cinemas.

OPERADOR.

✣ ✣ ✣

TEMPESTADE

A Agencia Cinematographica Popular exhibiu para um grupo de convidados, na semana finda, um film francez que fará necessariamente successo. Trata-se de um trabalho da Ermolieff-Film, marca franco-russa, dotada de excellentes elementos, talvez os melhores que para o cinema trabalham, na França. A producção é bem superior a tudo quanto temos visto até agora em materia de cinematographia franceza.

OPERADOR N. 2

OS CINEMAS DE NEW YORK

Fala-se bastante nos bellos espectaculos cinematographicos nos Estados Unidos e no modo artistico por que são dadas as exhibições dos grandes films. E' preciso que se saiba que a maior parte dos theatros e cinemas se concentra em pequena parte da principal arteria de New York a Broadway, no espaço comprehendido entre a 42ª e 52ª ruas.

Ahi estão a casa da Opera, cinco theatros para espectaculos dramaticos, 12 theatros de operetas e 75 cinemas.

Entre estes um é bem maior que a Opera, 9 outros bem maiores que o maior theatro dramatico, e os restantes, salvo raras excepções, tão grandes como qualquer theatro commum.

De accordo com a estatistica, a principal diversão do publico estadunidense é o cinema, frequentando os espectaculos cinematographicos não só a classe media mas ainda a alta sociedade, o que na Europa não acontece.

Se se entra no *Capitol*, o maior theatro do mundo, fica-se desde a porta deslumbrado pelo luxo e magnificencia das decorações. Empregados de farda, militarmente disciplinados, encontram-se por toda parte, distribuindo programmas, dando com a maior polidez todas as informações pedidas, apresesando-se em indicar os logares correspondentes aos bilhetes, e aos visitantes todos os melhoramentos introduzidos para conforto do publico. Um europeu ficará de certo admirado vendo-os rejeitar obstinadamente qualquer gorgeta.

Cento por cento de polidez é a divisa delles e é um dos motivos dos enormes lucros auferidos pelos grandes theatros americanos. Por isso é que as gorgetas são supprimidas.

A primeira impressão que nos toma ao penetrarmos em um desses immensos estabelecimentos é de nos acharmos em um templo, seja la de que religião for.

A principio não se percebe a toda na immensa vastidão da sala que um orgão enche de notas sonoras. Só algum tempo depois se pode perceber que essa musica acompanha a projecção do film.

Senta-se a gente em uma esplendida poltrona, o orgão para e uma orchestra de 85 figuras começa a tocar. A passagem do orgão para a orchestra passa quasi despercebida.

Nesses estabelecimentos não tem a gente a impressão da atmosphera de cinema tão commum em outras terras. O publico se mantem correctamente, olhando a projecção em silencio e attentamente, o que na Europa não se vê nem mesmo na Opera ou nos Theatros Officiaes.

Mais ou menos 5 representações são dadas diariamente de 11 horas da manhã ás 11 da noite. Cada sessão começa por uma symphonia ou uma *ouverture*. O director da orchestra do *Capitol* Mr. Erno Rappe é o ex-director da Orchestra da Opera de Buda Pesth. Os concertos que elle dá aqui são tanto ou mais apreciados que os dos concertos symphonicos.

Tocam-se as mais famosas peças dos mestres de todos os paizes, até que ellas se tornem conhecidas e populares. E quando se pensa que diariamente de 15 a 20 mil pessoas concorrem a esses espectaculos, pode-se fazer idéa então do que semelhantes concertos representam para a educação musical.

Ordinariamente aos numeros de musica segue-se um bailado, depois as ultimas novidades mundiaes por intermedio dos jornaes cinematographicos. Apparece depois um virtuose, um cantor de opera, um solista ou então um acto de opera. Essa ultima parte serve de prologo ao grande film que vae ser exhibido. E, depois de um espectaculo desses, quando entra a gente em casa, entra por força satisfeita, não sómente por se haver divertido mas ainda porque a esse divertimento se juntou uma satisfação artistica.

Como o *Capitol* os outros grandes theatros americanos offerecem identica programmação. Só os pequenos cinemas dão ao publico films unicamente.

✣ ✣ ✣

Billie Dove tem dezenove annos e nasceu em New York. Trabalhou para a Paramount, First National e ora está com a Metro, da qual foi feita estrella.

O primeiro amor

(THE FIRST LOVE)

Film Realart — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Katherine O' Donnell	CONSTANCE BINNEY
Donald Holliday . .	Warner Baxter
Harry Stanton . . .	George Webb
Ivette de Vorne . .	Betty Schade
Tod O'Donnell . . .	George Hernandez
Mrs. O'Donnell . . .	Fannie O'Midgely
Peter Hollyday . .	Edward Johnson
A vendedora de gelados	Agnes Adams
Elsie Edwards . . .	Doroth Gordon

—

Apoiado ao para-lamas da ambulancia, indifferente ás admoestações dos companheiros, completamente entregue á importante e absorvente tarefa de fazer-se bonito, Harry Stanton esperava a passagem de Katherine O'Donnell, sua ultima conquista. Com o espelho em uma das mãos, e o pente na outra, estudava cuidadosamente o geito a dar aos seus cabellos negros e encaracolados que elle sabia admirados pelas mulheres e invejados pelos homens. E só mudou de attitude, quando sentiu approximar-se o vulto gracioso da namorada.

Katherine O'Donnell tinha dezoito annos e era quasi uma criança. Não fôra difficil a Stanton insinuar-se em seu coração inexperiente, e a moça, ingenua e simples, amava-o com o fervor com que se cultiva a Divindade. Habil, Harry Stanton soubera occultar-lhe sob o manto de mil e uma mentiras, os defeitos que lhe povoavam a alma, sem qualidades que os contrabalançassem: o egoismo, a hypocrisia, a deslealdade, a falha absoluta de principios moraes.

E ella amava-o com toda a candura de sua alma pura, com todo o ardor do seu coração de dezoito annos.

Todos os dias, ao sahir para a fabrica, alongava o caminho para ter o prazer de trocar com elle duas palavras, á porta do posto de soccorro, de que Stanton era "chauffeur". E elle esperava-a, dizia-lhe palavras ternas, alimentando o affecto de que era objecto, projectando tirar algum proveito da paixão cêga da joven.

— Bom dia, Harry — disse-lhe Katherine, estendendo-lhe a mão.

— Como estás linda hoje, meu amor, — respondeu elle guardando entre as suas, a mão da moça. — Quando é que te resolves a apresentar-me a teus paes?

— Quando quizeres, Harry. Vae hoje á noite á nossa casa... Agora, deixa-me ir que já estou atrasada.

Stanton viu-a afastar-se com um sorriso maldoso nos labios. Tinha-a segura; pedil-a-ia em casamento, mas só se casaria, dizia elle, depois que se formasse em medicina. Esta era uma das muitas mentiras que contava á namorada: dizia-se estudante de medicina, prestes a terminar o curso.

A poucos passos do posto de soccorro, estava postado um cego, sentado ao gradil de uma casa, tocando sanfona. Os transeuntes, apiedados da desgraça do infeliz, lançavam uma ou outra moeda á bandeja que elle depunha no chão, perto de si. Foi á vista de uma dessas moedas que, cahindo na bandeja, reluziu um momento ao sol, que Stanton lembrou-se de que tinha as algibeiras vasias. A rua estava deserta. Uma tentação ignobil apossou-se delle; approximou-se do cego e, fingindo depositar uma esmola na bandeja, apanhou rapidamente a maior parte das que la estavam; depois continuou o seu caminho tranquillamente e ia para guardar o dinheiro, quando um homem modestamente vestido, gordo e sympathico que só agora via, apostrophou-o rudemente:

— Então, seu patife, não tem vergonha de roubar o dinheiro de um cégo?

— Hein?! Repita! — bradou Stanton cerrando os punhos.

— Ladrão! — repetiu o outro com força.

Harry não hesitou; com um socco formidavel no queixo, fez cahir o gorducho, que rolou pela calçada como uma bola. Mas, levantando-se com uma agilidade inesperada em pessoa tão corpulenta, precipitou-se sobre o rapaz e foi então a vez de Harry morder o pó da rua, onde ficou estendido, completamente atordoado.

O gorducho apanhou o dinheiro que rolara pelo chão e collocou-o nas mãos do cego, dizendo-lhe:

— Guarda isto no bolso, meu amigo, se não queres voltar para casa sem dinheiro.

— Deus lhe pague, meu senhor, — respondeu o cégo comprehendendo o que se passára.

Ora, se Harry Stanton soubesse quem era o homem que o tratara tão severamente, é provavel que não tivesse procedido, como procedeu. O gorducho chamava-se Tod O'Donnell, e era pae da formosa Katherine.

E' facil de conceber, portanto, a estupefacção e o assombro com que o velho Tod recebeu a visita do noivo de sua filha.

Esta dissera-lhe: O meu noivo é um rapaz modesto e trabalhador, estudante de medicina — e apresentava-lhe o miseravel que não titubeara em roubar o dinheiro de um cego!

— Pois é esse o teu noivo? — exclamou elle.

E, á resposta affirmativa da filha:

— Seu grandissimo patife — bradou elle para Stanton — então não te contentas em roubar o dinheiro de um cego e ainda queres namorar uma rapariga honesta, ladrão!

— Papae! — gritou Katherine — não digas isso; não é possivel, Harry é um homem honesto.

Stanton empallidecera, á vista do gorducho. Mas resolvido a tudo arriscar, protestou cynicamente:

— Engana-se, senhor O'Donnell — eu não o conheço e nunca o vi.

— Nunca me viste, hein? ladrão, e tens ainda na cara o signal do socco que levaste?!

Katherine rogou, supplicou, chorando; o velho repelliu-a e intimou Stanton a retirar-se immediatamente.

Katherine, porém, não acreditara na revelação de seu pae. Devia ser engano; Harry não seria capaz de um acto tão miseravel. Mas em vão protestou. O velho O'Connell reconhecera perfeitamente o scelerado.

A noite foi terrivel para Katherine; atirando-se vestida sobre o leito, não conseguira adormecer, sacudida a cada momento pelos soluços. Pela madrugada, tomou uma resolução extrema. Reuniu em uma pequena mala a sua roupa e, pé ante pé, com toda a precaução necessaria para não despertar os paes, abandonou a casa. Sobre a mesa deixou uma carta para sua mãe.

Grnde foi o abalo dos dois velhos ao verificarem o desapparecimento da filha. Tod O'Connell encheu-se de furor, maldizendo a filha e invectivando a mulher que não fazia senão chorar.

— Pouco me importa que ella vá para onde quizer! — bradava elle, torturando a velha mesa de carvalho com murros formidaveis. Mas que não me appareça mais aqui; ainda que viesse de joelhos não a receberia!

Katherine tomára um apartamento em uma rua longinqua, decidida a não voltar

Na tarde desse dia appareceu Donald...

para casa emquanto seu pae se não resolvesse a receber Harry Stanton como seu noivo. Continuara a trabalhar na fabrica. Em compensação, Harry fôra despedido do logar que occupava por motivo do não cumprimento das suas obrigações. Desempregado, não trepidou em pedir dinheiro á namorada, sob pretexto de comprar os livros necessarios para terminar o curso.

— Tu sabes — dizia-lhe elle — os livros de medicina custam caro. Esse dinheiro que te peço é sómente um emprestimo que me fazes. Pagar-te-ei com juros, uma vez medico.

Katherine protestava. Que poderia haver de mais agradavel para ella do que auxiliar o homem que amava. Pois o dinheiro de cada um delles não pertencia aos dois? E, para satisfazer os pedidos cada vez mais frequentes de Stanton, a joven trabalhava sem descanso, diminuindo o tempo de repouso, passando noites sem dormir, curvada sobre a machina de costura. Iam-se-lhe as bellas cores do rosto, os formosos olhos orlavam-se-lhe de negro. Sua mãe conseguira encontral-a, uma tarde, á hora noite, indo visitar a filha, encontrou-a da sahida das operarias da fabrica; e uma deitada sobre a costura inacabada, vencida pela fadiga.

Outra pessoa notara tambem o progressivo deperecimento da joven. Era Donald Holliday, o gerente da fabrica. Mancebo distincto, de fina educação, a vista diaria da formosa operaria era-lhe agradavel. Pela porta, entreaberta do seu gabinete, acompanhava com o olhar o vulto applicado da moça, trabalhando sem cessar. Um dia em que a vira passear com Harry Stanton, torturou-o um ciume louco, patenteando-lhe o amor que insidiosa e subtilmente se fora apoderando gradualmente do seu coração.

Quando começou a reparar na redobrada actividade da joven, e na consequente fadiga estampada em suas faces descoradas, uma immensa piedade apoderou-se delle. Sem duvida a moça tinha irmãos a sustentar e a educar, e trabalhava mais e mais para que nada lhe faltasse. A verdade, porém, começou a patentear-se-lhe quando, interrogando-a discretamente, a moça respondeu-lhe:

— Não tenho irmãos, mas tenho um objectivo nobre, pelo qual me sacrifico.

Donald Holliday resolveu-se a averiguar o que havia em relação á moça. O meio mais facil seria approximar-se da familia della, e foi o que elle fez. Ali soube da fuga da moça de casa dos paes e dos motivos que a isso deram causa.

— Mas esse Stanton, perguntou elle ao velho O'Donnell, será o que o senhor pretende?

— Eu o vi roubar o dinheiro de um cego! — exclamou em resposta o velho. Elle deu-me um socco no queixo que me fez rolar na rua e eu, em troca, preguei-lhe outro na cara, de que elle ainda tem a marca.

— Se o senhor conseguisse fazer com que Katherine voltasse para aqui... intercedeu a senhora O'Donnell.

— Vou tentar desilludil-a, mostrando-lhe as provas das razões que moveram o sr. O'Donnell a expulsar o seu noivo.

Holliday deu inicio sem demora ás suas investigações. As informações que lhe deram a respeito de Stanton, no posto de soccorro onde elle trabalhara, foram as peores possiveis.

— Harry Stanton? — disseram-lhe pelo telephone — é o mentiroso mais descarado que pisa no mundo. Malandro, sem escrupulos e deshonesto. E' o que lhe posso dizer sobre elle.

— Pobre moça! — pensou elle, largando o apparelho — Agora já sei para onde vae o seu dinheiro; mas deixa estar, grande patife, que não a explorarás muito tempo.

Passaram-se alguns dias. Uma tarde, estava Holliday sentado em seu gabinete, quando bateram á porta. Quando o continuo annunciou o seu nome, Harry Stanton, não poude conter um gesto de repugnancia. Stanton queria falar a Katherine e queixava-se da insolencia do porteiro da officina que o não quizera deixar entrar.

— O porteiro fez muito bem — respondeu Holliday; não se entra nas officinas nas horas de trabalho.

— Mas... ia dizendo Stanton.

— Se quer falar com Katherine O' Donnell, espere aqui.

E, chamando a contra-mestra, deu-lhe ordem de fazer vir a moça.

Katherine mal viu o noivo ,correu para elle. Mas Stanton, com um gesto convidou-a para sahir.

— Não é preciso sahir — interveiu o gerente — podem falar á vontade, que ninguem os interromperá. Eu me retiro.

Quando se viu a sós com a moça. Stanton disse:

— Vim aqui procurar-te para que me arranjasses algum dinheiro. Tenho necessidade urgente de um livro imprescindivel, para a terminação do curso...

Katherine entristeceu. Não pelo pedido de dinheiro, mas porque o pouco que lhe estava do seu ordenado era tão pouco que talvez não chegasse para comprar o livro.

— Sempre será alguma coisa — observou Stanton. Com algum que eu tenho, será o bastante.

Ia para retirar-se, quando appareceu Holliday. Fuzilava-lhe nos olhos a indignação.

— Patife — bradou elle — não tens vergonha de extorquir dinheiro a uma pobre moça trabalhadora para gastal-o em pandegas, com outras mulheres!

— Mente! — protestou Stanton. Mente quem disser que esse dinheiro não o emprego eu em estudar medicina.

— Acalma-te, Harry, — supplicou a moça collocando-se entre os dois homens. Eu bem sei que gastas esse dinheiro em livros. Deixa falar os invejosos.

Stanton tomou o chapéu e, lançando um olhar de triumpho para o gerente, sahiu.

Holliday voltou-se para a moça:

— Pois é possivel que a senhora não veja que esse individuo está a exploral-a? Todos os que o conhecem são unanimes em reconhecer a pessima reputação de que elle gosa. Só a senhora...

— O que eu vejo, senhor, é que é impossivel que eu continue a trabalhar aqui! — respondeu ella sahindo arrebatadamente.

Na rua encontrou Stanton. Ao saber que ella se despedira, o miseravel procurou afastar-se.

— Espero-te, como de costume, no parque, esta tarde.

A joven notou a frieza do namorado, mas nada disse. Quando, entretanto, elle não appareceu no parque, uma immensa magua apoderou-se della. Seria possivel que fosse verdade o que se dizia delle? Amaria elle o seu dinheiro e não ella? Mergulhada nessas reflexões, não viu approximar-se uma das suas vizinhas de quarto, Ivette de Vorne.

— Que fazes ahi? — perguntou esta.

— Esperava Harry, mas creio que se esqueceu que me havia marcado um encontro hoje, aqui.

Ivette contemplou-a com piedade. Sahira naquelle instante de um restaurante de luxo, onde vira Stanton com outra mulher, gastando liberalmente o dinheiro que lhe dera Katherine. A moça contou-lhe que estava sem emprego. A amiga teve uma idéa. Era preciso desenganar Katherine; era necessario provar-lhe, quando não, não acreditaria, a infamia do homem que amava. Indicou-lhe o restaurante que sabia assiduamente frequentado por Stanton, sempre acompanhado por uma mulher differente.

Foi facil a Katherine obter um logar no restaurante. Alguns dias se passaram. Nunca mais vira Stanton, desde o dia em que se despedira da fabrica.

Uma noite, no momento em que se dispunha a servir um senhor edoso, quasi desfalleceu, ao ouvir uma voz muito conhecida dizer, atraz della:

(*Termina no fim da revista*)

Katherine rogou, supplicou...

Póde casar, papae!

(MOONLIGHT AND HONEYSUCKLE)

Film Realart — Producção de 1921

DISTRIBUIÇÃO

Judith Baldwin . .	Mary Miles Minter
Tod Musgrave . . .	Monte Blue
Senador Baldwin .	Willard Louis
Hallie Baldwin . .	Grace Goodall
Congressman Hamill	Guy Oliver
Bob Courtnay . . .	William Boyd
Mrs. Langley . . .	Mabel Van Buren

OPINIÃO DA CRITICA

Historieta interessante e agradavel por um grupo de bons artistas, tendo á sua testa Mary Miles Minter.

Exhibitor's Trade Review.

Aos não iniciados por certo parecerá uma boa distancia a que vae de uma casa de fazenda do Arizona á residencia de um senador federal em Washington. Entretanto, foi essa a distancia que Judith Baldwin transpoz com a mesma facilidade e graça, com que um *hunter* de classe transpõe uma sebe.

Uma boa escola de aperfeiçoamento, no Oeste, habilitara-a com o tirocinio indispensavel, de modo que visitar, por exemplo, a esposa do presidente, era para ella um simples incidente, e presidir a mesa cerimoniosa de seu pae, um verdadeiro deleite. Só porem a Natureza, vergonhosamente parcial para com sua loura filha, lhe podia ter dado aquelle sorriso que se espalhava como o ouro do sol sobre quantos se approximavam della, o encaracolado gracioso daquelles cabellos, o azul dos seus olhos, as perolas daquelles dentes que se diria fabricados no Céo.

— Lindo, esplendido — exclamava Judith em extase, dirigindo-se á india gorda que lhe seguia no encalço de sala em sala, atravez a ampla residencia que seu pae montara em Washington.

— Hum !... — fazia a mãe de criação da menina. — Grande demais ! Luxo demais !... Nada como o Arizona !...

— Mas, Tinah, precisas reflectir que as filhas de senadores e seus importantes papaes não podem viver em barracas, nem em casa de fazenda, construidas sobre os gramados da Casa Branca. A sociedade de Washington não o permittiria. Quanto a mim, gosto bem disto e vou fartar-me de me divertir emquanto papae fôr senador. O trabalho que houver que fazer, fica ás tuas costas e da tia Hallie. Por minha parte vou brincar, brincar até mais não poder.

Da casa da fazenda do Arizona só uma pessoa não fôra transportada a Washington com a familia do senador, quando este fôra nomeado pelo governador para preencher na capital um mandato subitamente interrompido: Tod Musgrave, o capataz da fazenda.

— O meu velho Tod ! — murmurava Judith, pensando nelle. Tod, com os seus trinta annos de uma virilidade sã, de uma virilidade avigorada ao contacto quotidiano da Natureza, parecia muito velho a Judith, orgulhosa dos seus formosos dezenove annos.

— Que pena elle não estar aqui para brincar com elle ! Como nos haviamos de divertir ! Mas a fazenda não podia ficar sem alguem que a dirigisse na ausencia de papae. Quem sabe se Tod terá sentido a minha falta !

E via-o, na sua imaginação, tal e qual como naquella ultima tarde passada a seu lado, na vespera da partida.

— Queres vir commigo ao alto do monte, Juditinha, assistir uma vez mais ao pôr do sol ? — dissera Tod. E havia um extranho toque de tristeza na sua voz, uma expressão de melancolia nos seus olhos, como se já o affligisse a ausencia de alguem.

Lentamente, haviam subido ao cume do outeirinho, alcançando por fim o penedo immenso donde avistavam, para Oeste, as montanhas que, esbatendo-se em ondulações violaceas, mergulhavam mais além na gloria aurea e purpurina do sol-pôr.

— Lembras-te, Juditinha, de quanto te sentavas no meu joelho, nesta mesma pedra, a balouçar as perninhas, emquanto eu te contava as minhas historias indias, sobre o coração do sol-pôr ? — interrogou Tod.

— Hum, hum... — fizera ella, sem encontrar palavras para dizer mais.

— Meu velho Tod querido ! — murmurou de novo, com um suspiro.

Mas a entrada, na sala, da tia Hallie, interrompeu o fio das suas meditações.

— Ora aqui tens toda a sociedade de Washington a abrir-te os braços ! Convite para bailes, uma carta da esposa do presidente, outros convites para varios chás... Talvez nelles encontres alguns cavalheiros, cujos corações possas estraçalhar, conforme vaticionou teu pae.

— Que tolice, titia ! — atalhou Judith com fingida gravidade. — Nunca despedacei um só coração que fosse !

— Pois admira ! Já tendo vivido tanto !... — resondeu Mrs. Hallie, a rir.

Judith não teve difficuldade em encontrar corações que despedaçasse. Mas, para começar, escolheu tão sómente dois. Um delles já estava habituado a servir de peteca. Pertencia a Bob Courtnay, e não se lhe podia chamar um coração velho. Courtnay era considerado o Lovelace de Washington, e tão verdade era que elle havia amado muitas mulheres, como verdade era tambem que de muitas fizera pouco e as deixara ir...

A sua hypocrisia audaciosa fascinou Judith, que adorava a frieza com que os olhos verdes do rapaz acompanhavam cada um dos seus movimentos. A sua elegancia impeccavel, a leve fragancia de pó de talco, que emanava delle, eram cousas novas para Judith que, no logar donde viera, sempre vira os homens deixarem para as mulheres essas complicações dos perfumes e dos pós de talco. Além disso, Bob Courtnay dansava como um joven fauno.

O outro "coração" escolhido por Judith era mais no genero de Tod e dos outros rapazes do Oeste, que ella conhecera. Pertencia ao Congressman Hamill que, sem embargo do seu pomposo nome, era apenas um joven congressista de um dos Estados do "Middle-West". Num particular, parecia entretanto bem empregado o nome, pois o outro decantado Congressman não podia ser mais obstinado do que elle.

Congressman Hamill era todo o contrario de Bob Courtnay. Não era lindo, nem meigo, nem caprichoso no vestuario. Usava ternos de xadrezinho commum, collarinhos molles, e nunca ninguem o vira dansar. Quando porém elle conversava com Judith, naquella voz arrastada em que palpitava timidamente, dava em quando, uma nota de meiguice, Judith tinha a impressão de que nunca se cansaria de o ouvir falar.

De tal modo os prazeres e divertimentos absorviam Judith na sua nova vida, que ella não tinha tempo de observar quão pouco seu pae parava em casa. As suas ausencias foram-se tornando gradualmente mais frequentes: primeiro, á hora de jantar, depois á noite.

Uma noite porém em que estava em casa, como não houvesse visto ha muitas horas a ponderosa figura de seu pae, a menina perguntou:

— Onde está papae ?

A experiencia no "Chalet das Madresilvas".

— Com a Sra. Langley, com certeza, — respondeu a tia Hallie, asperamente.

— Quem é a Sra. Langley ? E porque "com certeza" ?

— Será possivel que tu não saibas quem é a Sra. Langley, Judith ?

— Ah, já sei: aquella viuva encantadora... com dinheiro a granel... que nos foi apresentada no ultimo jantar-concerto... E' essa ?

— Exactamente! E está sempre de olho alerta por mais dinheiro a granel, que possa juntar ao que já tem. Teu pae está procedendo como se tivesse endoidecido por ella; e com aquelle terno novo côr de cinza, e o cabello cheio de pomada e aquelle immenso cravo na lapella, está um palhaço perfeito !...

— Mas a senhora não acredita que papae esteja apaixonado por ella ? — perguntou Judith, num tom de incredulidade.

— Não preciso acreditar porque o sei, de sciencia propria.

— Não devemos porém deixar...

— Não devemos deixar ? —... — repetiu a tia Hallie. — Ao contrario: devemos animal-o o mais possivel a que prosiga. Teu pae sabe bem o que faz, e creio que se elle arranjasse uma esposa, seria uma benção do Céo, no presente momento. Confesso que já estou cansada das obrigações que incumbem a uma senhora que se acha á frente de uma casa de senador, como esta. E quando me lembro da paz, da tranquillidade do "Chalet das Madresilvas, "tenho até pena de lá não estar !

— Ah, não ! Se elle se casar, pódes ter a certeza, titia, que sahirei de casa ! — declarou Judith.

— Creio que o costume, Judith — ponderou a tia — é uma moça só sahir da casa paterna, quando se casa.

— Mas eu não me vou casar, titia.

— E' então por mero divertimento, que trazes presos ao teu anzol esses dois moços.

— Não sei... mas...

— O que me parece é que precisas resolver esse caso de qualquer modo. Os pobres rapazes, na incerteza do seu destino, já andam pallidos e desfigurados !...

Mas a conclusão a que chegara a tia Hallie, chegaram os dois rapazes que, dias depois, pediram a Judith uma solução definitiva.

E a solução foi marcada para uma noite, dahi a oito dias, devendo um dos moços buscar o *veredictum* ás oito, e o outro ás nove horas.

— Uma semana para reflectir, — pediu Judith, e quando os olhos azues de Judith pediam fosse o que fosse, nem o demonio ousaria resistir...

Sopesava agora os dois corações nas suas mãos pequeninas, e por mais que fizesse, não sabia dizer qual dos dois pesava mais. Na manhã seguinte, acompanhado de um cartão gentilissimo, veiu um ramo de rosas mandado por Courtnay, e o fiel da balança pendeu um pouco em favor do seu coração.

Aconteceu o senador estar presente quando as rosas chegaram, pois a hora era por demais matinal para elle já estar fruindo a deleitosa companhia da abastada Sra. Langley.

— De quem são ? — perguntou, piscando o olho. — Aposto que de Courtnay ! Demais sabe elle que um homem não tem melhor offerenda de paz do que uma braçada de rosas, quando quer captar uma senhora !...

Judith sorriu, e veiu-lhe á memoria o que a tia Hallie lhe dissera sobre a aventura amorosa de seu pae. E olhando-o, como se só então se houvesse apercebido delle:

— E a Sra. Langley, gosta de rosas tambem ?

— Por certo ! Mas... mas que queres dizer com isso ?

— Oh, nada ! — fez como se não ligasse grande importancia ao assumpto. — Pareceu-me apenas que tu devias saber!...

— Dize, Judith: ficarias muito zangada, muito, se o teu pae... se o teu velho pae... hum... gostasse da Sra. Langley ?

— De modo nenhum. Acho-a encantadora e só desejo ver-te feliz com ella. Por minha parte, pódes casar quanto antes...

— Mas ahi é que péga o carro, Judith: ella não quer casar !

— Não quer casar ? !... Aspira acaso a mais que um senador da Republica ?

— Não, não é isso: é que está acostumada a ser ella a mandar em sua casa, e a idéa de outra mulher, á volta della continuamente, no seu futuro lar, não lhe agrada em absoluto...

— Ah, fica tranquillo: a tia Hallie não estará aqui. Por sua vontade, ella seguiria para o "Chalet das Madresilvas", agora mesmo.

— Mas não é da tia Hallie que se trata, Judith.

— Então de quem é ? Tambem não é de Watonah, que é uma santa creatura...

E logo depois, como visse seu pae abanar lentamente a cabeça:

— Pois que, papae ? Serei eu ? !...

Dessa vez, Baldwin acenou affirmativamente.

Nessa noite, sobre o regaço da sua-india, Judith chorou lagrimas de fogo.

— Papae... papae não me quer mais aqui, — soluçava.

— Não faz mal. Watonah e Judithzinha voltarão para o Arizona e lá hão de ser muito felizes, — respondeu a india.

— Não, positivamente, não ! Não vou ! O que eu vou fazer, é casar com um dos meus dois apaixonados. Mas com qual dos dois ?...

Na manhã seguinte, quando Watonah desceu á saleta de almoço, ali foi encontrar um mancebo do Oeste que cruzava agitadamente, de um para outro lado da sala. Tonah, á guisa de boas vindas, mostrou-lhe os dentes de jaspe. Gostava de Tod porque elle trazia comsigo a viração das remotas paragens que ella amava, porque elle satisfazia, de certo modo, a sua saudade do Arizona.

— Ah, o senhor veiu ? — disse, mas um dedo cauteloso, atravessado sobre os labios do rapaz, impoz-lhe immediato silencio.

— Onde está Judith ? — perguntou Tod ancioso. — Quero fazer-lhe uma surpresa. Está bem ? Está feliz ?

— Bem, sim... feliz, não ! — respondeu Watonah.

— Pois então ainda bem que eu vim. Trago ahi um annelzinho, Watonah, e quero ver se o ponho no dedo mindinho de Judith, para depois a levar commigo para o Arizona. Ha quanto tempo nós dois lhe queremos bem, — hein, Watonah ?

— Washington, não presta. Arizona, é melhor, — commentou a india. E sahiu para ir chamar Judith.

A rapariga soltou um grito de alegria mal avistou Tod, e correu para elle de braços abertos. Como porém lhe observasse a expressão do olhar, preferiu estender-lhe as duas mãos.

— Judithzinha querida ! Como estás linda !

— Foi papae que o mandou chamar ? — perguntou a moça. — Elle está occupadissimo: mandato legislativo, mandato namorativo...

— E tu ?... — disse Tod com sincera anciedade.

— De mim não vale a pena falar: estou-me divertindo. Não faço outra cousa.

Como de Judith não pudesse obter melhor resposta, Tod interrogou o pae da menina e a tia Hallie, e o que delles ouviu confirmou os seus peores receios. Affrontar um homem não era grande cousa; mas dois, era mais do que elle havia previsto !

Chegou por fim a momentosa noite em que Judith devia decidir da sorte de Bob Courtnay e de Congressman Hamill. Acordara nessa manhã bem disposta, pois acudira-lhe durante a noite um plano excellente para, sem temor de erro, saber qual dos dois homens preferiria.

De dois namorados quem vence é sempre o terceiro.

(*Termina no fim da revista*)

DR. MABUSE, o jogador

Producção de 1922, da Decla Bioscop, de Berlim — Direcção scenica de Fritz Lang.

DISTRIBUIÇÃO:

Dr. Mabuse	Rudolf Klein Rogge
Cara Carozza, a bailarina	AUD EGEDE NISSEN
Condessa Dusy Told	GERTRUDE WELKER
Conde de Told	ALFRED ABEL
Promotor publico Dr. Wenk	BERNHARD GOETZKE
Hull	Paul Richter
Spoerri	Forster Larrinaga
Georg	Hans A. V. Schlettow
Pesch	Georg John
Hawasch	Karl Huszar
Fine	Grete Berger
Karsten, amigo de Wenk	Julius Falkenstein
A russa	Lydia Potechina
Schramm, proprietario de uma casa de jogo	Julius Hermann
O criado de Told	Karl Platen

A presente fita foi calcada sobre o romance do conhecido novellista allemão Norbert Jacques — Epoca: Actualidade.

O velho e elegante cavalheiro se apresentava sempre pessoalmente a todas as pessoas que o podiam interessar e segundo as informações que recebera dos seus prepostos. Rara era vez, entretanto, que a pessoa a qual elle se apresentava conseguia comprehender o seu nome. A sua elegante toilette era completada com uma riquissima perola que lhe ornava a gravata e logo que elle entrava em qualquer sala de jogo, punha em sua frente uma grande quantia que servia de chamariz aos incautos.

Assim consegue tambem esta creatura entrar certo dia em um club de jogo levado por um joven de nome Hull e que era portador de um dos mais importantes nomes familiares e dono de uma grande fortuna que subia a uns poucos de milhões.

Logo que os dois penetraram na sala e tomaram logar a uma pequena mesa, deram inicio ao jogo carteado. O illustre e elegante desconhecido tomou logo para si a banca do jogo, que era o vinte e um. Não havendo limite para as paradas, o jogo começou, obedecendo todas as regras. Hull, logo depois das primeiras paradas começou a ter um grande prejuizo. Isto no emtanto, acontecia a todos e em especial quando o illustre desconhecido tinha em mãos a banca.

Hull apparentava uma grande calma, apezar de seu grande prejuizo, mas no seu intimo elle sentia as consequencias que lhe podiam advir daquella sua leviandade. Para manter a sua apparente calma elle chama o creado e pede cognac e depois ainda toma uma taça de champagne.

Debaixo dos vapores alcoolicos, proseguiu o jogo, apezar de sentir a continua diminuição das notas de banco que trazia na algibeira. Tinha já perdido completamente a noção das coisas e a prova estava em que elle não procurava mais saber de quanto era a parada que fazia e que o outro tomava a si.

A sua pouca sorte provocou commentarios, mas tambem o provocava o seu modo, pois elle não fazia os pedidos que eram de sua obrigação como o mandavam as cartas que recebia. Amigos que assistiam a partida entre os dois tencionaram dar fim ao jogo, mas tudo era debalde.

Aperreado pelos amigos, Hull resolveu levantar-se. O illustre desconhecido, cujo olhar penetrante até então tinha sido notado, começou a desapparecer como que uma força estranha se tivesse afastado repentinamente.

O elegante vendo que ninguem mais tentava arriscar a sorte com o baralho, levanta-se então fleugmaticamente e pega do dinheiro que se encontrava em sua frente e o mette na algibeira como se fosse o lenço, sem mesmo prestar o minimo cuidado no seu acondicionamento. Ainda havia, emtanto no baralho cartas bastantes e Hull propõe ao desconhecido mais um carteado e este acceita. Hull recebe as cartas e apezar de ter na mão vinte e um, entrega as cartas no bagaço, allegando ter perdido.

Finalmente o velho se afasta e ao dizerem amigos de Hull que elle puzera fóra o vinte um, que recebera do banqueiro, allega ser impossivel. Que foi que eu fiz?

Depois de alguns minutos Hull sae para uma sala contigua e ainda encontra o desconhecido e lhe pergunta quanto ficara devendo da ultima partida e este lhe responde ser a quantia de trinta contos de réis. Pede para dar-lhe o seu cartão de visitas, pois no dia immediato iria pessoalmente levar a quantia de que ficara devedor. Sobre o cartão estava escripto: Balling — Hotel Excelsior. Quarto n. 14. "Quando quizer a desforra estou ás suas ordens, sr. Hull" disse elle e despediu-se respeitosamente.

Voltando novamente á sala de jogo, Hull encontra um amigo e este lhe faz acerba condemnação sobre o jogo que fizera minutos antes. Hull então diz com a maior calma que não tem a menor noção do

Na casa de jogo...

que se passou e ao procurar a sua carteira verifica que esta está vazia. O amigo então lhe diz que o dinheiro que ella contivera se passara todo para o bolso do amigo, ao que Hull energicamente retruca dizendo não ser aquelle cavalheiro seu amigo, mas um senhor que elle vira pela primeira vez na sua vida.

O amigo então lhe diz que não é possivel pois fora elle Hull, quem o trouxera para o club. Hull ficou indignado e desmente peremptoriamente o amigo.

No dia seguinte Hull conseguira obter de seus banqueros os trinta contos e os leva para o Hotel Excelsior, para pagar ao sr. Balding.

Na portaria do Hotel elle pergunta pelo citado cavalheiro e o informam estar nos seus aposentos. Toma o elevador e vae em sua procura, mas no quarto n. 14 estava um cavalheiro que Hull nunca vira na sua vida.

—Parece-me que estou equivocado ou então me trouxeram a logar errado, pois eu procuro o quarto n. 14 e desejo falar ao Sr. Balling.

O desconhecido então lhe responde ser elle proprio o sr. Balling. O sr. Hull então reflecte sobre a noite anterior e acaba perguntando ao novo sr. Balling se lhe ficára devendo da vespera alguma quantia. O sr. Balling lhe responde que não e ao mostrar o sr. Hull o cartão de visitas que recebera na vespera, o sr. Balling diz que não fora elle quem o dera e pede desculpas, pois tem um amigo que o espera e com quem tem necessidade de conversar sobre negocios.

Hull então deixa o Hotel e diz para si proprio: é a primeira vez na minha vida que deixo de saldar uma divida de jogo.

Dias depois Hull vem a conhecer uma rapariga que num cabaret chamado "Bonbonniere" fazia o papel de *chansonette* e com ella procurou gastar os trinta contos que não conseguira entregar a quem por direito pensava deviam pertencer.

CAPITULO II

Quinze dias depois todas as rodas elegantes só se preoccupavam com um illustre desconhecido portador sempre de muita fortuna e que aparecia em toda parte sempre differentemente trajado e com outras maneiras mas todos o tinham sempre pelo mesmo, apezar de umas vezes apparecer como provinciano, outras como "sportman", outras como capitalista e não raras vezes como scientista.

Nas diversas dependencias policiaes da cidade muitas já eram as queixas apresentadas sem que no entanto a autoridade podesse ao certo saber de quem se tratava embora soubesse que era alguem que frequentava as casas de jogo e que vivia exclusivamente de jogos furtados.

Hull que tomara a serio a sua nova ligação conseguiu por meio della ser introduzido em diversas casas de tavolagem. Elle se convencera que tudo não passara de uma brincadeira dos seus amigos naquella noite e que a questão das dividas que elle fizera era uma questão liquidada para sempre.

Repentinamente no entanto apparece na sua casa um certo dia o promotor publico von Wenk e lhe conta tudo novamente que se passara naquella celebre noite. Hull procurou no entanto guardar a maior reserva sobre tudo quanto se passara ao que o promotor se vio forçado a se identificar e expôr as razões da sua visita. Para provar a Hull que elle esta completamente ao par da sua vida, allega que sabe ter este uma amante que é a bailarina Carozza do "cabaret Bomboniere". Hull fica

O fabricante de notas falsas...

naturalmente muito espantado e ainda maior é o seu espanto quando o promotor lhe pede para que elle offereça uma opportunidade para se encontrarem todos os tres juntos.

— Cada vez entendo menos, responde Hull ao promotor ao que este nada respon-de. Depois de uma pequena pausa o representante da justiça publica lhe faz a seguinte pergunta:

— O senhor ainda tem jogado, sr. Hull?

Ao que este lhe responde:

— Sim, as vezes mas em casos especiaes.

Recebida esta resposta o promotor se retira e volta ao seu gabinete.

Hull, que no momento em que esperava Cara Carozza tinha no seu gabinete posta uma mesa de chá, collocou o cartão de visitas do promotor sobre esta e ao entrar a bailarina esta encontra o cartão sobre a mesa e lhe pergunta:

— Que negocios tem você com a justiça?

Elle então a acalma e lhe diz que não tenha cuidados pois fôra apenas uma visita de cortezia a que lhe fizera Wenk. Uma vez calma a bailarina resolveu Hull contar a ella a verdade da visita de Wenk e lhe diz que elle lhe pedira para que o podesse acompanhar a noite na visita a um club de jogo. Ella diz que havia combinado com pessoas amigas encontrarem-se todos no club dos Schramm e que o promotor seria para ella tambem bemvindo uma vez que não havia outra sahida.

A noite, os tres se encontraram num restaurant que era elegantissimo e o criado preposto da casa de jogo introduzio os novos parceiros por uma porta occulta para o interior e os conduzio por uma escadaria primitiva para uma sala que era a de jogo e que não tinha outra sahida senão aquella pequena e estreita porta de entrada. Ali se viam todas especies de bancas de jogo e os typos mais patibulares, como sóe acontecer em todas as casas de jogo.

Logo depois da entrada de Hull este apresenta o seu amigo Wenk á encantadora bailarina Carozza. Os tres se entretem alguns minutos em palestra e depois procuram os logares que haviam sido para elles reservados no "tableau" de "baccarat".

O amigo de Hull que ali estava presente então diz para Hull:

— Aqui somos todos conhecidos, o unico desconhecido é aquelle rapaz de barbas louras.

Wenk que ali fôra unicamente para estudar aquelles typos olhou immediatamente para o tal individuo e seus olhares cruzaram-se com os do desconhecido. Este jogava calmamente e as suas paradas nem sempre eram certas tanto assim que elle as perdia as mais das vezes. Wenk logo depois de examinar detidamente aquelle typo sobre o qual lhe haviam chamado a attenção correu com o olhar o resto da mesa acabou se convencendo de que a mysteriosa creatura que a justiça tanto procurava não podia deixar de ser aquelle typo de barbas louras e que era ali completamente desconhecido.

Wenk nada encontrando de positivo que o podesse interessar deixa a sala de jogo em companhia de seu amigo e n'uma pequena sala contigua vê sobre uma "chaise longue" uma encantadora mulher repousada que o preoccupou extraordinariamente e quiz dizer isto a Hull mas não teve coragem pois pensava que desta forma poderia condemnar-se nas pesquizas que fazia pois não sabia quem ella era.

Esta linda creatura pela qual Wenk se apaixonara ao primeiro olhar era a condessa Told, esposa de um rico diplomata e que ali naquelle meio procurava distracção para sua vida cheia de preoccupações caseiras.

CAPITULO III

Na noite seguinte Wenk estava convidado a assistir a uma "soirée" musical nas proximidades da casa dos Schramm. Elle passou pela porta delles sem tencionar entrar quando repentinamente delle se approximou o criado e o convidou a entrar perguntando-lhe tambem:

— Quer ir á mesa de marmore?

Esta era a palavra convencional para a escada dos fundos ou para a sala de jogo. Wenk nada respondeu, mas fez um signal confirmativo. O criado tomou-lhe a dianteira e Wenk o seguio como que automaticamente.

Uma vez chegados á sala de jogo a primeira pessoa que lhe chamou attenção foi o homem de barbas louras. Elle estava

sentado no seu logar no "tableau" de "bacarat" e os olhos como que presos a um dos parceiros da mesa.

Na mesa de jogo ainda havia um logar vago e neste se sentou Wenk e tirou da algibeira a sua carteira de dinheiro.

Estava bancando neste momento o homem das barbas louras. Assim que e te deparou com o novo parceiro não poude esconder uma contrariedade e virava as cartas que puxára ouvindo-se então uma voz estranha dizer:

— Basch já perdeu outra vez.

— Tudo prompto — interrompeu o louro como que para que não se comprehendessem as ultimas syllabas do intromettido.

Basch não deu accordo de si apezar desta pequena interrupção e pegou de mais um bilhete de banco e esperava o novo golpe. Elle era o unico que se arriscara a fazer uma parada e o louro distribuio as cartas e disse logo a seguir:

— Eu dou!

Basch respondeu apenas com a cabeça negativamente.

Wenk que a tudo prestava attenção repentinamente descobrio atraz de um desconhecido os olhos vivos de Carozza, mas mesmo assim os seus olhares se volviam novamente para a outra mulher. O banqueiro depois de ouvir a negativa do parceiro em querer comprar cartas puxa de uma figura e vira sobre a mesa as suas tres cartas que perfaziam um total de quatro, emquanto o parceiro ao virar as suas tinha apenas tres pontos.

Elle esta jogando como se estivesse embriagado pois não póde haver maior loucura no "baccarat" do que ficar com tres quando ha tantas possibilidades ainda no baralho.

Ao puxar a si a parada de Basch o louro deitou um profundo olhar sobre o promotor publico. E este verificou que aquelle não olhava para outras pessoas senão para elle e para Basch.

Vendo que nada havia a fazer resolveu acceitar a luta com o desconhecido. Depois de alguns minutos no entanto Wenk não jogava mais como "dilettante" ou observador, mas sim como qualquer dos profissionaes ali presentes. A tal ponto ia a sua perspicacia no jogo que elle chegou a esquecer a linda mulher que mirava havia tanto tempo. Hull não estava na sala e a Carozza fazia as suas paradas juntamente com um desconhecido.

Indignado comsigo proprio, Wenk abandonou a mesa de jogo e afastou-se precipitadamente da sala.

No dia seguinte elle pediu á policia para lhe fornecer toda a sorte de mascaras com que elle se pudesse apresentar novamente nas casas de jogo, sem ser reconhecido.

A noite elle se achava mais encorajado e preferiria ir visitar logo todas as casas de tavolagem da cidade em procura do mysterioso personagem. No emtanto só foi a casa dos Schramms. La elle se apresentou com sua verdadeira physionomia e la estava tambem Hull mas o homem das barbas louras não chegara ainda ou não iria naquella noite, nem tão pouco Basch. Elle ouvira tambem que o louro abandonara a sala logo depois delle na noite anterior o que chamara a attenção de todos. Tantos eram os commentarios que se faziam sobre a noite anterior que o jogo parou e a Carozza que se encontrava na sala disse:

— Ha creaturas que nasceram para jogar e quando tem uma carta nas mãos esta é sempre um "az"!

Quanto ao sujeito louro, ninguem na sala o conhecia; fóra trazido por Basch. Na primeira noite elles vieram juntos e na seguinte elles deixaram juntos a sala e todos o tinham por um principe desthronado, que precisava de dinheiro. Hull então disse á Carozza:

— Não sei porque, mas parece-me que eu já joguei uma vez com este sujeito ao que a rapariga respondeu:

— Deixa de tolice rapaz, elle é completamente novo na zona!

Uma mulher que se encontrava proxima disse e tão:

— Elle tem muito máos olhos!

Wenk ao ouvir esta vóz pareceu-lhe reconhecel-a e ao se voltar para o logar donde ella partira não conseguiu ver ninguem, a escuridão ali éra muito grande para se poder descobrir qualquer silhueta. Carozza que ouvira tambem a vóz feminina sem se mexer do logar respondeu:

— Máos olhos? Então a pessoa que joga precisa ter bom olhar?

A extranha creatura vista na casa de jogo

A isto respondeu então a vóz do esconderijo:

— Elle olhava para Basch com os olhos de uma féra sobre sua presa.

Ao que Wenk juntou:

— Esta tambem é minha opinião!

E ao terminar levantou-se e se dirigiu para o caramanchão escuro; o desconhecida era a ella e besconhecida mulher.

Elle a olhou cheio de pensamentos e disse:

— Parece-me que os nossos pensamentos se cruzam doutor?

Repentinamente a mulher se levanta e diz:

— Dr. promotor o senhor quer ser meu amigo?

Ao que o Dr. Wenk responde:

— Estou inteiramente ás suas ordens minha senhora.

— Eu quero deixar immediatamente esta sala sem ser vista Sr. doutor. O senhor me auxiliará — perguntou-lhe então a desconhecida e bella mulher.

— Porque não? — respondeu Wenk.

— Como poderemos levar isto a effeito? Perguntou a mulher.

Wenk immediatamente se dirigio para perto da porta e desligou a electricidade e a linda mulher atravessou o grande salão sem ser vista por ninguem. Houve naturalmente um susurro na sala e ao voltar a ser feita a luz, Carozza estava perto da escadaria inteiramente pallida e atordoada.

Entrou então na sala um criado e este trazia na mão uma carta que foi entregar a Hull; este se collocou debaixo de uma lampada e começou a lel-a com sofreguidão. Ao ler a carta um calafrio lhe passou pela espinha e elle deixou tambem logo a seguir a sala e ao chegarem á rua cada um tomou seu destino. Hull no emtanto depois de alguns segundos voltou para perto de Wenk e lhe balbuciou no ouvido nervosamente:

— Preciso falar-lhe hoje sem falta. O senhor póde me receber na sua casa daqui a uma hora?

— Estou fóra de mim, porque me perseguem, — proseguio o joven.

Ao chegar a casa do promotor, Hull tira do bolso a carta que recebera no club e a atira sobre a mesa de trabalho de Wenk concebida nos seguintes termos:

"Pela presente declaro dever ao sr. Balling a importancia de trinta contos de réis. — *Gerhard Hull.*"

— Esta é minha carta de divida e agora volte e leia o que esta escripto no verso: "Senhor: a questão dos 20 contos é exclusivamente entre nos e nenhum promotor publico tem que ver com os nossos negocios. Que eu não tenha cobrado até hoje o dinheiro é coisa que só a mim diz respeito, comprehendeu?

Wenk ahi cahiu em si, pois concluiu logo que elles estiveram sentados com elle na casa de tavolagem:

— Nós o poderiamos ter preso e agora elle é outra vez um passaro a voar.

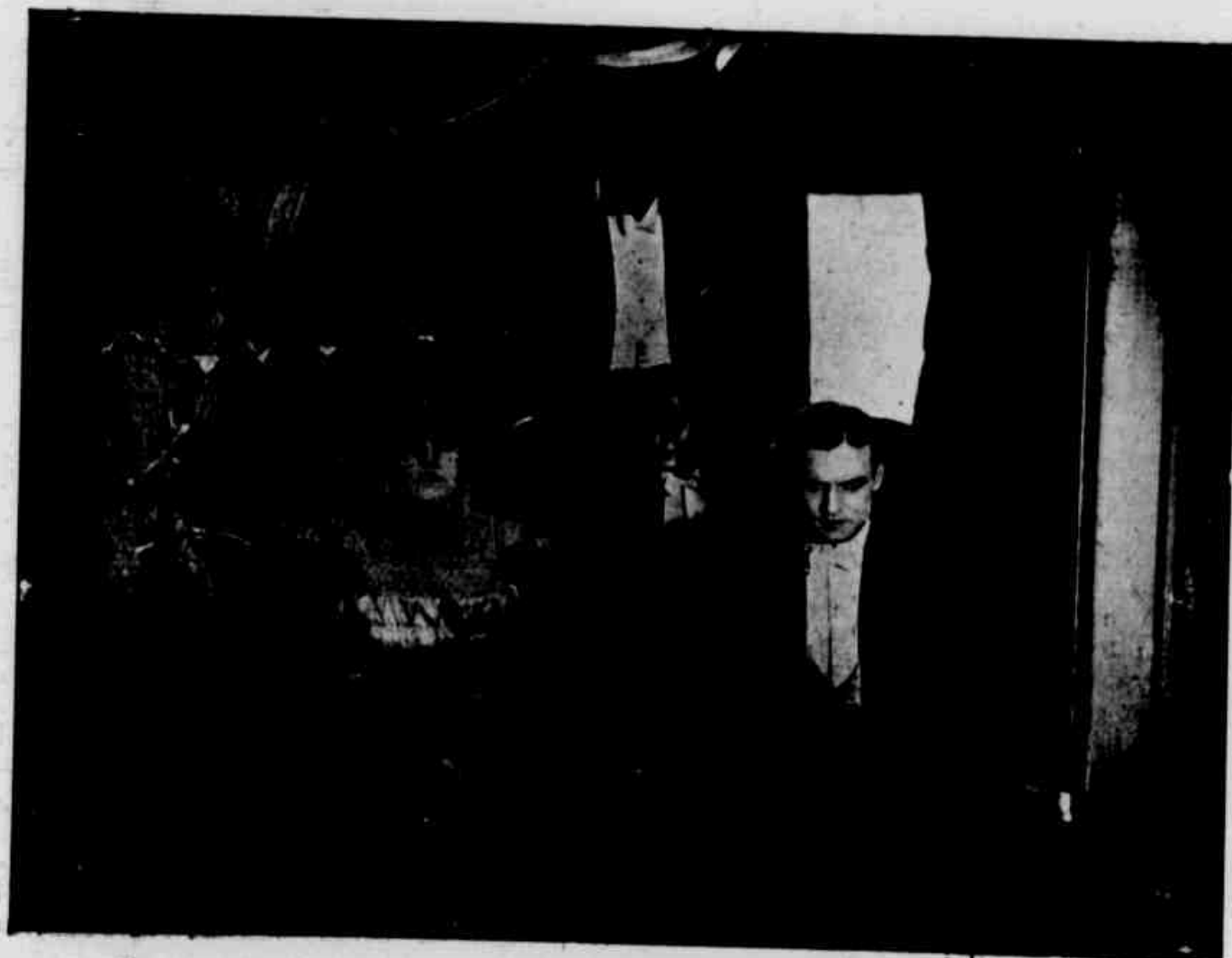
— O senhor sabe quem é este Balling? continuou o promotor. — E' aquelle louro barbado que nós vimos na casa dos Schramm.

Hull limitou-se a responder:

— Realmente, parece-me que é o mesmo daquella fatidica noite!

CAPITULO IV

Hull partio depois deste pequeno e curto encontro com o promotor para sua residencia emquanto Wenk começava a matutar que razões teria aquella linda mulher de deixar a casa dos Schramm tão mysteriosamente.

(*Conclue no proximo numero*).

A rua dos sonhos

(DREAM STREET)

Film da United Artists — Producção de 1921 — Direcção de David Wark Griffith.

DISTRIBUIÇÃO

James Spike	RALPH GRAVES
Gypsy Fair	CAROL DEMPSTER
Billie Mc. Faden . .	Charles E. Mack
O velho Fair . . .	W. J. Ferguson
Sway Wang	Edward Peil
Samuel Jones	Porter Strong
Inspector de policia .	Charles Slattery
Tom Chudder	George Neville

OPINIÕES DA CRITICA

"A rua dos sonhos" é um simples drama se se consideram sómente as grandes linhas do argumento, mas uma tragedia de sentimentos complexos se se segue attentamente a trama intellectual da obra... A ensceṇação comporta uma série de quadros de que parece só "Griffith" tem o segredo: uma feira popular em Londres, o começo de um incendio em um "music-hall", a perseguição de um fugitivo, nas ruas que o nevoeiro obscurece... As scenas, todas as scenas, desde as iniciaes até a derradeira, serão para toda gente inesqueciveis, tamanha emoção sincera, verdadeira dellas se desprende...

E que interpretes! Carol Dempster, viva, graciosa, sensivel, aligera, cujos olhos exprimem todos os seus pensamentos e seus companheiros tão admiravelmente expressivos em expressões tão differentes! Não sei dizer qual das obras de "Griffith" eu prefira; pensa, entretanto, que nenhuma é tão commovente em sua simplicidade como a "Rua dos Sonhos"

Paul La Borie — La Cinématographie Française.

Gypsy Fair habitava na Rua dos Sonhos, uma sombria cangósta londrina, onde tudo quanto tem de horrendo o mundo se acotovellava; no meio desse paúl pestilento, surgia uma flor ás vezes. Essa era a flor de Lime house, Gypse Fair a filha de Fair, o velho professor de dansa. Era ella que animava o pobre lar do velho artista como misero music-hall em que todas as noites surgia como um raio de sol na escuridão.

Fair era uma ruina; tivera de abandonar sua profissão que era a sua gloria e tornar-se, para viver, espião da policia. De sua arte só aproveitava a filha agora, tudo fazendo para ella se converter em uma verdadeira artista coreographica. De facto, Gypsy aproveitava as lições paternas. Era uma verdadeira fada, de pés que se diriam alados.

Na mesma rua residiam dois irmãos, o joven e bello Spike e Willy. Orphãos ambos, desde a infancia, Spike para poupar a seu irmão as torturas do asylo, fôra seu protector na edade em que carecia ainda de protecção; trabalhara rudemente na edade em que os outros brincam.

As horas haviam já passado...

Spike, musculatura de athleta, trabalhava nas Docas; generoso, alegre, dotado de uma voz que se cultivada valer-lhe-ia triumphos no palco, era elle o favorito das raparigas do bairro, das quaes se ria aliás, todo occupado a cobrir Billy de cuidados.

Mas um dia chegou em que elle viu Gypsy.

Elle a viu no "music-hall"; com elle levava Billy.

O espectaculo não valia grande coisa. Os dois irmãos já se desmandibulavam em bocejos, quando um rumor veiu despertal-os da somnolencia; o grito pavoroso de fogo soara. Por traz do panno, os artistas observavam o tumulto que se fazia na sala, onde a multidão desvairada precipitava-se para a unica e estreita sahida, os mais fortes derrubando os mais fracos na ancia de fugir.

Foi quando ás supplicas do director, para acalmar a multidão apavorada, Gypsy precipitou-se em scena e sabedora embora do immenso perigo que corriam todos, começou a dansar com a maior tranquillidade. Voltou o animo com isso aos espectadores, que retomaram os seus logares. Um rumor de applausos partiu da platéa. Gypsy, como sempre, triumphava. Os dois irmãos enthusiasmaods, applaudiam. E com o mesmo enthusiasmo applaudia Sway San, o rico mercador oriental, de fortuna feita, fornecendo a todos os dejectos de varias patrias que iam ter ao Limehouse, as salas onde rolavam moedas de todos os paizes nas mesas do jogo.

Quando Gypsy sahiu do "music-hall", aquella noite, logo á porta viu sobre a calçada quasi a ser esmagada por seus pésinhos, uma flor estranha. Era a rainha das florestas tropicaes — a orchydea, de tons exoticos e mais exotico perfume a lançar naquella sombria e nevoenta viella londrina quasi abafada dentro do nevoeiro, uma nota estranha. Como viera ter ali, viçosa e fresca na ostentação quasi se diria insolente de suas côres e aromas aquella flor? Gypsy abaixou-se e apanhou-a, examinando-a curiosamente.

E olhando em torno depois, viu ir pouco a pouco se accentuando, a sahir da treva a face redonda e amarella do filho do Celeste Imperio. Sway Wang ohava-a e olhava para a flor. E nos olhares do chinez Gypsy poude ler claramente o feroz desejo e a offerta insolente.

Ah! Só elle, só a sua riqueza symbolisada naquella flor de preço, poderia offerecer á belleza da rapariga a moldura de luxo que serviria a exalçal-a. Era a offerta desse luxo o que representava a orchydéa que o chinez lhe atirára aos pés.

E Gypsy silenciosamente, atirou fóra a flor dos tropicos. Depois deitando um olhar de desprezo ao chinez, desappareceu nos meandros da Limehouse.

Era claro. Ella não se venderia. E Sway Wang começou a desejal-a mais ainda. Propoz-lhe ir dansar em sua casa de jogo clandestina. Perdendo toda a prudencia, indicou onde ella se achava á rapariga.

Ella riu-lhe na cara. E depois contou tudo ao pae.

O espião escutou-a attentamente. Que sorte! A policia buscava justamente saber onde é que se reuniam os jogadores, e apezar de todas as pesquizas nada conseguira até então. Um bom premio fora offerecido a quem esclarecesse a Scotland Yard, cujos mais finos rafeiros confessavam-se derrotados pela finura do chinez.

O policia por conta de quem Fair trabalhava fôra tambem um dos adoradores de Gypsy. Um tanto brutalmente fizeralhe sentir o seu desejo e como tantos outros fora repellido. Elle costumava ameaçar Gypsy de não dar mais trabalho ao pae se ella não fosse mais cordata. Deante, porém, da denuncia, só de uma coisa se lembrou: o grande triumpho que a policia ia obter.

De facto, naquella mesma noite, a espelunca de Sway Wang era invadida pela policia e o chinez preso com todos os seus clientes. Viu logo o filho do Celeste Imperio de onde partira o golpe, e um juramento terrivel de vingança sahiu-lhe dos labios. Gypsy pagaria...

Os dias iam se succedendo.

Spike e Billy, os dois irmãos, ambos rondavam a bella dansarina. Spike francamente, abertamente um pouco rudemente mesmo; Billy, sempre cheio de timidez:

— Amo-te Gypsy, dizia elle; meu irmão canta bem, tem uma bella voz, mas repara que as canções que elle entôa são feitas por mim. Todas essas melodias que a toda gente encantam engendra-as o meu cerebro. Por ti Gypsy eu me tornaria celebre um dia...

Ah! Se Billy tivesse o rosto de Spike! Não que a rapariga animasse os avanços deste, sempre um pouco brutal em seus carinhos. Ah! Se Spike fosse respeitoso como Billy!

Foi quando o velho Fair morreu, depois de nos seus ultimos momentos fazer Gy-

A palavra delle. Elle me assegurou.

psy dansar no quarto em que passava as suas derradeiras horas.

E Gypsy ficou só no mundo, amparada unicamente pelo carinho de Billy e de um velho belchior, Chudder, contrabandista, que por um subterraneo, ia de sua bodega ás docas em noites escuras, fazer com os marinheiros negocios que escapavam aos guardas da Alfandega.

Billy comprou um revólver para defender Gypsy contra os seus adoradores demasiado audaciosos. E pensando nelles, só lhe vinha á mente o nome de um autor celebre, autor de um bailado que consagrara Gypsy definitivamente perante o publico e como tantos outros rodeava a dansarina de attenções.

Mas não era desse que se receava a rapariga e sim de Spike, que a perseguia incessantemente.

Uma noite o autor acompanhou Gypsy ao deixar o theatro. E nas aguas dos dois, Billy, o revólver engatilhado, marchou tambem. Seria aquella noite talvez que elle daria uma lição ao atrevido. Mas á porta de Gypsy o rapaz com a maior naturalidade beijou-lhe a mãosinha e retirou-se. E Billy, desarmando o revólver partiu tambem.

Entretanto, o perigo que correu Gypsy foi bem real. Spike entrara, decidido a subjugar todas as resistencias, a dobrar, por fim a vontade da rapariga. Máo grado as supplicas e as violencias, Gypsy conseguiu defender-se e pôl-o fóra do aposento. E Billy nada suspeitava do que se estava passando. O que tinha de acontecer porém, aconteceu um dia. Enraivecido pela resistencia, Spike entrou brutalmente no quarto de Gypsy, jurando que dali não sahiria sem que ella lhe desse o beijo tão ambicionado. Gypsy que lutara contra a inclinação que tinha para o rapaz, só lhe respondia:

— Não, Spike, tu não me amas. Desejo não é amor e eu quero que me amem.

Essa não era entretanto, a opinião de Spike agarrara-a e sujeitando-a, tomára a louquecia. E depois não era ella uma dansarina? Que diabo, o seu dever era satisfazer todos os desejos.

E emquanto discutiam rodavam pelo quarto, elle perseguindo-a, ella defendendo-se.

Billy rondava na rua. Ella conseguira por fim ver acceita por um emprezario uma de suas canções. Era o futuro que se lhe abria. Comprára um ramo de rosas e dirigiu-se para o quarto de Gypsy. Bateu á porta uma, duas vezes. Ninguem respondeu. Poz sobre a soleira o ramo de rosas e afastou-se suspirando. Foi quando ouviu a voz de Gypsy implorando soccorro. Spike agarrara e sujeitando-a, tomára a força o beijo recusado. Billy reconheceria a voz de Gypsy entre cem outras. Em tres pulos subiu a escada e abriu a porta. Que visão atroz! O seu irmão, aquelle que o havia salvo e protegido, seu irmão, o ente que mais amava neste mundo, ultrajando uma rapariga sobre a qual elle Billy mal ousava levantar os olhos!

E então, reedição tragica da scena que primeiro ensangüentou a Terra. Billy sacou do revólver e apontou, novo Caim, sobre o irmão.

Gypsy fugira. No silencio dos grandes dramas, encaravam-se os irmãos, os olhos deante dos olhos. Alguma coisa, porém, prendia-lhe o dedo ao gatilho; a mão tremia-lhe. Deixou cahir o revólver, por fim e...

Spike sahiu.

As pobres rosas brancas jaziam abandonadas na soleira da porta.

O coração inundado pelo desespero Billy partiu tambem.

Em casa esperava-o o irmão. Agarrou-o brutalmente logo que elle chegou. Ergueu o punho tremendo... Mas como a Billy, aconteceu, o golpe não partiu e os dois irmãos cahiram nos braços um do outro.

Como aquelles dois corações sentaram que a sua ternura resistiria a tudo do agora já que resistira áquella prova tremenda! E Spike sentiu então que todo o seu brutal desejo pela belleza fresca de Gypsy se convertia em amor agora. E uma noite Gypsy viu, sentiu aquella transformação. E deixou-se beijar então, fazendo-se pequenina entre os braços de gigante daquelle que ella amava.

Billy soffria.

Uma noite ao recolher-se, encontrou a porta aberta e no quarto um vulto gigantesco a roubar as economias dos dois irmãos. A um gesto de ataque do salteador, o revólver sahiu do bolso de Billy e desta vez não lhe tremeu a mão. O tiro partiu e o gatuno sem um grito rolou sobre o soalho, já cadaver.

Spike ao chegar achou o irmão aterrado deante do cadaver. Era um desordeiro do porto, ao qual varias correcções tinha já applicado, um dos clientes mais fieis de Sway Wang.

A justiça teria de intervir. Ouviam-se passos na escada. Spike pensava. Seu irmão, que a mãe lhe entregara ao morrer, seria mettido na cadeia, julgado, condemnado... Os passos se approximavam. De subito Spike decidiu-se. Empurrou bruscamente Billy para um outro quarto e quando a porta se abriu accusou-se. Fôra elle o assassino.

Viu ir pouco a pouco se accentuando.

Foi contar tudo ao pae.

Dez braços se estenderam para agarral-o. O punho formidavel se ergueu e a um revez tres homens cahiram. Quando os outros correram, Spike já estava longe.

Onde se enconder, porém? Spike lembrou-se de Sway Wang, mal imaginando que entre os dois levantava-se a figura de Gypsy.

Quando o chinez viu entrar o rapaz, estremeceu como a aranha que vê a mosca enredar-se na teia. E ao receber a confidencia do rapaz sentiu o oriental que a hora da vingança era chegada. Pediu-lhe Spike que prevenisse Gypsy. Sway Wang sahiu. Preveniu a policia e foi procurar depois a rapariga. Levou-a á casa. Spike disse á rapariga de que era accusado. "Não fui eu o assassino, disse-lhe, haja o que houver não duvides de mim".

(Conclue no fim da revista).

Minha opinião sobre Constance

POR NORMA TALMADGE

Difficil é dar a gente uma apreciação exacta a respeito de uma irmã, maximé quando essa irmã é tambem a nossa melhor companheira, a quem temos confiado os mais intimos segredos d'alma, com quem temos partilhado as pequenas querellas, os grandes contentamentos, cada enthusiasmo, cada interesse, cada ambição, cada pensamento e cada sonho dos saudosos tempos de adolescencia. Mas, porém, jámais guardou resentimentos, nem aninhou em seu coração o desgosto e o odio. Chego até a ter duvidas de que Constance tenha, algum dia, se conservado de máo humor por mais de dez minutos. A raiva, qualquer que seja a sua tonalidade, sempre nella se converte em brincadeira e chocarrice, porque diz que o semblante da gente se desfigura quando se e tá furiosa comsigo mesma. Existe em Constance um não sei que de primitivo que a faz pular nos bosques, trepar nas arvores e gritar como uma pêga. Ella gosta de gritar. Dá-lhe isso certa emoção que nunca soube explicar. Conta-nos ella que uma vez tentou cultivar o "temperamento artistico", e quando alguma coisa sahia errada no studio, soltava gritos de ensurdecer, mas ninguem a tomava a sério. O director e os actores costumavam dizer jovialmente "a nossa Constance está hoje de excellente humor". Como de costume, percebia o lado jocoso da situação, e ria-se tambem a valer.

Mas, apezar de Constance amar a alegria, a vida, a musica, o brinquedo, a paz, a harmonia, os companheiros de troça, ella é mais séria do que alguem a poderá julgar. Tem verdadeira vocação para a tragedia, e o emocionalismo o que se revela em scentelhas através de suas comedias. Sempre tive firme convicção de que ella é capaz de representar dramas e tragedias tão bem como comedias, e, ás vezes, quando faz caçoadas de meu ar tragico, aproveito a opportunidade para dar-lhe conselho de experimentar trabalhos mais graves. Por muito tempo Constance andava a zombar da idéa, dizendo que preferia fazer o publico rir a leval-o ao choro, mas ultimamente, tem recebido tantas cartas dos milhares de seus admiradores folgazões, manifestando fé na versatilidade de sua vocação, e encorajando-a a experimentar papeis dramaticos, para variar, que ella resolveu lhes provar que merece a confiança de que é objecto. E' bem certo o rifão: "Ninguem dá credito ao propheta em sua propria terra". Quando minha mãe e eu lhe aconselhavamos o mesmo, pedindo-lhe que representasse em dramas que eram remettidos ao leitor de nossos scenarios, ella respondia com a troça. Agora o caso é mais sério, não são os prophetas de casa, são os seus amigos, — o publico que deseja que ella varie o caracter de suas futuras representações. Assim ella decide romper com o papel das "coquettes" e quejandas, com que tem alcançado tão extraordinario successo, para procurar typos de caracter mais circumspecto. A primeira da série de fitas em que Constance vae provar que não é talhada para comediante apenas, é "East is West", drama de amor produzido por Samuel Shipman e John B. Hymes.

não obstante, me esforcei por esquecer de que Constance é minha mana, e a minha mana mais querida — com excepção de Natalie — e consideral-a-ei uma extranha Constance, Constance Smith, ou Constance Jones, estrella de cinema, em vez de Constance Talmadge.

A razão porque Constance tem alcançado successo em comedias é que possue em alto grão o senso mimico, o conhecimento sagaz da natureza humana, a natural tolerancia para com as pequenas faltas e imperfeições, os modos, as peculiaridades e excentricidades das pessoas. E' dotada tambem de admiravel senso humoristico, de genuino e fervoroso amor pela vida. Por isso é que dizem que ella é "um ser humano completo". Ha dias em que é a criança travessa, cheia de espirito e juventude, ha outros em que é impulsiva,

Este film está sendo dirigido por Sidney Franklin, que acredita, como eu, e como Constance começa a crêr, que ella não é, afinal de contas, uma actriz "typo", no sentido invariavel do termo, mas pode representar qualquer papel, caracter, ou parte em que assente a sua força de vontade.

MINHA OPINIÃO SOBRE NORMA

por *Constance Talmadge*

Quando me pediram que escrevesse um pequeno artigo sob o titulo "Minha opinião sobre Norma", recusei peremptoriamente, a principio, porque julguei que seria de máo gosto informar ao publico sobre o que realmente penso — que considero Norma, hoje, a maior artista emocionista da tela. Se os meus leitores, porém, me prometterem que não me accusarão de indelicada, ou de orgulhosa, esforçar-me-ei por discorrer sobre Norma do modo mais imparcial.

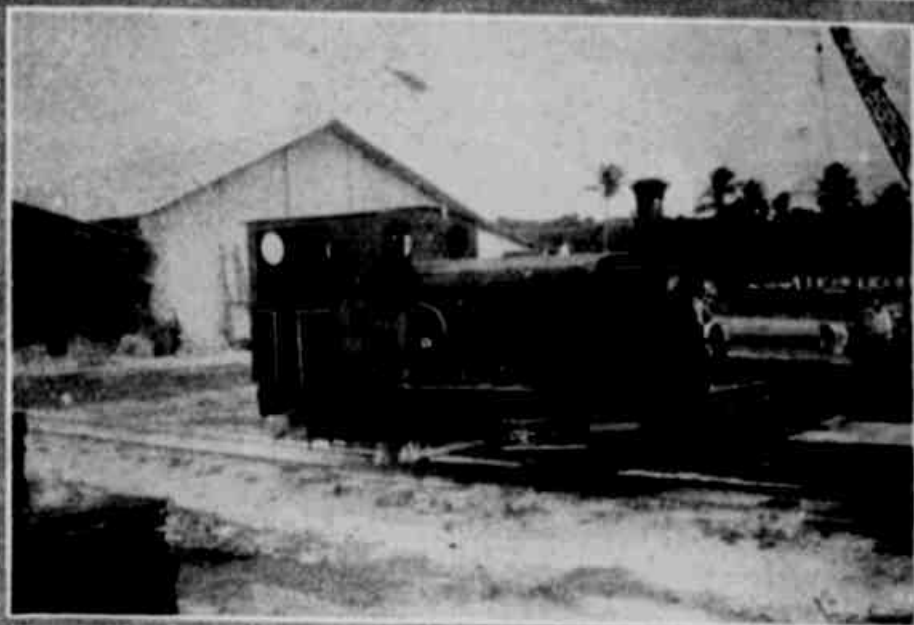
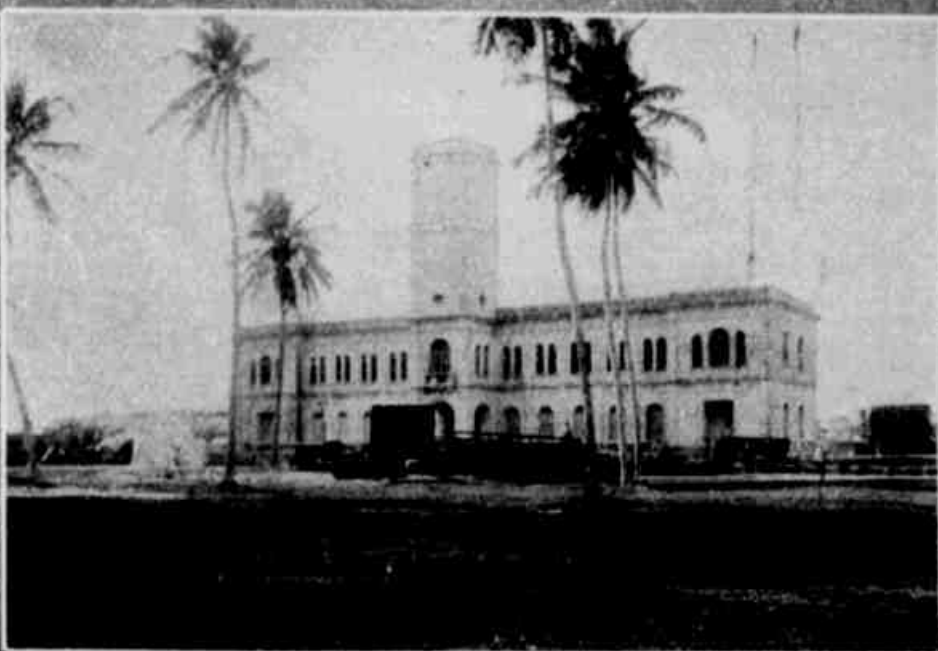
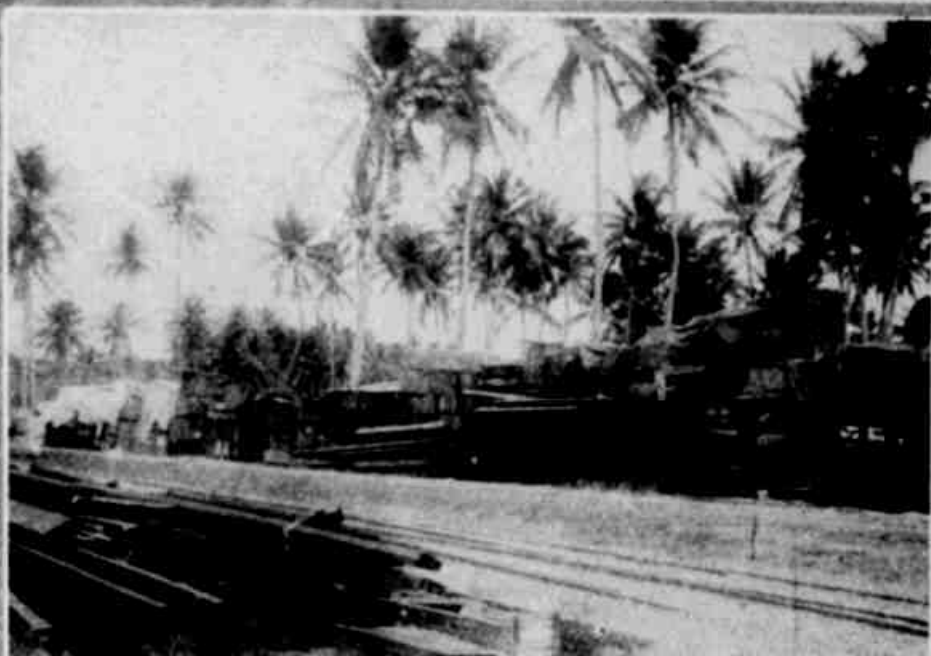
Uma das qualidades que mais me agradam em Norma, é a sua simplicidade quasi infantil. Ella alcançou o successo, bem como a recompensa pecuniaria que aquelle sempre acarreta numa edade em que as moças, na maioria, começam apenas a estabelecer-se na posição que escolheram. Nem homenagem, nem successo, nem poder, nem dinheiro, porém, poderiam jámais mudar a Norma. As suas amigas de hoje são quasi todas as mesmas companheiras antigas, que ella conhecera no Brooklyn Vitagraph, quando ganhava 25 dollars por semana. Nomes nada significam para Norma. Continuamente é convidada pela alta sociedade, por famosos profissionaes, por pessoas de proeminencia no mundo dos negocios para que ella os visite e frequente as suas festas, mas Norma prefere um punhado de amigas que estima de verdade, e as festas domesticas, em tempo de inverno, porque nos assentamos no chão, ao redor do fogo, para comer pipocas, frutas e doces, como um bando de crianças ou, em tempo de verão, um "pic-nic" familiar, levando cada um sua cesta de comestiveis. Tem realmente, franco desgosto pela pompa, a ceremonia, ou qualquer ostentação.

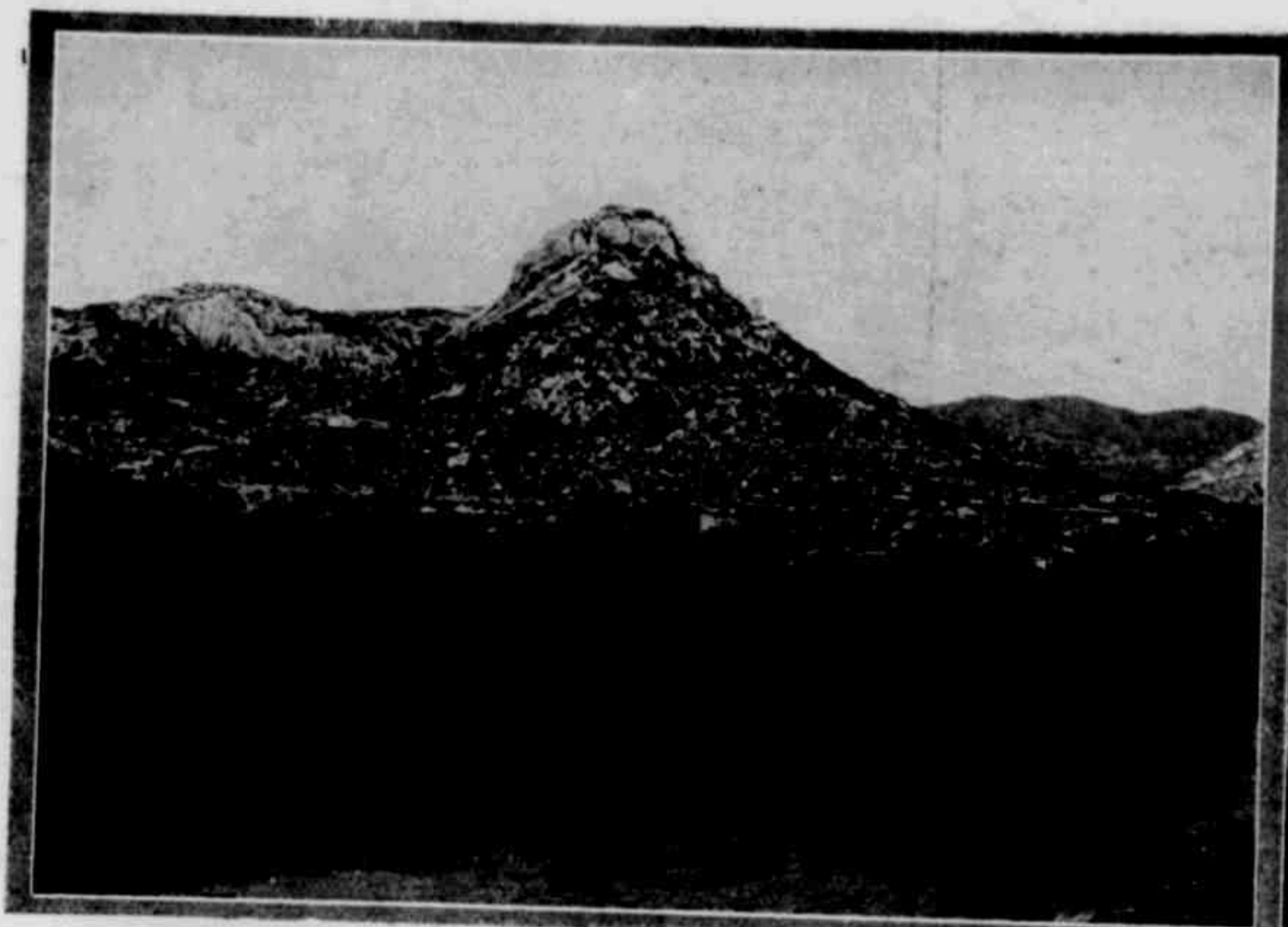
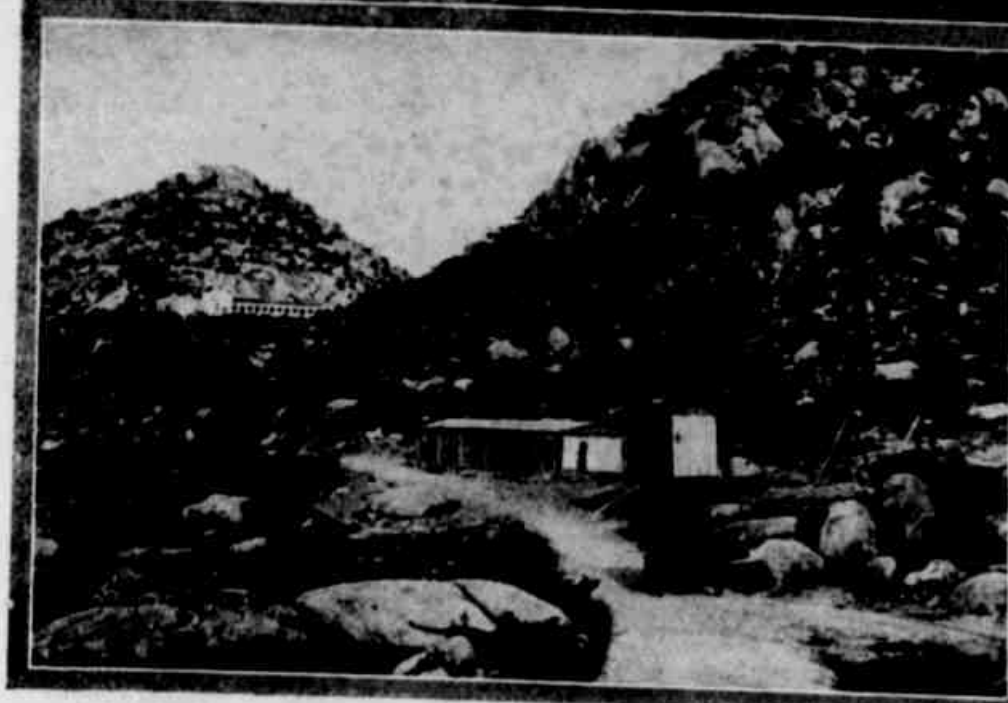
Uma das coisas, tambem, que mais impressionam em Norma, é a sua infatigabilidade. Possue uma tremenda capacidade de trabalho. Faz tudo com grande gosto e zelo ardente. Mesmo as coisas mais insignificantes da vida adquirem nova significação e differente aspecto quando Norma está presente, porque os que a rodeiam não podem furtar-se á influencia do fluido enthusiastico que della dimana. Esta estupenda energia resalta quando a observamos no studio, a trabalhar. Perde absolutamente a noção de tempo e logar, e se atira de coração e alma á parte que representa, parecendo transfundir o seu sangue no caracter que personifica. E por isso que ella tem genuino e inflammavel amor ao trabalho que executa, nunca succumbe á fadiga. Muda de roupa não raramente nove, dez vezes, de maquillage tres, quatro e nunca se cansa nem se queixa porque está cada vez mais anciosa de fazer as coisas correctamente, tanto quanto o está o seu proprio director. E Norma não quer ajudante. E Norma prefere fazer as coisas por si mesma.

Norma é o critico mais severo de si propria. Jamais se mostra satisfeita com o seu film. Pouco importa que o publico e a imprensa elogiem o seu trabalho, ella dirá sempre: "Não estou tão boa como o deveria estar, estarei melhor no meu proximo film". Temos o costume de assistir juntas á exhibição de nossos films na sala de projecção, no studio, e criticamos uma á outra sem piedade. Ou, melhor, Norma critica os meus films, pois raramente tenho opportunidade de encontrar senões nos seus.

Mesmo quando nós descansamos nos intervallos das representações, Norma continúa a mesma vida estrenua. Joga o tennis, o golf, atira-se á agua, guia carros, dá longos passeios a pé, faz tudo para conservar-se em bom estado de saude. Estudava, recentemente, dansas classicas e tomava lições de francez. Lê muito mais do que eu e gosta immensamente de theatro. Tambem eu gosto do theatro, mas prefiro a opera.

Em Norma não ha um recanto para a falsidade e a artificialidade. O povo costuma dizer que os seus mais reconditos pensamentos se revelam na tela. Isto é porque a tela tem um poder magico. Ella photographa a nossa personalidade — o

(*Conclue no fim da revista*)

AS GRANDES
OBRAS CONTRA
AS SECCAS
NO NORDESTE
BRASILEIRO

LOCOMOTIVA UTILISADA NO TRANSPORTE DO MATERIAL PARA AS OBRAS DE AÇUDAGEM — TYPOS DE GUINDASTES UTILISADOS NA CONSTRUCÇÃO DOS AÇUDES PARELHAS E GARGALHEIRAS — BRITADORES DE PEDRAS PARA AS OBRAS,EM DEPOSITO E DEPOSITO EM NATAL, RIO GRANDE DO NORTE ; MATERIAL PARA O AÇUDE GARGALHEIRAS, AGUARDANDO TRANSPORTE—MATERIAL PARA O AÇUDE PARELHAS E ARMAZENS DE DEPOSITO DE MATERIAL DA INSPECTORIA FEDERAL DAS OBRAS CONTRA AS SECCAS — SÉDE DO 2º DISTRICTO DA I. F. O. C. S., NA CIDADE DE NATAL —GARAGE E OFFICINAS DE CONCERTO DOS AUTOS E CAMINHÕES DE SERVIÇO

AS GRANDES OBRAS CONTRA AS SECCAS NO NORDESTE BRASILEIRO

GARGALHEIRAS: A' DIREITA, ACAMPAMENTO DO PESSOAL OPERARIO; A' ESQUERDA, A MEIA ENCOSTA, A CASA DOS ADMINISTRADORES — FACHEIRO (CACTO), UM DOS VARIOS VEGETAES DA ZONA ASSOLADA PELAS SECCAS, QUE RESISTEM A' FALTA DE AGUA, SERVINDO DE ALIMENTAÇÃO PARA O GADO — OBRAS DE ARTE: PONTE DE CIMENTO ARMADO SOBRE O LEITO DO RIO MANIÇOBA, DE CURSO EPHEMERO, CAUDALOSO NO INVERNO E SECCO NO VERÃO—GARGANTA ONDE SERA' ESTABELECIMENTO A BARRAGEM PARA O AÇUDE GARGALHEIRAS, REPRESANDO AS AGUAS DO RIO ACAUÃ— TYPOS DE CASAS DOS OPERARIOS EMPREGADOS NAS OBRAS DO AÇUDE DE GARGALHEIRAS — OUTRO ASPECTO DO GARGALHEIRAS, VENDO-SE A RESIDENCIA DOS ENGENHEIROS E ARMAZENS DE DEPOSITO DE MATERIAL.

A testemunha-fantasma

(JES' CALL ME JIM!)

Film Goldwyn — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Jim Fenton	Raymond Halton
Paul Benedit . . .	Will Rogers
Mr. Belcher	Lionel Belmore
Miss Butterworth . .	Irene Rich
Buffin	Bert Sprotte
Mike Conlin	Nick Cogley
Sam Yates.	Sydney de Grey

OPINIÕES DA CRITICA

Uma das melhores comedias que tem sido transportadas para o cinema.

Moving Picture World.

Uma bella interpretação de Rogers nessa historia comica.

Motion Picture News.

Esse film deve dar um grande interesse á bilheteria do cinema que o levar.

Exhibitor's Trade Riview.

Se quizerdes apreciar uma excellente producção vinde ver esta.

Wid's.

Rio abaixo, até á aldeia, era ainda um bom estirão! Mas bem se importava Jim! Com um dia como aquelle! A Primavera chegara e as margens do rio eram um tapete verde-gaio, esmaltado aqui e ali pelas corollas cor de rosa e brancas que cahiam das arvores em flor. A agua em que a canoa ia rasgando silenciosamente o seu sulco tinha o mesmo azul dos céos, e as gottas que tombavam do remo de pá, alegremente listrado, scintillavam como brilhantes á luz viva do sol.

— Lindo dia! — disse Jim para Sprotte.

Sprotte martellou com a cauda o fundo da canoa, perscrutando a paizagem, á espreita de alguma caça eventual. E como nada visse nas margens senão tufos de violetas roxas, ás vezes algum pintasilgo ou pardal cantador, de novo cerrou os olhos, somnolentamente.

— Estás com preguiça, Sprotte — indagou Jim.

Sprotte bateu mais forte com a cauda, como se impugnasse a accusação, mas tornou a cerrar os olhos, e Jim poz-se a rir.

— E' esta mesma lazeira em tudo e em todos quando chega a primavera, — monologou sorrindo. Ha um não sei que no ar que nos desperta o desejo de preguiçar á toa, de sonhar, de remanchar á toa! Só conheci até hoje uma excepção: minha tia Lizzie. Essa, aos primeiros dias de calor, arregaçava as mangas, enrolava uma toalha á roda da cabeça, e começava a despregar a passadeira da escada. Era o primeiro passo. Depois disso, que volta levava aquella casa toda! Mania de mulher! E as mulheres são cheias de manias, Deus louvado! Pelo menos, tanto quanto eu sei.

As casas da aldeia, aggregadas mais e mais, vinham descendo em filas incertas, ao encontro da margem do rio. No ponto em que ellas se apinhavam mais umas com as outras, uma ponte grosseira entrava pelo rio a dentro.

Jim dirigiu a canoa nessa direcção, e finalmente levou-a para a praia onde ella ficou a reflectir, imparcialmente, nos flancos pintados, de ouro do sol e o azul das aguas. Jim relanceou então os olhos em volta, com uma expressão de desapontamento.

— Contei encontrar Paulo por aqui, — disse para Sprotte. — E sempre neste dia que eu venho a villa!...

Sprotte fez ouvir um uivo de sympathia, e logo voltando-se, largou pela viella acima, olhando para traz como se significasse um convite aos dois.

— Anda dahi! Vamos procural-o, — dizia-o tão claramente como podia, na sua linguagem de cão.

— Lá vae elle, rua acima, para casa de Paulo! Decididamente, os cães são dotados de muito mais bom senso do que os homens! — commentou Jim, seguindo o animal.

Em frente ao alpendre de uma pequena casa que era pouco mais que uma barraca, o cão parou de improviso. Jim fez outro tanto. Tão surprehendido parecia um como outro, pois estava cerrada e fechada a porta, e as janellas olhavam para os visitantes com esse olhar sem vida, peculiar ás janellas das casas vazias.

— E' extranho: Paulo nunca fecha a porta a chave... — ponderou Jim. — Depois, para que, para que havia elle de fechar a porta?

O certo, porém, é que a porta estava fechada e bem fechada. A casa tinha o aspecto de haver sido definitivamente abandonada pelo seu antigo morador. O homem e o cão deram costas á moradia, e foram descendo a rua devagar, a revolver no espirito o mysterio. A' esquina, onde a estrada que conduzia aos arredores cortava a principal rua da aldeia, detiveram-se, a olhar para um e outro lado, hesitantes.

— Bem. Vamos comprar os mantimentos, Sprotte. Encontremos ou não Paulo, temos que comer, de todo o modo! Quem sabe se o agente do correio nos pode informar que destino elle levou?!...

Proseguiram, caminhando desageitadamente pelo passeio de taboas, como sóem fazer os homens e animaes, acostumados a sentir a terra fofa e macia, debaixo dos pés.

— O senhor é o Sr. Fenton? — disse uma voz de mulher.

Jim parou de chofre, surprehendido. Sprotte fez outro tanto. A phrase partira de uma moça que estava á porta de uma lojinha, em cuja vitrine apparecia uma porção de chapéos. Por um momento ella observou o forasteiro, e Jim sentiu que córava até á raiz dos cabellos.

— Sim, sou Jim Fenton, — confessou. E ficou esperando que ella tornasse a falar.

— Bem me tinha parecido. E' amigo de Paulo Benedicto, que eu sei. Sempre os via juntos, quando o senhor vinha á aldeia...

— E a senhora sabe o que foi feito de Paulo? — perguntou Jim numa anciedade que o fazia sahir por um momento do seu enleio de a principio. — Paulo é o meu melhor amigo, mas fui agora a casa delle, e elle não está lá! A senhora tem noticias delle?

— Tenho noticias, sim, mas noticias más, infelizmente, Sr. Fenton.

— Mas elle... elle não morreu, hein? — perguntou Jim muito pallido, a tartamudear.

— Não, não morreu, mas perdeu o juizo ha cerca de um mez. Os visinhos, percebendo que elle andava amalucado, foram lá a casa, chamaram um medico, fizeram, emfim, o que puderam. Mas o Sr. Paulo ficou peor, e levaram-n'o, com o pequeno, para o hospicio de Sevenoaks, um logar horrivel, como bem pode calcular, Sr. Fenton.

— Chame-me só Jim, sim? Faz-me uma impressão quando alguem me trata por "senhor"!... — disse Jim. — Pois é bem triste a noticia que me dá, e estou meio resolvido a ir a Sevenoaks buscal-o com o pequeno e leval-os para minha barraca de montanha. Paulo ficará lá aos meus cuidados!

— E o senhor pensa que lh'o deixam levar? Nem pense nisso! Entregue como elle foi, legalmente, á instituição, terá que haver uma acção legal para o tirar de lá. O Sr. Belcher é o figurão que põe e dispõe, lá em Sevenoaks. Eu já o fui procurar e tentei o que pude para que o infeliz tivesse uma vida um pouco menos dura, lá no hospicio. Mas o Sr. Belcher não quiz fazer nada!

— A senhora era tambem amiguinha de Paulo? — perguntou Jim surprehendido, pois jámais ouvira nos labios de Paulo um nome de mulher.

— Era muito amiga do pequeno delle, — explicou a rapariga. — E era um bom pae, o Sr. Paulo Benedicto! Nem sei explicar como lhe veiu uma desgraça destas!

— Paulo lutava com difficuldades de dinheiro, — declara Jim lentamente. — Nunca pude apurar a fundo, mas era qualquer cousa que se relacionava com um invento delle. Parece que o roubaram... Não sei bem, porque elle nunca falava de semelhante cousa, mas não podia ser outra a causa da sua tristeza. Seja como fôr: o certo, é que por bem ou por mal, tenho que o arrancar de lá.

— Ainda bem! Ainda bem! — disse a moça, com os olhos cheios de enthusiasmo. — E não deixe de me dar noticias de como vão as cousas, — sim, Sr. Fenton?

— Chame-me só Jim, sim? — insistiu o mancebo, vivamente.

— Pois bem, Jim: espero ter em breve noticias suas.

Na viagem, rio acima, as afflicções do amigo e a recordação da moça que tanto se interessava por elle, associaram-se por igual no pensamento de Jim. Poucas mulheres conhecera Jim até então, mas aquella tinha-lhe causado uma forte impressão. E recordava-se dos seus cabellos acamados em macias ondas sobre a fronte, os olhos que semi-cerravam quando ella ria, e que abrindo-se de novo, revelavam clarões errantes, á semelhança do sol quando se espelha numa lagoa placida e profunda.

— Tenho que tirar de lá Paulo e de o pôr bom... para ella! — foi o que Jim reflectiu comsigo. E se havia o mais leve laivo de pezar na idéa de que ella — no seu pensamento *ella* era já a graciosa apparição daquella manhã, e ninguem mais — de que elle queria bem a Paulo, elle se recusava a reconhecel-o perante a sua consciencia.

Jim entrou logo a explorar a localidade de Sevenoaks, onde Paulo estava confinado. Trabalhava com a mais ponderada cautela. Duas semanas se passaram antes que elle tomasse a primeira iniciativa sobre o caso, mas nesse espaço de tempo, quatro vezes, sob um pretexto ou outro, elle foi em visita á joven chapeleira. Cha-

mava-se Felicia, Felicia Butterworth, mas por mais que ella já lhe chamasse Jim, sem o menor embaraço, elle não lograva reunir a coragem precisa para lhe chamar simplesmente Felicia. Esse nome parecia leval-o a pensar em fadas portentosas, em regatos a dansar em praias arroxeadas, sobre cujo céo se recortavam as azas de um passaro azul a ascender para o firmamento. Pronunciava ás vezes o nome de si para si, bem baixinho, mas quando lhe falava só lhe chamava Miss Butterworth e quando conversava com Sprotte, só a tratava por "ella".

Jim esperava que a lua voltasse para a terra a sua face escura, mas a grande lua, essa lua mysteriosa que todos de tão longe conhecemos, é uma das raras entidades que, neste febril seculo vinte, não consentem que as apressem. Lentamente se foi ella portanto transformando, passando de uma immensa bola a um semi-circulo, logo a um segmento, mais tarde a um fino e estreito crescente de prata. Só depois disso fez uma noite escura. E Jim, com Sprotte estendido ao pé de si, remou silenciosamente rio abaixo, metteu a canoa numa touceira de matto junto á beira da agua, deixou o cão a guardal-a e abalou, monte acima, em direcção do casarão meio-desmantelado em que funccionava o hospicio.

Na volta, Jim não estava só. A seu lado caminhava um homem, um homem de passos vacillantes, que cambaleava por vezes e que abafava constantemente um tartamudear baixo e rouco. Nos braços de Jim, vinha uma creança.

Jim arriou a creança junto de Sprotte e persuadiu o companheiro a sentar-se bem defronte delle. Desencalhou então a embarcação e lá foi remando rio acima, deixando apenas ouvir uma palavra de conciliação, de ora em vez, quando o homem, no seu resmungar constante, deixara perceber uma maior excitação. O rapazinho, a principio conservou-se rigido e direito, mas logo depois pendeu-lhe a cabeça sobre o macio travesseiro que o pescoço de Sprotte lhe offerecia, e ficou a dormir.

Era ainda escuro, bem escuro, quando Jim encalhou a canoa na praia, e lá foi com o menino, pelo atalho acima, na direcção da sua barraca. Cozidos com elle, de um lado Sprotte, e do outro, o pobre demente. Uma vez no interior da barraca, Jim deitou o pequeno num catre e convenceu o doente a deitar-se na cama que elle lhe havia preparado, na pequena alcova, junto á cozinha. Tinha apenas uma janella essa divisão, e Jim havia coberto de papel verde as vidraças, de modo a tornar imposivel olhar para dentro. Poucos minutos passados, cessou o tartamudear do louco, e não tardar que todos dormissem a somno solto.

Dois dias depois, por dentro do matto, appareceu uma escolta á procura de um "lunatico" que fugira do hospicio durante a noite, levando o filho comsigo. Jim foi ao encontro dos guardas, antes delles alcançarem a casa, e aconselhou-os a seguir, na direcção do oetse, a pista de um individuo mysterioso e uma creança que tinham sido avistados, a caminhar com aquelle rumo. Finalmente, quando o ultimo dos guardas se afastou, sem suspeitar do seu segredo, Jim deu um suspiro de allivio.

Depois disso, nunca mais ninguem o incommodou. Paulo fazia-se um pouco mais forte e um pouco mais equilibrado, de dia para dia. A creança brincava com Sprotte, radiante de alegria. Duas vezes, descendo á aldeia, Jim levou a Felicia Butterworth noticias das melhoras conseguidas, e regressou mais e mais fortalecido na sua resolução de pôr P a u l o bom... para ella.

O cerebro annuviado de Paulo clareou por fim definitivamente, sob a influencia do tratamento carinhoso, do repouso, da boa alimentação que se lhe dispensava. Certa manhã despertou com um clarão racional nos olhos claros, e sem aquelle resmungar a que se dava antes.

— Como é que eu vim parar aqui? — interrogou, e Jim com um tacto que lhe era ditado pela sua grande amizade, contou ao infeliz as horas tragicas por que elle passara. Paulo tudo ouviu tranquillo até o momento em que Jim mencionou o nome de Belcher. Ahi arrebatou-o uma colera violenta.

— E' um villão! um bandido! — exclamou. — Jim, ajuda-me a recobrar o que é meu. Eu tinha uma patente e mostrei-lh'a. Elle levou-a, promettendo mostral-a a certos capitalistas. Quando dei por mim, elle e seus parceiros estavam fabricando o artigo da minha patente e enriquecendo á minha custa! Tentei rehaver os meus direitos, mas Belcher apresentou um documento que allegou ter sido assignado por mim, e pelo qual eu desistia dos meus direitos. Era um documento falso, mas quando eu o proclamei, ninguem me deu ouvidos. O desgosto, a pobreza, já a esse tempo me haviam desequilibrado a razão! Tive pois que calar-me, e a ninguem me queixei nunca, nem mesmo a ti!

— Nem a Miss Butterworth? — perguntou Jim.

Paulo pareceu surprehendido em extremo:

— A Miss Butterworth? E porque lhe havia de dizer, se mal a conhecia! Ella era sempre muito meiga para Jimmy, e volta e meia o pequeno fugia de casa, para a ir visitar. Parece ser uma moça de muito bom coração, — não achas?

Jim sentiu dentro de si um grande allivio:

— Ella parece interessar-se muito por Jimmy!

Jim nada mais disse, mas dos olhos irradiava-lhe tão flagrantemente um contentamento infinito que Paulo antes de proseguir, deteve-se um momento a observal-o:

— Ai se pudessemos fazer de modo que o medo obrigasse esse miseravel a cumprir o seu dever! Ou se tivessemos uma pequena somma com que iniciar uma acção, tenho a certeza que conseguiriamos alguma cousa E seria para nós a riqueza, Jim! Sim para nós, pois metade de tudo quanto agora me caiba será teu. De resto, eu nunca poderei pagar o serviço que me prestaste arrancando-me áquelle logar de horror!

— Não penses nisso! — replicou Jim a rir.

Nos dias subsequentes, entretanto, nunca mais elle cessou de revolver projectos no seu espirito. Voltou outra vez á villa uma manhã, para trazer mantimentos, e ao regressar, disse a Paulo:

— Sabes Paulo? Descobri o que havemos de fazer! E tudo se resume nisto: tu morreste, Paulo!

— Ah, morri?... E quando me levas a enterrar? !...

— Homem, não sei se te farei o enterro, mas o que vou, é levantar uma cruz no logar da tua campa! Depois, trarei aqui Belcher para ver o local em que descansas, e cobrarei delle os quinhentos dollars de recompensa que elle offerece a quem te descobrir, vivo ou morto! Para começar, é quanto basta!

Uma semana depois, num trolley puxado por um cavallo que arquejava sob o esforço de haver galgado a ingreme e pedregosa montanha, Belcher appareceu na barraca, e dirigiu-se a Jim que, encostado a uma grande arvore, o observava com um riso que o irritou vagamente.

— Onde estão as provas da morte desse infeliz?

— Aqui dentro, na barraca, — disse Jim, a abrir caminho — Olha: aqui está o paletot delle, a velha carteira que elle tinha no bolso, e que tem as suas iniciaes. E se não lhe basta: olhe para ali, mas não lhe fale! O pobre pequeno está nervoso como um gato doente, e não quero que ninguem o mortifique!

Fez um gesto, e apontou Jimmy que brincava, á pequena distancia da barraca.

O velho estremeceu, apavorado.

— Está bem: mostre-me agora a campa e o dinheiro pertence-lhe.

E ao mesmo tempo que junto á monda de terra, encimada por uma cruz tosca, Belcher contava nas mãos de Jim cinco lindas notas de cem dollars, Paulo Benedicto, da barraca, espiava a scena e suffocava as gargalhadas que ella provocava.

— Como foi que elle morreu? — indagou Belcher.

E Jim teve uma inspiração perversa.

— Eu estava na barraca, quando rebentou uma trovoada horrivel. E os relampagos cortaram o ar, e os trovões reboaram por esses vales com tal rumor que o monte parecia abalado até aos seus alicerces. Mike Conlin estava ahi, commigo. De repente, soou um grito agudo, e á luz viva de um relampago, divisamos o rosto de um homem encostado á janella, — um rosto horrivel,livido e convulso, cujos olhos não se separavam de nós. Um minuto depois sahi, e encontrei Paulo cahido ao chão, morto, com o pequeno a seu lado. Agora, cada vez que ha uma tempestade ouço-o gritar de novo, como naquelle dia! Tão certo como lhe estar falando, Sr. Belcher.

— Qual, historia! Isso é impossivel! — disse Belcher, mas percebia-se-lhe bem a pallidez do rosto e o tremor das mãos quando, um minuto depois, elle subiu para a boléa do "trolley" e colheu as rédeas na mão. Precisamente nesse momento fez-se ouvir ao longe um ronco surdo, e o ar começou a escurecer.

— Vem ahi uma carga d'agua! Não prefere esperar?

Havia meia hora que Jim sentia approximar-se o temporal, mas o velho, tão entretido estava na narrativa de Jim, que nada havia observado.

— Não, aqui eu não posso ficar! — protestou Belcher; mas o clarão de um relampago que zig-zagueou pelo ar, e o fragor do trovão, indicaram claramente que ia desabar dentro em pouco uma bátega tremenda.

— Leve o seu cavallo até a estrebaria, e eu lá irei ter, apenas tenha recolhido Jimmy a casa. Agora, seria impossivel descer a montanha!

Tremulo e de má vontade, Belcher encaminhou-se para o logar indicado, e Jim correu a Jimmy. Ajoelhou-se junto delle, e disse-lhe:

— Filhinho: você sobe lá acima onde está papae, e diz-lhe que eu mando dizer que nem elle, nem você têm que se mexer de lá até eu dizer. E's capaz de fazer isto?

A creança acenou que sim com a cabeça e partiu, com ar solemne. Jim dirigiu-se

á estribaria, ajudou a accommodar o cavallo, e trouxe Belcher para casa. Depois fez chá e preparou uns biscoitos, não deixando ao mesmo tempo de lançar o rabo do olho ao velho para observar-lhe os movimentos nervosos, os olhares que elle cravara na janella, de ora em quando.

A tempestade prolongou-se por muito tempo, conforme Jim antecipara. Fez-se escuro antes della acabar. Belcher, não percebendo grito algum, deixou-se encorajar pela refeição que lhe foi dada, e perdeu o seu nervosismo primitivo, muito embora os relampagos continuassem a fuzilar, e os trovões ecoassem ora mais perto, ora mais longe, ora proximo de novo, como se observa quasi sempre nas tempestadas de verão.

Jim esgueirou-se, escada acima. O pequeno dormia profundamente e Paulo aguardava-o com anciedade.

Deus Nosso Senhor mandou-nos uma boa tempestade, e a mim uma boa idéa — disse Jim.

Conversaram um momento baixinho, e Jim voltou para baixo, e começou a contar os acontecimentos da noite da morte de Paulo, por forma a levar Belcher ao maximo do pavor e da excitação nervosa.

— Foi bem ali, naquella janella, — disse, apontando. — Bem, ali! E que grito, — um grito de alma do outro mundo!

O velho voltou os olhos para a janella. Na mesma occasião rasgou o ar um relampago, e encostado de perto á vidraça appareceu o rosto contorcido e descorado de Paulo Benedicto, sinistro no seu livor espectral. Um minuto depois a janella mergulhou de novo na treva, mas fendeu o ambiente um grito estridente e longo.

— Deus de misericordia! — imprecou o velho, levantando-se da cadeira — E' Benedicto! E' Benedicto que voltou!

— Sim, sou eu que voltei!

Quem lhe falava, era agora uma figura toda de branco, dentro da sala, uma figura cuja mão se estendia serenamente a Belcher que estremecia num terror abjecto.

— Voltei para te fazer dizer a verdade sobre a minha patente. Assigna-me um papel. Dá ao meu filhinho os direitos que eram meus e nunca mais te incommodarei. Se não o fizeres, porém, fica certo: todas as noites visitarei o teu quarto, e cada vez que raiar o sol...

Mas interrompeu-o a supplica do velho:

— Jim! — implorava. — Pelo amor de Deus: dá-me papel! dá-me papel depressa! Assignarei, sim, assignarei tudo!

Escreveu e a lugubre figura acompanhou-lhe, um por um, os movimentos da penna. Metteu o papel nas mão de Jim, e a figura espectral finalmente sumiu-se no negror da noite.

— Passou a tempestade. Quer que o acompanhe até o sopé da montanha? — perguntou Jim, muito affavel, um quarto de hora depois.

Mettia-lhe quasi pena o velho Belcher: tão assustado, tão arrependido, tão alquebrado! Conduziu-o até o ponto extremo do declive, e deixou-o, já a caminho de casa, pela estrada, agora branqueada pela lua. Jim voltou então e galgou prestes a distancia que o separava de casa. As luzes accesas como que lhe acenavam consoladoramente. Lá dentro estavam Paulo e o menino, finalmente felizes e tranquillos. Paulo poderia agora embolsar a parte que lhe cabia nos lucros do seu invento, pois Belcher, com o susto por que passara, nunca se atreveria a protestar. E Paulo e o filho tinham ainda deante de si uma vida que merecia a pena viver.

E elle, Jim? O seu pensamento derivou rio abaixo até ao valle onde pousava a aldeia, até á lojita da chapeleira. Paulo não amava Felicia, nem ella o amava, a elle: queria apenas bem ao pequeno. E Jim sorriu e começou a dizer baixinho:

— Felicia Fenton! Felicia Fenton! São dois nomes que ficam muito bem juntos, que parecem ter nascido um para o outro!

Era o que dizia de si para si.

O PRIMEIRO AMOR

(FIM)

— Juro-te, minha bella, que tu és o meu unico amor.

A bandeja cheia de pratos pendeu sobre a mesa, despejando o conteudo dos pratos sobre as calças do homem, estupefacto. Um ruido de pratos quebrados chamou a tatenção dos freguezes todos. Uma scena emocionante offereceu-se-lhes aos olhos. Livida, com os olhos esbogaphados, Katherine encarava Harry Stanton. Este procurava retirar-se subtilmente, mas a moça não o deixou fazer: como uma louca precipitou-se sobre elle, deitou-o sobre a mesa, com força sobrehumana, procurando-lhe os olhos com os dedos. O aggredido urrava de dor, procurando em vão desvencilhar-se das mãos da sua ex-noiva. Finalmente, um empregado do restaurante agarrou a rapariga pelo meio do corpo, ergueu-a ao ar como uma trouxa e atirou-a á rua. E ella ali ficou atirada, immovel, como um fardo, até que um policial gigantesco, erguendo-a por um braço, intimou-a a caminhar. Como poude chegar até a porta da casa de seus paes, é que nunca soube dizer.

Quinze dias esteve entre a vida e a morte. Quando poude, finalmente levantar-se, sómente lhe restava a lembrança dos dias passados, que ella procurava banir da memoria como um sonho máo de que despertára.

Na tarde desse dia appareceu Donald Holliday para visital-a. Trazia um grande ramo de flores, que ella recebeu com alegria; flores que lhe faziam rever os campos cobertos de flores, a primavera radiante enchendo a terra de sorrisos.

— Como é que elle adivinhou que eu me levantava hoje? — perguntou Katherine á sua mãe, quando o mancebo retirou-se.

— Elle não adivinhou. Fui eu que lh'o disse. Elle veiu saber noticias tuas todos os dias, emquanto durou a tua doença, respondeu a mãe O'Donnell envolvendo a filha num olhar de ternura inexcedivel.

Passaram-se seis mezes. Por um bello dia de outomno, um automovel rodava levantando nuvens de poeira, por uma estrada bordada de campos verdejantes. De repente parou. Donald Holliday saltou e começou a apanhar as lindas flores silvestres que appareciam entre o manto verde de vegetação. Um segundo automovel parou ao lado do primeiro e Ivette Vorne abraçando Katherine, que acompanhava Donald, apresentou-lhe um homem robusto, de physionomia alegre e franca.

— Meu marido, disse. E tu, accrescentou com um olhar malicioso para Donald, que voltava com um grande ramo, e tu, quando te resolves a deixar a vida de solteira?

A moça enrubeceu e não respondeu. Mas o seu olhar envolvia o companheiro em uma onda de ternura reconhecida e de amor infinito.

— Espero que seja breve, não é, Katherine? — disse Donald, dando-lhe as flores.

— Como tu quizeres — respondeu ella, prendendo-as ao peito.

— Então vamos embora daqui depressa, meu querido, gritou Ivette para o marido, entrando no automovel. Senão ficaremos co minveja do nosso tempo de noivado. Adeus!

E o automovel desappareceu em uma nuvem de pó.

A RUA DOS SONHOS

(FIM)

Entenderam-se. Gypsy partiu para ir buscar o dinheiro que Spike tinha a haver nas Docas e que serviria para pagar ao celeste. Gypsy não vira com boa cara a intromissão do chinez naquelle negocio. Mas Spike estava em casa delle. Sahiu. Logo á porta, porém, sentiu que uma mão brutal tapava-lhe a bocca e sem que se pudesse defender, foi arrebatada.

Spike debruçára á janella para ver se Gypsy seguia. Divisou na rua um detective e tres policias. Percebeu que o chinez o atraiçoava. E lesto, galgando os telhados, fugiu.

Gypsy escapou ao chinez que a arrebatára e correu ás docas. Mas o contramestre só chegaria dentro de uma hora.

Voltou para sua casa, certa de que Spike lá iria ter. A' porta, uma mão agarrou-a pelo braço. Era o antigo agente, por conta de quem seu pae trabalhava:

— Olha Gypsy, se nos ajudares a prender Spike, tua fortuna está feita. Quando elle vier aqui e de certo elle ha de vir, levanta em aviso por tres vezes o "abat-jour" desta lampada.

Gypsy fingiu acceitar. Que podia ella fazer? Defronte, na sombra, Sway Wang escutava tudo. Spike chegou. Gypsy entregou-lhe todas as suas miseras economias; e foi procurar Tom Chudder, para dar-lhe escapula pelo subterraneo das docas ao noivo. O velho não resistiu ás supplicas da rapariga.

Na ausencia desta, com um bambú, Sway Wang fizera o signal determinado pela policia.

Quando Gypsy voltou, já achou Spike com as algemas nos pulsos. E deante delle, o policia entregou a somma promettida á moça. Foi assim que Spike se convenceu de que ella o vendera. E baixando a cabeça, a morte no coração, elle partiu com os agentes.

Passaram-se semanas. Spike, accusado de morte, compareceu a julgamento, as algemas no pulso. Cabeça baixa, não encarava ninguem; nem mesmo a pobre Gypsy que depunha a seu favor.

— Que prova apresenta da innocencia delle? — perguntou o juiz.

— A palavra delle. Elle me assegurou que não era o assassino — respondeu ingenuamente a moça, entre o riso zombeteiro dos assistentes.

E outras testemunhas foram ouvidas e todas fizeram carga sobre o rapaz.

Chegou a vez de Sway Wang, o diabolico oriental. Confessou elle com o maior cynismo como fizera o signal determinado pelo agente, allegando que se não tomasse essa inciativa Gypsy auxiliaria a fuga do assassino.

Foi ao ouvir isso que Gypsy e Spike se encararam e a rapariga se atirou nos braços do moço. Os guardas separaram-nos. Mas ahi Billy appareceu. Magro, o rosto desfeito, o espanto, o pavor impresso na face elle olhou para o irmão. E rapido, num impulso de sua alma:

— Fui eu quem matou, sou eu o assassino! — gritou num impeto.

Tudo se explicou afinal. Billy foi absolvido. E a vida daquelles tres seres continuou na Rua dos Sonhos. Gypsy e Spike casaram-se e Billy mergulhou na penumbra da resignação.

Spike entrara para o theatro e triumphára no palco lyrico. Gypsy ganhava rios de dinheiro em um dos maiores theatros como bailarina. E Billy no lar, emquanto elaborava as suas canções celebres, agora embalava o louro bébé que os ligara a todos tres...

DE MARUJO A COMMANDANTE

(FIM)

E o navio ia mergulhando, mergulhando, á medida que o invadia o mar.

Pelas escotilhas, pelas fendas que se iam abrindo no convés, subiam os gazes e a fumaça, numa negra nuvem sinistra e o casco, trabalhado pelas chammas, já o ia levando a corrente para o seu incerto destino.

Estirado á sombra numa rêde, Kichell, o perverso commandante do "Coração da China", do logar de repouso que improvisara á ré do navio, deixava correr os olhos á superficie do mar.

De repente lobrigou á distancia o fumo que se elevava da escuna, e a envolvia toda, de vez em quando. O navio incendiado estava no rumo do pirata, e Kitchell deixou que o vento o approximasse do barco em chammas, até que pudesse distinguil-o melhor. Laredo teve ordem de trazer-lhe o oculo de alcance.

Considerando a escuna longamente, afoguearam-se-lhe os olhos e lambeu os beiços a idéa do saque possivel.

— Nem viva alma a bordo! Que achado! — Falava mais comsigo mesmo do que com Laredo, que estava a seu lado.

— Apromptа o escaler e chama a guarnição.

Momentos depois, com tres ou quatro homens, entre os quaes Laredo, Kichell dirigia-se a bordo.

— Os vapores do gaz liquidaram-n'os! — disse com um riso perverso, examinando a ruina do barco; e lançou os olhos em torno, cauteloso, como a certificasse bem de que ninguem havia ali que pudesse embaraçar-lhe o intento.

Desacordada, o rosto voltado para baixo, Moran jazia sobre o convés.

Laredo approximou-se, pressuroso, e empurrou o corpo para descobrir-lhe o rosto. Os olhos de Moran semi-abriram-se, mostraram-se um momento, como que toldados por uma nevoa. Mas nesse relance, a despeito do vestuario marujo que ella trazia, despertou no cerebro de Laredo uma confusa lembrança. Aquelle rosto já se cruzara em seu caminho; mas em que circumstancias, em que momento, onde?

— Este está chumbado dos gazes... Leva-o para bordo — disse Kichell. E continuou em busca do que pudesse saquear.

Chegado a bordo do "Coração da China", com Moran ainda semi-desmaiada, Laredo chamou Charlie, o cozinheiro chinez e disse-lhe que trouxesse whisky para fazer voltar a si o marinheiro salvo.

Sentada á beira do escotilhão de prôa, Moran tombou para a frente e teria cahido se Laredo não lhe estendesse um braço protector. O chapeu, cahindo para traz, desprendeu-lhe o cabello, e Laredo deu um grito de surpresa, ao amparal-a. O capote de oleado, entreabrindo-se, denunciou tambem a rapariga, e o coração de Laredo encheu-se ao mesmo tempo de admiração e de receio: era preciso que Kichell, aquelle perverso tigre do mar, ignorasse que havia uma rapariga a bordo. Charlie, o imperturbavel chinez estava ao lado delles, com uma chicara de whisky na mão. E Laredo cravou nelle um olhar acceso, ao receber o liquido que elle fora buscar. Mas o chinez abanou a cabeça:

— Mim não diz nada chefe. Charlie não diz nada...

A bordo do "Lady Letty", em chammas, Kichell e os seus homens iam cumprindo a sua obra de devastação, arrombando armarios, arrancando daqui e dali o que de melhor encontravam. Finalmente encontraram o paiol das bebidas, e tomaram conta do que havia, mas as labaredas avançando, rapidas, iam breve reclamar por seu pasto o navio perdido.

Uma escotilha arrombada pela pressão do gaz, abriu caminho ao ar, e o fogo em breve se espalhou por todo o convés.

Vendo frustrados os seus designios, Kichell fez ouvir uma série de pragas, e tratou de se por em segurança, com os homens que levara.

De volta ao seu navio, mandou içar o panno todo para que o "Coração da China" fosse quanto antes afastado da zona de perigo, e momentos depois, numa revoada de chammas negras, o "Lady Letty desceu ao fundo do mar.

— Maldita idéa! — disse Kichell, com uma nova saraivada de pragas e improperios.—Não valeu a pena!... Afinal tudo que ganhei foi uma garrafa de rhum e um marinheiro chumbado!...

Moran, voltando a si, poz-se de pé e lançou os olhos em volta. Laredo em poucas palavras contou-lhe o triste fim que tivera o "Lady Letty" e quantos estavam a bordo. E a rapariga recebeu a noticia como se fosse um homem, ou melhor, como se presume que um homem receba essas investidas crueis do destino.

— E diga-me: não se lembra de mim? — perguntou-lhe Laredo, olhando-a fixamente.

— Não; não me lembro.

— Pois eu sou aquelle almofadinha de roupas finas, que ia fazer o cruzeiro pela bahia de San Francisco!...

Moran volveu-lhe a principio um olhar intrigado, e sorriu depois tristemente.

— E que está fazendo a bordo deste navio?

— Raptaram-me ébrio, e atiraram-me para ahi.

— Raptaram-n'o? — disse ella, com um riso cruel. — Um almofadinha raptado, é boa!

Charlie, o chinez tranquillo, appareceu nessa altura:

— Chefe Kichell manda chamar.

A ordem era para Moran, o marinheiro ultimamente incorporado á guarnição do "Coração da China".

Espalhou-se uma expressão de alarme pelo rosto de Laredo que logo se apressou em aconchegar Moran nas suas roupas marujas, e enterrar-lhe na cabeça a sua boina de mar.

— Esconda-se o mais que puder. Este Kichell é um perverso! Elle que não reconheça o seu sexo!

— Ah, deixe estar: eu tomo conta de mim perfeitamente! — disse atirando para o lado as roupas que lhe offereciam disfarce.

Kichell esperava-a em seu camarote. Moran entrou. Bebado como estava, Kichell não poude dissimular a sua surpresa:

— Uma mulher!

E a sorrir, Moran lhe deu a resposta:

— Sim, uma mulher, mas mais marinheira do que qualquer dos homens que estejam a bordo deste navio!

Kichell observou-a á socapa. Havia nos seus olhos uma duvida, um pasmo, uma interrogação. Era uma mulher de um typo novo, para elle; pensava, e não tirava os olhos della, á espera de rematar o seu juizo.

Moran não lh'o consentiu porém, pois olhando-o fixamente, disse-lhe:

— Mas olhe lá, não se illuda! Conheço bem a gente da sua especie, com ella tenho tido que lidar muitas vezes. Estou aqui para receber ordens, e para mais nada, comprehende?

Kichell via-se assim forçado a não precipitar as coisas, e foi com escarneo que respondeu:

— Está muito bem: veremos de que modo você cumpre as ordens que recebe. Ficas de serviço no meu quarto de vigia, como simples marinheiro, e trata de dormir para logo estares esperta!

Foi deste modo que Ramon Laredo, abastada figura da sociedade de San Francisco, e Letty Sternson, filha de um capitão norueguez do porto de Krumholm, se fizeram companheiros de guarnição, a bordo de uma escuna pirata que velejava com rumo ao Mexico e á aventura.

Durante a noite, a passos cautelosos, Kichell dirigiu-se á prôa, onde Moran dormia, na sua rêde de marinheiro. E a passos egualmente cautelosos caminhava Laredo, vigilante, atraz delle.

Moran, que se remexia desassocegadamente, despertou, e lançando o olhar em volta descobriu Kichell, que se approximava. Fingindo que dormia, deixou-o, porém, approximar-se mais, e saltou ao chão, pois não havia duvida sobre que especie de intenções tinha o corsario.

Kichell deu um passo para traz e logo uma cavilha ponteaguda, passando-lhe defronte dos olhos com a velocidade de uma setta, se foi cravar ao seu lado, no forro da amurada.

O contrabandista fez-se livido: decididamente, aquella mulher não era egual ás que elle até então havia conhecido.

— E faça favor de se convencer, de uma vez por todas, que eu sou um marinheiro de bordo, como qualquer outro, e nada mais! — disse, logo após o arremesso, que por tão pouco errára o alvo.

Laredo appareceu na sombra, e Kichell comprehendendo num relance que teria de brigar com dois, e não com um, afastou-se como se nada se houvesse passado.

— Ficarei de vigia o resto da noite — disse-lhe Laredo.

Mas Moran não acceitou, sem duvida porque não resolvera ainda deixar-se prender por novas amizades. E meneando a cabeça:

— Deixe estar que eu tomo conta de mim!

Pronunciava ella estas palavras, quando Charlie pulou de uma verga com uma faca na mão. E Moran comprehendeu que havia ganho no chinez mais um protector e amigo.

Sentado numa escotilha, Laredo passou a noite a olhar o mar, engolfado nos seus pensamentos. Aqui estava uma mulher como elle jámais pensara que houvesse no mundo. Procurou rumar o seu pensamento á vida que deixára atraz de si, em San Francisco. Mas essa vida, e os personagens que lhe eram peculiares, pareceram-lhe irreaes e vazios. Ali tudo, porém, era realidade, uma realidade selvagem, com cujo fundo a figura de Josephine Herrick jámais se poderia irmanar.

Foi só mais tarde, sob a influencia do céu dos tropicos, que Laredo procurou de novo se approximar de Moran. A moça desde havia tempos previa essa approximação. Tinha um faro especial para essas coisas, pois nem uma palavra se pronunciara, nem um gesto se esboçára, entre os dois, que pudesse dar-lhe a presciencia do que ia occorrer.

Uma tarde, inteiramente desprevenida, sentiu que as mãos de Laredo se cerravam sobre as suas, e ouviu-o a murmurar baixinho:

— Nunca me passou pela cabeça que pudesse haver uma rapariga como tu, Moran.

Moran, suspeitosa, retirou as mãos que elle buscava prender:

— Não gosto desse genero de conversas. Talvez porque não estou habituada, não sei como deva recebel-as.

Percebeu uma expressão de magua nos

olhos de Laredo, e perguntou a si mesma se o não estaria julgando mal, mas manteve a sua reserva.

Quando o "Coração da China", arriou ancora na bahia Magdalena, houve como que uma atoarda, uma animação imprevista entre a população de mestiços chinezes e mexicanos, que habitava a costa.

Kichell, vestido de pomposas sedas, tal qual um mercador chinez, e tresandando ao rhum da civilisação branca, desceu ao seu escaler para que o levassem a terra, áquella aldeia miseravel onde se fazia chamar Hoang-Ho (o Magnifico).

A essa hora, numa choupana de colmo, em terra, uma desgraçada rapariga branca, escrava de um mestiço mexicano, fazia-se a mais linda que podia, docil ás ordens do seu amo. Era preciso dispensar toda a especie de attenções e carinhos a Hoang-Ho, quando elle pisasse terra, e aquella infeliz fora escolhida para deleite do pirata, durante a sua permanencia. Já se percebia, de resto, em toda a povoação uma desusada actividade, indicadora de que a população em massa se preparava para acolher o visitante.

A' amurada da escuna, Moran debruçára-se a contemplar a paizagem, e Laredo estava a seu lado dali a pouco.

— Na volta, esse bandido é bem capaz de fazer alguma das delle! Não importa: na hora, veremos. Por agora, não pensemos nisso! — disse Moran, com um ar de firme confiança.

Alcançára o barco a costa e já Kichell se transportára á aldeia, quando Moran teve uma idéa e voltando-se para Laredo:

— E se nós fossemos a terra, ver como é o Mexico de perto?

Laredo olhou para ella, surpreso. Kichell levára o unico barco de que a escuna dispunha, mas de prompto, esclarecendo o seu companheiro, Moran atirou para longe os sapatos e subiu ao parapeito da amurada, prompta a mergulhar.

Em poucos segundos estavam os dois nadando lado a lado, a caminho sabe Deus de que novas aventuras.

Saltaram nas lages, onde a espuma do mar saltava alta, a cada onda que vinha. Na enseada fluctuava a carcassa de um navio, atirada a cada momento contra a cinta de arrecifes que orlavam a linha de terra.

Moran sacudiu-se da agua e deixandose ver, erecta e selvagem, sobre o fundo dos penhascos, revelando-se aos olhos de Laredo, uma figura de innenarravel encanto.

— Moran, és uma maravilha! — disse num desabafo irreprimivel.

Mas a rapariga da Noruega impoz-lhe silencio.

— Fazes mal em me querer bem, em me querer desse modo! Eu não sou uma mulher da tua igualha, Ramon!

Mas, apezar de taes palavras, Moran não podia fugir á voz do coração, que já a impellia para elle. Dentro da sua alma, como que a seu despeito, havia um sentimento que se irmanava mysteriosamente ao que elle tambem não ousava confessar.

Juntos partiram, a explorar os arredores. Numa volta dos rochedos, deram de chofre com uma scena de conflicto. Cingidos num abraço de morte, dois chinezes rolavam na espuma das ondas, na extrema fimbria da areia. Proximo, entre pedaços de madeira, via-se um sacco cheio de moedas que tambem appareciam, douradas, reluzentes, aqui e ali, sobre as cabeças de pedra.

— E' ouro, e é por isso que elles estão nessa briga de morte!

Laredo debruçou-se e apanhou as moedas espalhadas, por toda a parte. Eram milhares, dellas, do valor de dez e vinte dollars e de excellente ouro americano.

— Dividil-as-emos com a tripulação. Os pobres marujos têm-nos sido fieis e bem o merecem.

A generosidade de Moran surprehendeu Laredo por um momento.

— Mas não com Kichell, — disse apertando os olhos para a observar melhor.

— Com elle tambem, se se mantiver no seu logar e me permittir tomar o primeiro vapor, de regresso a San Francisco.

Laredo riu e abanou a cabeça:

— Nisso, é que elle não consentirá. Só se não tiver meio de o impedir!

Na aldeia, a essa hora, Kichell promovia as suas torpes negociações, formulando as condições para a troca das armas e munições do seu contrabando por opio e rhum

O chefe contrabandista passou com um riso de escarneo ao lado da rapariga branca, caprichosamente engalanada com quanto tinha de mais vistoso e fino. E' que o biltre tinha em vista uma presa melhor.

O garbo hespanhol de moçoila attrahiu-lhe a attenção por um momento.

— Compro aquelle vestido que ella tem! — disse para o senhor da pobre escrava. Depois, voltando-se, ordenou a Charlie, o cozinheiro, que apanhasse o traje risonho da pequena e lh'o levasse para bordo.

Protestando, gesticulando, a rapariga, sob o açoite do mexicano, teve que correr a executar-lhe a ordem. Kichell entrou na choupana mais garrida da aldeia para fazer negocio com os chinezes ali reunidos.

Charlie, olhando para fóra disfarçadamente, apanhou a conversa de Kichell, que se referia á sua suspeita de um motim da guarnição e a á singular captura de Moran, a galharda marinheira.

— Faremos prisioneiros os tripulantes. Quanto á pequena, á maruja, eu me encarrego de tomar conta della!...

E ás pressas, alarmado e perturbado ao mesmo tempo, Charlie partiu a executar as ordens recebidas a respeito do vestido. Facilmente, adivinhava agora o fim a que o destinava o bandido...

Com grande surpresa o chinez encontrou Laredo e Moran a passear nas proximidades das choupanas da aldeia. Estavam á procura de um bote em que pudessem voltar para bordo com o seu sacco de ouro.

Rapidamente, febrilmente, com os olhos dilatados pelo medo e muitas olhadellas para traz no temor de ser espionado, Charlie contou-lhes o perfido plano de Kichell.

Mas Moran atirou a cabeça altivamente para traz e mostrou um riso que era um desafio á luta.

Charlie juntou-se aos dois e caminhou á frente delles para um bote escondido entre os rochedos. Fizeram-se para o navio, e de volta a bordo, Moran, assumindo o commando, chamou a tripulação. Mostrou aos marinheiros o thesouro achado e referiu a historia do estratagema ideado por Kichell.

— De modo que iremos de meias em tudo isto! Tomaremos conta do navio e lutaremos pela sua posse, se for preciso.

Brilhou nos olhos de Laredo um clarão de admiração, ouvindo-a.

Mas em breve ia ser posta á prova a tempera de Moran e de quantos estavam a seu lado, pois Kichell, cauteloso, inspeccionando de longe o seu navio, logo avistara, ao costado, o bote estranho, e seguira no seu barco para fazer melhores observações. Depois, esquivando-se pelo convés, vira e ouvira tanto quanto lhe era mister.

Depressa voltou á terra, e poz em pé de guerra os seus bandidos chinezes, para que déssem o ataque ao navio e se apossassem delle e da rapariga ao mesmo tempo.

"O Coração da China" e a sua tripulação revoltada não podiam partir sem vento e maré de feição; havia, pois, tempo de sobra.

Dentro de meia hora, Kichell com dois barcos carregados dos piratas mais audaciosos que pudera recrutar em Magdalena, partia a tomar o navio á sua tripulação.

Mas a guarnição, provida de armas retiradas ao contrabando, e sob o commando de Moran, estava prompta a recebel-o.

— Fiquem ao largo e nada de abordar, senão faremos fogo para matar!

Com esse cartel de desafio, Moran interpellou Kichell, e num segundo estava travada a batalha.

Os velhos mosquetes de que a tripulação estava armada, troaram uma descarga, e não mais cessaram de atirar.

Possesso de raiva e sequioso por se apossar do thesouro, Kichell animava os seus bandidos, e por fim abordou o "Coração da China". O combate degenerou numa luta á mão armada, como aquellas das eras idas, em que os mares andavam povoados de piratas.

Moran, a rir, a gritar, como um milhafre do mar mergulhou galhardamente na refrega, brandindo uma carabina. Laredo que pela primeira vez se via na situação de matar para não ser morto, iniciava brilhantemente a sua vida guerreira. Havendo podido fugir ao bote de um machado que um chinez brandia como um redemoinho, despedaçou-lhe a cabeça com a coronha da sua arma.

O favorito dos salões de San Francisco convertera-se n'um diabo assassino do mar alto. Corria-lhe no corpo o sangue do homem-tigre de outros tempos. E a rir, com riso de desafio aberto e franco, entrava na refrega, com ardor cada vez mais forte. No mais acceso da peleja, cego pelo sangue da batalha, Laredo e Moran deram de frente um com outro. A batalha estava ganha, mas nem elles o sabiam, nem se reconheceram. E jungidos, enlaçados um com outro, ainda rolaram pelo convez, num breve momento, pelejando como loucos.

Astucioso na derrota, Kichell correra a esconder-se, resolvido a esperar a hora de um novo bote. O tilintar do thesouro soara-lhe aos ouvidos, e estava resolvido a apoderar-se d'elle fosse onde fosse, fosse como fosse.

Apercebendo-se por fim de que o seu adversario era Moran, Laredo ordenou-lhe que parasse. Mas Moran estava possuida da raiva do combate, e a nada dava ouvidos. E continuaram, *round* após *round*, os tripulantes agrupados em volta, maravilhados do caminho que as coisas iam levando.

Por fim, com sobrehumano esforço, Laredo agarrou Moran, alçou-a ao ar rapidamente, suspendeu-a á altura do hombro e atirou-a ao convés, onde ella cahiu sem respiração, inanimada, como um feixe de lenha. Depressa elle correu e se ajoelhou junto d'ella. Desapparecera em ambos o ardor da peleja, e Laredo voltava a ser o galanteador, e adorador de sempre, todo brandura e carinho.

Moran abriu os olhos por fim, e esboçou um tenue sorriso:

— Venceste, camarada, e amo-te por teres vencido!

Foi assim que a victoria sorriu pela primeira vez a Laredo, aquelle que há tão pouco ainda era o bonequinho das salas.

Cahia a tarde e o terral entrara a refres-

car. Laredo poz-se de pé e assumiu o commando:

— Ferra o panno, que ahi vem o vento !

E em breve o "Coração da China" velejava de regresso a San Francisco, levando a seu bordo Kichell, que continuava a esconder-se, sem que lhe sahisse da lembrança o cubiçado thesouro.

Laredo tomou conta da roda de commando para o primeiro quarto. Era uma noite de luar tropical. Dentro em pouco Moran subiu ao convés e foi para junto delle. Trazia o vestido que Charlie conduzira para bordo, o vestido que Kichell comprara em terra, ao aplanar cuidadosamente o caminho das suas esperanças.

Moran achegou-se mais ao mancebo. Era toda feminina agora. Tinha Laredo por seu senhor e amo e desvanecia-se de ser sua. Elle puxou-a para si, junto á roda do leme.

Moran viu nessa hora o seu triumpho.

Foi ao cahir de outra noite que "Coração da China", de novo em contacto com a civilisação, arriou a ancora em aguas de San Diego. E alli, na esteira dos pharóes que illuminavam o navio, Laredo descobrio o "Petrel". Era outra vez o contacto com a vida de outr'ora ! E que mez havia sido o que passara !

— Vou á terra communicar a captura da escuna ás autoridades do porto. A tripulação que permaneça a bordo, sob o teu commando, — disse a Moran com um affectuoso adeus.

Depressa Laredo soube em terra que os seus amigos do "Petrel" estavam dansando no hotel Coronado. Os seus passos guiaram-n'o para alli, incapaz de resistir á situação dramatica que adivinhava.

No escriptorio do hotel encontrou uma das pessoas da elegante sociedade, que correu a interromper o baile para uma declaração sensacional :

— Sabem ? Ramon Laredo voltou do reino dos mortos !

E houve um grito de admiração e logo uma revoada de applausos, quando Laredo entrou no seu traje de marujo, como verdadeiro capitão que era do "Coração da China".

Os velhos amigos logo se lhe agruparam em volta, suspensos dos seus labios, a ouvir as aventuras por que elle passara desde San Francisco á bahia de Magdalena, e no regresso.

— Mas finalmente, eis-te de novo junto de nós, — junto de mim ! — disse Josephine Herrick, decidida a tirar o melhor partido daquella empolgante situação.

Uma nuvem toldou as feições de Laredo.

— Vae vestir uma roupa decente, e vem tomar parte no baile : o herõe do dia és tu! —disse-lhe um amigo, mas Laredo respondeu-lhe :

— Não, meu caro, tenho um navio a meu cargo. Além do que, fiz ponto nesta vida que acho ficticia e vã.

Laredo retirou-se em meio de uma grande emoção, e tão depressa elle desappareceu que dentre aquelle bando de levianos surgiu a idéa de irem de surpresa visitar o seu navio.

A bordo da escuna, Moran aguardava o regresso de Laredo e Kichell continuava escondido, aqui e alli, na mesma esperança de lançar a mão ao mysterioso thesouro.

— Como estão as coisas, lá por terra, companheiros ? — perguntou Moran anciosamente a Laredo, mal elle poz pé no convez.

— Tudo aquillo é um mundo de ninharias, Moran; mas em breve nos acharemos em logares onde a vida é feita de coisas reaes.

E longamente conversaram, esboçando juntos um dourado futuro, até que os surprehendeu a alegre multidão do Coronado, a povoar de gargalhadas o silencioso ambiente da noite.

— Viemos aqui, Ramon, para ver o teu hiate. Podemos subir a bordo ?

A interrogação era de Josephine Herrick, cuja voz se elevava acima do concerto das risadas. E, uns após outros, subiram todos ao convez do "Coração da China", inspeccionaram com surpresa o velho navio tosco, batido dos mares, sujo do tempo, impregnado do aroma selvagem das ondas.

— Nunca pensei que fosse assim !...— disse Josephine, voejando de um para outro lado, sem pouso que lhe servisse. Não era decididamente aquelle o perfume de romance que a trouxera até alli !...

Poz-se depois a olhar curiosamente para Moran e logo interveiu Laredo:

— Miss Herrick: permitta-me apresentar-lhe Moran..., ou antes Miss Letty Sternson.

Laredo podia ter tentado uma explicação; mas um olhar que surprehendera deu-lhe a perceber que era inutil. Assim resolveu divertir os visitantes, levando-os a dar volta ao navio, contando-lhes os extranhos successos de que a escuna fôra theatro, desde que o tivera por um dos seus moradores.

Moran, sentindo-se esquecida, receiosa de que talvez Laredo, de novo entre os seus velhos amigos, se sentisse envergonhado por ella, desceu ao seu camarote, e ali se lhe deparou Kichell, empenhado nas suas diligencias para descobrir o thesouro precioso. Outr'ora, logo lhe teria offerecido lucta, mas agora ella não era mais Moran: era apenas Letty Sterson.

— Soccorro, soccorro, Ramon ! — disse n'um grito que não escapou despercebido a nenhum dos visitantes.

De um pulo, Laredo galgou a escada e penetrou na "cabine" precisamente quando, de punhal na mão, Kichell investia para Moran.

Os dois se atracaram luctando, mas não demorou que Kichell fugisse ás mãos do mancebo e se escapasse para o convez. Laredo perseguiu-o, porém, lançou-o ao chão, e os dois longo tempo rolaram pelo convez, ante os olhos de todos, colhidos na hypnotica fascinação do terror. Com um estorcegão violento, Laredo fez cahir das mãos de Kichell a faca de que elle estava armado, mas o bandido mais uma vez se lhe furtou ás mãos e procurou refugio no gurupés. Brandindo a faca, Laredo foi atraz delle. De novo se empenharam em lucta os dois homens, suspensos sobre o espelho das aguas.

Escoou-se um breve momento. Uma lamina relampejou no ar, e Kichell foi visto vacillar, perder o apoio das mãos sobre o madeiro, e tombar no vácuo.

Laredo voltou então ao convés e radiante de alegria colheu Moran nos seus braços.

— Minha, minha para sempre, adorada !

Era em poucas palavras uma declaração, um desafio, ante o qual o alegre grupo achou de bom conselho retirar-se em silencio.

PÓDE CASAR, PAPAE !

(FIM)

Foi a cantarolar que, minutos antes da hora marcada, Judith deixou que Watonah lhe abotoasse o seu lindo vestido de vidrilhos e lhe frizasse os caracóes dourados em rolos reluzentes. Depois, envolvendo-se rapidamente numa *écharpe* vaporosa, desceu ao andar inferior, donde se passou ao jardim, em companhia de Congressman Hamill.

Rapidamente, expoz-lhe o seu plano. Congressman e ella, com a fiel india por *chaperon*, iriam passar os ultimos dias da semana no "Chalet das Madresilvas", a pittoresca residencia da tia Hallie.

— O senhor ficará sexta, sabbado e domingo até á noite — disse-lhe, com gravidade — e mais não me será preciso para figurar que especie de marido o senhor póde dar. Ao cabo de comermos tres refeições, durante tres dias, á mesma mesa, conhecer-nos-emos bem e saberemos se estamos ou não estamos mesmo apaixonados um pelo outro.

Hamill, de tão surprehendido, não poude interrompel-a, mas depois que ella concluiu:

— No Estado onde nasci, as moças de educação não fazem cousas assim. Não é bonito, e offerece pasto á maledicencia... Além disso, seria arruinar a minha carreira, só para satisfazer um capricho seu!...

— Não vejo o que se pudesse censurar, —disse Judith—nem o prejuizo que dahi podia vir para a sua carreira. Não são cousas destas que arruinam as carreiras dos politicos...

Judith proseguiu argumentando e Hamill persistiu na sua recusa. Depois, a moça pediu, supplicou, e... e Hamill não poude ser mais forte que o demonio.

— Bem reflectido, não ha no caso nada de inconveniente — concordou Hamill finalmente — demais a mais devendo nós casar-nos logo depois. Não é como se a um outro individuo a senhora fizesse identica proposta...

Alvoroçado pelo triumpho que já tinha por certo, Congressman consentiu que Judith o despedisse cinco minutos antes das nove horas, e como, ao partir, se encontrasse com o senador Baldwin, apressou-se em estender-lhe a mão:

— Póde dar-me os parabens, — exclamou. — Judith consentiu em casar commigo.

— Bello, bello negocio, — respondeu o pae de Judith, encantado por ver o caso resolvido tão de prompto.

A esse tempo, Judith e um rapaz irreprehensivelmente vestido de casaca, conversavam, muito arrimados um ao outro, num banco de pedra do jardim. Inclinado para a frente, o mancebo escutava com deleite o plano que a moça architectara.

— O senhor póde ir ter commigo na segunda-feira, e ali se demorará até quarta, — disse Judith. — Nesse prazo, teremos occasião de ver até que ponto é verdadeiro o nosso amor.

Para Courtnay não foram precisas maiores explicações, nem argumentos. Tres dias com Judith, no "Chalet das Madresilvas !" Ia ser o Paraiso !...

— E depois de casados, teremos a recordação dessa luazinha de mel supplementar !... — concluiu Courtnay, numa risada.

Não foi pequena a surpresa do senador quando, pela segunda vez nessa noite, um mancebo lhe foi apertar a mão:

— Póde dar-me os parabens, senador: Judith acceitou-me por seu noivo.

— Pelo que tenho visto esta notie — disse mais tarde Baldwin á filha — concluo que te vaes casar.

— Talvez ! Algum dia será ! — disse-lhe a moça, mandando lhe um beijo com a ponta dos seus roseos dedos.

Poucos foram os momentos, nesses dias, que Tod poude estar a sós com Judith, que não parava de andar de um lado para outro, attendendo aos preparativos de uma excursão de compras a Nova York, dizia ella. E só Watonah sabia que o objectivo da viagem não era a grande metropole.

O "Chalet das Madresilvas", localisado no coração da Virginia, com um enorme jardim que punha em volta do amplo alpendre os matizes de mil côres, com as glycinias fragrantes que lhe enredavam os portaes, era ideal para uma lua de mel. Quem ali não amasse — reflectia Judith — não amaria em parte alguma. A travessa menina levara para a residencia da tia Hallie uma quantidade de vestidos vaporosos e simples, como convinha a uma noiva, e cozinhava ovos quentes para Congressman, e fazia-lhe o café da manhã, emquanto elle lhe lia alto os jornaes, uma pratica muito em contraste das normas que os maridos costumam observar. Não houve prova adequada a facilitar o julgamento de um candidato ao matrimonio que Judith perdoasse a Hamill durante o tempo que elle ali esteve. Uma após outra, o infeliz fracassou porém em todas as provas. Para principiar, Judith observou logo ao primeiro dia que elle falava demais. O arrastado da sua voz que fôra até então uma fascinação, por pouco não a arrastava agora ao desespero. Não obstante, preferiu só lhe declarar, no ultimo minuto, que não casaria com elle.

Muito cedo, segunda-feira de manhã, Judith escutou na alameda do jardim um assovio jovial, e assomando á janella, avistou Bob Courtnay, vestido com um costume de sport irreprehensivel, encaminhando-se para a residencia, com uma infinidade de enormes embrulhos, de fórmas as mais bizarras. No auto, que ficara á porta, havia innumeros outros volumes,— uma victrola, duzias de discos phonographicos, quadros, vasos, cortinas, um tapete oriental. Judith correu precipitamente para elle, e arquejante, interrogou:

— Mas que é isto, Bob ! O senhor só devia vir amanhã !...

— Bem sei. Mas quiz-lhe fazer uma pequena surpresa !! — respondeu o mancebo transpondo a porta e arrumando como melhor poude, a sua maleta e os seus embrulhos. — Ué ! Que significa isto ? — interrogou por sua vez, vendo apparecer Hamill.

— Mas que diabo...?—fez Congressman, surpreso.

— Nada de extraordinario, — explicou Judith apressadamente a Courtnay. — O Sr. Hamill veiu passar o dia commigo. E que bella idéa a sua de vir tambem hoje ! Faça favor de me dar o seu chapéo...

— Não, muito obrigado: dois é a conta: tres é demais !

— E como se explica que esse senhor viesse preparado como se tivesse que estar aqui um mez ? — perguntou Hamill, furioso.

— Realmente, não sei, — respondeu Judith com sinceridade. — Com certeza, pensou que a casa não estava mobiliada !

Courtnay resolveu não gastar mais tempo nem palavras, e apanhando a sua mala e os seus pertences, retirou-se com um olhar a Judith, carregado de maguas e desconfianças.

— Que bello refugio de namorados, este aqui ! — disse Hamill com perfidia. — E eu tão bobo que acreditei que me estava sendo dispensada uma deferencia toda especial. Está bem: tarda-me agora a hora de regressar a Washington.

— Vae-se embora ? Pois vá ! — disse Judith, batendo o pé. — Não os posso ver, nem a um nem a outro ! Olhe: o primeiro trem passa daqui a cinco minutos. Aproveite !

A esse tempo, na residencia senatorial de Washington, Tod Musgrave impacientava-se fortemente. Ninguem lhe sabia dar informações a respeito de Judith !

— Não se afflija ! Minha filha não se atrapalha ! — disse o pae Baldwin, de passagem, impaciente tambem por se ir encontrar com a Sra. Langley. — Além disso, Watonah está com ella.

— E' que eu parto pelo trem da meia noite, e precisava falar-lhe antes de partir, — disse Tod, interrompendo-se no seu agitado passeio.

Nesse mesmo passeio consumiu elle as restantes horas do dia, e já começava a cahir a noite, quando inalterada, escoltada sempre pela fiel Watonah, Judith fez finalmente a sua entrada.

— Boas noites a todos ! — disse, sorrindo. — Digam-me uma cousa: Bob Courtnay ainda não appareceu por aqui ?

— Não: porque ? — perguntaram a um tempo Tod e o senador.

— Pois então ha de apparecer, porque as nossas malas de roupa estão trocadas !

— Casaste com elle então !

— Não; mercê de Deus, nem com elle, nem com ninguem.

E depois desta declaração, seguiu escada acima, antes que Tod e seu pae se pudessem repôr do seu espanto.

Os dois homens discutiam ainda sobre Judith e a sua attitude, quando soou fóra a voz de outro homem, em discussão com Jefferson, o copeiro. O senador reconheceu a voz de Courtnay.

— Ah, o bandido ! Tem que me dar explicações !

E Baldwin correu para o *hall*, despertando em Tod a lembrança de uma pistola de seis tiros, guardada na sua *valise*.

— Aquillo, sim, é que é arma para lhe arrancar a verdade ! — disse e foi buscal-a.

Já de volta, atravessando o *hall* para se reunir a Courtnay e o possesso senador, no gabinete deste ultimo, quando se encontrou com a india, que trazia uma pasta na mão.

— Naturalmente, essa pasta é tambem de Courtnay ! — rugiu severamente Tod.

— Não senhor: é... é de Hamill, — confessou Watonah.

— O que ? Outro ? ! E donde é que isso veiu ?

— Judith encontrou-a em sua mala. Foi um engano qualquer...

— O que aqui não falta, são enganos ! — disse Tod tristemente.

Depois pegando na pasta, enfiou o revólver no bolso, e sahiu de chapéo carregado sobre os olhos.

— Afinal, uma vez que vou exigir a um que se explique, farei igual exigencia ao outro ! — resmungou comsigo.

Seguido de Tod, cuja mão direita descansava significativamente no inchado bolso do palitot, um joven congressista um tanto amarfanhado, subiu poucos minutos depois, a escada do senador, a arquejar pausadamente. Na porta, encontraram-se os dois com outro mancebo, não menos alvoroçado, que conduzia a sua mala de roupa.

— Que pressa é essa ? — perguntou-lhe Tod.

— Pressa ? ! Nenhuma !... — respondeu o joven depois de observar o rosto de Tod e o bolso inchado do seu palitot !

— Pois então, venha comnosco ! — intimou Tod, e o mancebo guardou-se bem de desattender a intimação.

— Agora, — declarou Tod, depois que os teve, a ambos, em presença do senador — agora vou matar um de vós, talvez os dois, e exijo que me digam toda a verdade ! Não tenho tempo a perder, além disso: o meu trem parte á meia noite. Faça favor de explicar, Sr. Courtnay, como é que a sua mala de roupa appareceu aqui, no logar da mala de Judith. O Sr. Hamill explicará de prompto como é que a sua pasta foi parar dentro da mala de Judith ! Um de cada vez, hein ?

— Foi como eu disse ao senador Baldwin, — começou Courtnay. — Fui passar um dia no campo com Judith...

— E levou moveis e utensilios sufficientes para fornecer uma casa, — interrompeu Hamill.

— E já lá encontrei este cavalheiro, tão á vontade como se estivesse em casa da sogra ! — proseguiu Courtnay.

— Mas Judith disse-me que não casou com ninguem ? — atalhou Baldwin.

— E que significa então isto ? — perguntou Tod, indicando uma local do jornal, noticiando que Judith Baldwin desposara secretamente o Sr. Congressman Hamill.

— Eu sei lá !... — respondeu Courtnay.

— Santo Deus ! — gemeu Hamill. — Eu bem disse a Judith que isto ia ser a ruina da minha carreira politica !...

— Judith esteve a troçar com ambos nós !... — concluiu Courtnay.

— E não me arrependo, francamente ! — disse Judith, da porta, onde apparecera com os olhos chispando fogo.

Depois, penetrando na sala:

— Papae: é bem facil de explicar. Quiz pôr á prova estes dois senhores, no "Chalet das Madresilvas", para ver com qual delles podia ser feliz. Watonah estava commigo, e nunca houve melhor *chaperon*. Bob Courtnay estragou tudo apparecendo com vinte e quatro horas de antecipação. Agora, abençôo-lhe a resolução, porque assim não precisei senão de cinco minutos para resolver que não me casaria com elle. Agora, abomino um e outro, pois que se me tivessem verdadeiramente amado, não suspeitariam de mim !

— Quanto ao senhor, Tod Musgrave, que me conhece desde creança, suspeitar de mim tambem ! E' inacreditavel !

E a voz se lhe quebrou, pondo os olhos em Tod. Os quatro homens guardavam agora silencio.

— *O carro tá isperando para levá sinhô pró trem*, — annunciou Jefferson.

— Obrigado, Jefferson: já vou.

Não estendeu a mão a Judith, para a despedida, mas com um olhar em que se confundiam, arrependimento, pezar, saudade, disse-lhe:

— Adeus, adeus, Judithzinha, por muito, muito tempo !

Por alguns instantes, Judith nem falou, nem olhou para Tod. Mas logo depois, voltando-se para o copeiro:

— Pódes mandar o carro embora: eu e Tod só partiremos amanhã, Jefferson.

E antes que qualquer dos presentes pudesse esboçar um só movimento, dois braços de jaspe se ennovelaram no pescoço de Tod, que a apertou muito, muito ao coração, num deleite indefinivel.

MINHA OPINIÃO SOBRE CONSTANCE

(FIM)

"quid" mysterioso que cada um tem ou não tem, e que é o factor mais importante para produzir estrellas de cinema, — e revela a nossa alma sem rebuços. Ninguem explica esse "quid", ninguem o analysa, mas toda a gente o conhece num relance, e estou convencida de que é na revelação da sua alma na tela, e não num rosto adequado para a camara photographica, que o genio de Norma reside.

Provavelmente alguem irá dizer: "quem

CEM ANNOS DEPOIS — *Eu era assim?*

não gabará a sua propria fazenda?", mas bem avisei no começo que se escrevesse esta impressão, havia de ser imparcial e deixar meu enthusiasmo correr á revelia. Quando a gente quer conhecer bem uma pessoa, conviva com ella, e eu vivo com Norma por toda a minha vida.

Ao terminar, é de meu dever declarar que a ambição de minha irmã não é de ganhar mais dinheiro, ou obter mais applausos; mas, de trabalhar melhor. Ella deseja obter a qualidade de historia que creça a maior producção possivel e que a habilite a dizer quando vir um de seus films: "Ufano-me daquelle papel. Dei ao publico o que havia em mim de melhor". Ainda hoje Norma é tão docil para receber suggestões e ouvir criticas, como o era quando apenas aprendiz. Norma ouve de boa vontade a todo o mundo e ainda mesmo que não goste do que se lhe suggere, está sempre prompta a ouvir e a aprender.

Loterias da Capital Federal

A REALISAREM-SE EM OUTUBRO

Chamamos a attenção dos nossos Agentes para as Loterias de novos planos.

4 de Outubro	50:000$	por 7$700
7 de Outubro	200:000$	por 22$000
14 de Outubro	100:000$	por 22$000

No preço dos bilhetes já está incluido o sello. Agentes geraes na Capital Federal: Nazareth & C. — Rua do Ouvidor, 95 — Caixa do Correio n. 817 — Endereço teleg. Lusvel. — Rio de Janeiro.

RENY
A unica infallivel
TIRA SARDAS, PANNOS, MANCHAS E CURA ESPINHAS.
PARA SARDAS, ESPINHAS, RUGAS, PANNOS, MANCHAS E TRATAMENTO DA PELLE.
Pomada Reny
NÃO TEM RIVAL
MAGALHÃES & LOBO
RIO DE JANEIRO
Pote 4$000
Pelo Correio 5$000
PO' DE ARROZ RENY — Adherente e perfumado. Caixa grande 2$500. Pelo correio 3$500. Caixa pequena 600 réis. Pelo correio 1$000.
LOÇÃO RENY — Elimina a caspa e evita á quéda dos cabellos. Vidro 5$500 — Pelo Correio 8$000.
DEPIL Unico liquido que tira o cabello em 5 minutos. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000 — Pelo correio 6$500 e 12$000.
AGUA BALSAMICA RENY — Perfume das orientaes. Algumas gottas perfumam um banho. Vidro pequeno 5$000, grande 8$000 — Pelo correio 8$000 e 12$000.
Magalhães & Lobo
Rua Marechal Floriano Peixoto n. 17
Sobrado